

MARCELO SAPARAS

**A ESTRUTURA DO GRUPO NOMINAL NO REMA: A
REALIZAÇÃO DO DINAMISMO COMUNICATIVO**

**MESTRADO EM
LINGÜÍSTICA APLICADA E ESTUDOS DA LINGUAGEM**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

2007

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

MARCELO SAPARAS

**A ESTRUTURA DO GRUPO NOMINAL NO REMA: A
REALIZAÇÃO DO DINAMISMO COMUNICATIVO**

Dissertação apresentada em atendimento à exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem à Banca Julgadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Sumiko Nishitani Ikeda.

PUC - SP

2007

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dra. Sumiko Nishitani Ikeda (orientadora)

Prof^a. Dra. Fátima B. B. Delphino

Prof. Dr. Antonio Paulo Berber Sardinha

À minha mãe, Norma Regina Pereira Saporas,
pelo seu amor incondicional

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Professora Doutora Sumiko Nishitani Ikeda, professora e amiga, que me orientou tanto na pesquisa lingüística, quanto nos caminhos da vida, como exemplo de paciência, carinho e compreensão. São valores que levarei em minha trajetória profissional e que tornaram a realização deste mestrado não somente possível, mas também prazenteiro.

À Professora Doutora Fátima B.B. Delphino, pelo valioso questionamento e sugestões na Banca de Qualificação, que muito enriqueceram esta pesquisa, revelando novos ângulos e possibilidades.

Ao Professor Doutor Antonio Paulo Berber Sardinha, também membro da Banca de Qualificação, pelas sugestões reveladoras de seu profundo conhecimento da lingüística sistêmico-funcional.

Às Professoras Doutoradas Rosinda de Castro Guerra Ramos e Maria Francisca Lier de Vitto, cujas aulas acrescentaram dados enriquecedores a esta dissertação.

Aos meus mestres do Programa de Pós-Graduação em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem, da PUC-SP, com os quais aprendi a importância da língua, que, através de suas várias ramificações, permeia o cotidiano do ser humano.

As mestres convidados, que mostraram a pesquisa lingüística que se faz em outras partes do mundo: Professores Doutores Geoff Thompson, Christian M.I.M. Matthiessen e J.R. Martin.

Ao Professor Doutor Peter H. Fries, que, atendendo a uma solicitação minha, teve a gentileza de me enviar precioso material em que pude me basear no estudo do grupo nominal.

Aos funcionários do LAEL, Maria Lúcia e Márcia, pelo constante auxílio e pela amizade em momentos por vezes complicados.

In memoriam à minha avó Ângela (a Nona) e à dona Glorinha, queridas amigas, sempre afetuosas, que não puderam ver o término desta dissertação.

Ao Bill, amigo querido, pelo afeto, pela paciência, pelo estímulo, que me facilitaram a caminhada nem sempre fácil desta pesquisa.

Aos meus colegas de sala, inesquecíveis amigos, que, pela força, pelo apoio, pela atmosfera agradável de união, fizeram-me ver o outro lado do mestrado.

Para finalizar, agradeço a todos que direta ou indiretamente contribuíram para a realização desta dissertação, e em especial ao Kevin.

Epígrafe

"A mente que se abre a uma nova idéia jamais
volta ao seu tamanho original."

Albert Einstein

A ESTRUTURA DO GRUPO NOMINAL NO REMA: A REALIZAÇÃO DO DINAMISMO COMUNICATIVO

RESUMO

Este trabalho examina a estrutura do grupo nominal (GN) que ocorre no Rema em gêneros discursivos distintos, a saber: escrita acadêmica, crítica de cinema e artigo de opinião. O GN não tem sido alvo de muitos estudos, e além disso, tem sido estudado em sentenças isoladas e, em geral, em sentenças artificialmente construídas. Por outro lado, não há consenso entre os pesquisadores sobre a função, nem sobre a ordem de seus constituintes. Há muitos fatores que influem na constituição da estrutura do GN, dentre os quais a influência do tipo de gênero, conforme pesquisa de Bathia (1991) e Whittaker (1995). Tento nesta pesquisa: (a) examinar textos naturais e não apenas sentenças isoladas, como tem sido feito, já que a literatura nos mostra que a estrutura do GN envolve conceitos textuais como os de Tema e Rema, os quais, por extensão, como veremos, se sobrepõem a questões informacionais de Dado e Novo. Tento, portanto, relacionar o GN com a dinâmica da comunicação para verificar em que medida a constituição da estrutura do GN reflete dessa dinâmica. Esse caminho nos levará a considerar a questão de 'levar a comunicação para frente', através da noção de dinamismo comunicativo, que aumenta, na maioria dos casos, do Tema para o Rema, segundo Firbas (1974). Por outro lado, embora a pesquisa examine o Rema, não se pode deixar de considerar o Tema, já que, segundo Halliday, citado por Fries (2002), "Rema é tudo na oração menos o Tema". Aqui enfrentamos um problema, pois a definição de Tema tem levantado muita polêmica, como se sabe. Devo esclarecer que esta pesquisa se concentra no exame do GN do Rema, já que esta posição é em geral ocupada pela novidade da informação, o que a reveste de maior grau de dinamismo comunicativo, e também porque, embora exerça esse papel primordial no discurso, pouco se tem pesquisado a seu respeito. Assim sendo, o objetivo desta pesquisa é examinar, em textos naturais, em três diferentes gêneros discursivos, a constituição estrutural do GN do Rema, para verificar como se caracteriza essa estrutura para

cumprir sua função no Rema, ou seja, de aumentar o dinamismo comunicativo. Para tanto, apóia-se, basicamente, na Lingüística Sistemico-Funcional e na Perspectiva Funcional da Sentença. Dados numéricos, em termos de oração e adjuntos, mostrarão os elementos léxico-gramaticais que constituem os GNs do Rema. Portanto, os dados parecem indicar que o dinamismo comunicativo, vale-se de orações subordinadas e dos atributivos (oração adjetiva, adjunto adnominal e predicativo) nesse processo, bem como da constituição simples da maior parte dos GNs. Excetuando-se a escrita acadêmica, os dois outros gêneros (artigo de opinião e crítica de cinema) apresentam GNs constituídos de dêitico + núcleo + atributo, o que me surpreendeu dado que era de se esperar que a escrita nos gêneros examinados apresentasse GNs complexos. Fato notável é a ocorrência maciça de artigos definidos em ambiente que serve para veicular informação nova, o Rema. Há ocorrência mínima de orações substantivas, bem como de adjetivos em posição pré-núcleo do GN. O papel das circunstâncias é também importante nesse contexto, pois parece concorrer para explicar o modo como os eventos se realizam, num tempo e num espaço também determinados por elas. Há ocorrência de comparações, com a ocorrência da preposição 'como', para explicar através de comparações o conteúdo mais difícil de apreender.

Palavras chave: estrutura do grupo nominal; perspectiva funcional da sentença; Rema; lingüística sistemico-funcional; gênero.

THE STRUCTURE OF THE NOMINAL GROUP IN THE RHEME: THE REALIZATION OF THE COMMUNICATIVE DYNAMISM

ABSTRACT

This research examines the structure of the nominal group (NG) found within the Rheme in distinguished discourse genres, namely academic writing, movie review and opinion article. The NG has not been the object of many studies, and besides, it has been studied within isolated sentences and, in general, in sentences inauthentically constructed. However, there is no consensus, among researchers, neither on the function, nor on the order of its constituents. There are many factors that influence the constitution of the structure of the NG, among which the influence on the type of genre, according to Bathia's and Whitaker's researches in 1991 and 1995, respectively. I attempt, in this research, to: (a) examine authentic texts and not just isolated sentences, as it has been done, since the literature shows us that the structure of the NG involves textual concepts as those of Theme and Rheme, which, by extension, as we will see, are overlaid with informational issues of Given and New. I attempt, therefore, to relate the NG with the communicative dynamism to examine to what extent the constitution of the structure of the NG reflect off this dynamism. This way will lead us to consider the question of "ensuring effective communication flow", through the notion of communicative dynamism, that increases, in most cases, from the Theme to the Rheme, according to Firbas (1974). Nevertheless, despite the fact that this research examines the Rheme, one has to take the Theme into account, seeing that; according to Halliday, quoted by Fries (2002), "Rheme is all in the clause but the Theme". Here we run into a problem: it is known that the definition of Theme has aroused polemics. I must clarify that this research is conducted on the study of the NG within the Rheme, since this position is generally taken by the information newness, fact which marks it by a higher degree of communicative dynamism, and also because, although it occupies a crucial role in the discourse, little has been researched about it. This being the case, the objective of this research is to examine, in authentic texts, in three different discourse

genres, the constitution of the NG in the Rheme, to find out how this structure is characterized in order to fulfill its function within the Rheme, in other words, the function of increasing the communicative dynamism. Thus, it is basically supported by the Systemic Functional Linguistics and by the Functional Sentence Perspective. Numerical data, in terms of clauses and adjuncts, will show the lexico-grammatical elements that constitute the NGs of the Rheme. Therefore, the data seem to indicate that the communicative dynamism makes use of attributes and the simple constitution of the greater part of the NGs in this process. A noteworthy fact is the widespread occurrence of definite articles in places that serve to convey new information, the Rheme. There are rare occurrences of noun clauses and adjectives in pre-head positions within the NG. The role of the circumstances is also important in this context, for it seems to contribute to explain the way the event occur, in space and time determined by it. There are occurrences of comparisons with the preposition '*como*' ('*like*'), to explain through comparisons the content that is hardest to learn.

Keywords: structure of the nominal group; functional sentence perspective; Rheme; functional systemic linguistics; genre.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - A estrutura básica de um grupo nominal	2
Quadro 2 - Funções típicas de classes de grupos e frases	9
Quadro 3 - O GN e as escolhas léxico-gramaticais (i)	9
Quadro 4 - O GN e as escolhas léxico-gramaticais (ii)	9
Quadro 5 - Tema não marcado	14
Quadro 6 - Tema marcado	14
Quadro 7 - construção existencial	22
Quadro 8 - inaceitabilidade do par Tema-Rema	23
Quadro 9 - Exemplo de Tema interpessoal	26
Quadro 10 - Realização do Tema interpessoal	26
Quadro 11 - Análise do Tema no português de Portugal	34
Quadro 12 - Análise do Tema de Firbas	40
Quadro 13 - o N-Rema	45
Quadro 14 - Exemplo de GN	50
Quadro 15 - Gleason (s.d.) Introduction to Linguistics, 3rd ed. (Exemplos de Fries)	52
Quadro 16 - Quirk, Greenbaum, Leech & Svartvik (1985)	52
Quadro 17 - Huddleston (1984)	52
Quadro 18 - Exemplo de Radford	53
Quadro *18 - Grupo nominal pouco usual	53
Quadro 19 - Contra-exemplo de Fries	54
Quadro 20 - Forma do GN na propaganda	58
Quadro 21 - Seqüência dos atributos do GN na propaganda	58
Quadro 22 - Estrutura do GN no gênero pesquisa acadêmica	58

Quadro 23 - Textos que integram o corpus.....	61
Quadro 24 - Codificação	64
Quadro 25 - A análise do Rema no exemplo (81).....	65
Quadro 26 - Análise do Rema no exemplo (82).....	66
Quadro 27 - Exemplo de análise completa	67
Quadro 28 - Ordenação dos gêneros	70
Quadro 29 - Análise do texto 1	71
Quadro 30 - Tipo de GN no texto1.....	74
Quadro 31 - Tipo de GN no texto 1	74
Quadro 32 - Tipo de GN no texto 1	75
Quadro 33 - Tipo de GN no texto 1	75
Quadro 34 - Análise do texto 2	77
Quadro 35 - Tipo de GN no texto 2.....	80
Quadro 36 - Tipo de GN no texto 2.....	80
Quadro 37 - Tipo de GN no texto 2.....	80
Quadro 38 - Tipo de GN no texto 2.....	81
Quadro 39 - Tipo de GN no texto 2.....	81
Quadro 40 - Análise do texto 3	82
Quadro 41 - Tipo de GN no texto 3.....	86
Quadro 42 - Tipo de GN no texto 3.....	86
Quadro 43 - Tipo de GN no texto 3.....	86
Quadro 44 - Tipo de GN no texto 3.....	86
Quadro 45 - Tipo de GN no texto 3.....	86
Quadro 46 - tipo de GN no texto 3.....	86
Quadro 47 - Análise do texto 4	88

Quadro 48 - Tipo de GN no texto 4.....	92
Quadro 49 - Tipo de GN no texto 4.....	92
Quadro 50 - Tipo de GN no texto 4.....	92
Quadro 51 - Tipo de GN no texto 4.....	92
Quadro 52 - Análise do texto 5	94
Quadro 53 - Tipo de GN no texto 5.....	98
Quadro 54 - Tipo de GN no texto 5.....	98
Quadro 55 - Tipo de GN no texto 5.....	98
Quadro 56 - Tipo de GN no texto 5.....	98
Quadro 57 - Tipo de GN no texto 5.....	99
Quadro 58 - Análise do texto 6	100
Quadro 59 - Tipo de GN no texto 6.....	103
Quadro 60 - Tipo de GN no texto 6.....	104
Quadro 61 - Tipo de GN no texto 6.....	104
Quadro 62 - Tipo de GN no texto 6.....	104
Quadro 63 - Tipo de GN no texto 6.....	104

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Constituição do GN no texto 1	74
Tabela 2 - Elementos prepostos ao núcleo no texto 1	75
Tabela 3 - Constituição do GN no texto 2	80
Tabela 4 - Elementos prepostos ao núcleo no texto 2	81
Tabela 5 - Constituição do GN no texto 3	85
Tabela 6 - Elementos prepostos ao núcleo no texto 6	87
Tabela 7 - Constituição do GN no texto 4	91
Tabela 8 - Elementos prepostos ao núcleo no texto 4	93
Tabela 9 - constituintes do GN no texto 5	97
Tabela 10 - Elementos prepostos ao núcleo no texto 5	99
Tabela 11 - Constituintes dos GNs no texto 6	103
Tabela 12 - Elementos prepostos ao núcleo no texto 6	105
Tabela 13 - Resultado em porcentagens dos 6 textos pertencentes aos 3 gêneros discursivos examinados	105
Tabela 14 - Estrutura dos GNs nos três gêneros analisados	106
Tabela 15 - Modificadores pré-núcleo do GN	107

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
1 APOIO TEÓRICO	7
1.1 A Lingüística Sistêmico-Funcional (LSF)	7
1.1.1 A metafunção textual.....	11
1.1.2 A Perspectiva Funcional da Sentença.....	12
1.1.3 A noção de Tema, em Halliday	14
1.1.4 Pontos de controvérsia.....	16
1.1.4.1 Goutsos (1997).....	16
1.1.4.2 Gómez-González (2000).....	19
1.1.5 Propostas de caracterização do Tema.....	20
1.1.5.1 Leong (2005)	20
1.1.5.2 Whittaker (1995)	24
1.2 O Tema em português	32
1.3 Tema e Rema - Dado e Novo.....	35
1.3.1 O Dinamismo Comunicativo.....	38
1.3.2 O Tema e o dinamismo comunicativo	40
1.3.3 O Rema.....	41
1.3.3.1 O N-Rema.....	45
1.3.4 A linguagem escrita e a densidade de informação.....	46
1.3.4.1 A ordem dado novo.....	47
1.4 O grupo nominal	49
1.4.1 O GN: modificadores e sua ordem.....	51
1.4.2 Os modificadores em português	54
1.5 O gênero	56
1.5.1 O gênero e a estrutura do GN.....	57

2	METODOLOGIA DE PESQUISA	60
2.1	Descrição do corpus analisado	60
2.2	Procedimentos de metodológicos	62
2.2.1	A classificação dos constituintes do Rema	63
2.2.1.1	<i>Codificação</i>	64
3	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	70
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	110
	ANEXOS	118

A ESTRUTURA DO GRUPO NOMINAL NO REMA: A REALIZAÇÃO DO DINAMISMO COMUNCATIVO

INTRODUÇÃO

Este trabalho examina a estrutura do grupo nominal (GN) que ocorre no Rema¹ em gêneros discursivos distintos, a saber: artigo científico, crítica de cinema e artigo de opinião. Para ter chegado a essa decisão, alguns trajetos foram percorridos, abrangendo desde a minha atividade de professor de língua inglesa para alunos brasileiros até os estudos de mestrado que culminaram na presente dissertação.

Sou professor na União Cultural Brasil-Estados Unidos desde 1990 e, nesses anos todos, fui notando que muitos dos problemas lingüísticos que preocupam professores e alunos não encontram solução nos livros que temos à disposição, já que nem sempre eles estão à altura da complexidade que cerca essas questões. Na busca de soluções, elaborei uma pequena coletânea denominada *Inglês Urgente - Tire suas dúvidas*, em co-autoria com dois colegas da referida instituição de ensino, mas aos poucos fui me conscientizando de que era necessário um passo mais definitivo e, assim, iniciei meus estudos no LAEL (Pós-Graduação em Lingüística Aplicada e Ensinos da Linguagem) da PUC-SP. Creio que estou no caminho certo, fato que me tranqüiliza bastante já que, pela minha vocação pelas Letras, deixei de lado minha carreira de odontólogo.

Um dos problemas que desafiam o aluno brasileiro que estuda inglês é o da tradução de grupos nominais ingleses do tipo: (1) *generalizable model of clause and sentence structure*, em que a ordem dos constituintes difere consideravelmente da ordem na tradução para o português, como se pode verificar, comparando a versão inglesa com a tradução portuguesa: 'modelo generalizável de estrutura de oração e de sentença'. Um outro exemplo, que ocorreu em sala de aula de um curso que freqüentei

¹ Tema e Rema são escritos com inicial maiúscula na LSF, porque são funções.

no LAEL foi o seguinte: (2) *mental knowledge structure*, que alguns traduziram por ‘estrutura de conhecimento mental’ e outros, por: ‘estrutura mental de conhecimento’. A propósito, uma situação, que foi até motivo de um artigo em revista científica e que confirma essa dificuldade, é a da tradução de (3) *critical discourse analysis*, que para uns é ‘análise do discurso crítica’, mas para outros é ‘análise crítica do discurso’ como é evidenciada em páginas da literatura da lingüística crítica.

O grupo nominal, segundo Halliday (1994), contém um nome precedido e seguido de vários itens, todos, de algum modo, caracterizando o nome, uma estrutura bastante complexa, como nos mostra o autor, conforme veremos mais adiante. Thompson (1996) nos oferece a estrutura básica de um grupo nominal mostrada no quadro 1:

Quadro1 - A estrutura básica de um grupo nominal

<i>three</i>	<i>cups</i>	<i>of coffee</i>
Numerative	Thing	
Premodifier	Head	Postmodifier

Falando sobre o assunto, Fries (1990) já dizia que todo lingüista concorda em afirmar que o GN inglês é uma construção difícil. E, ao que indicam as palavras de estudiosos da língua portuguesa, como mostraremos mais adiante, a questão também não é fácil em nossa língua. Assim, por exemplo, dizia Perini (1986:38), analisando o fenômeno sob a ótica da gramática gerativo-transformacional: “a composição do sintagma nominal é bem complexa”. Ou seja, o assunto vem permeando, sem solução, os vários modelos lingüísticos até a atualidade. Mas, diante da importância inegável que o estudo da estrutura do GN representa, pois, entre outros fatos, a tradução de pré-modificadores em pós-modificadores causa mudança semântica, segundo Rush (1998), acredito que vale a pena encetar esforços para entender a natureza desse problema.

Nesse contexto, tendo iniciado minhas pesquisas sobre o GN, vi confirmarem-se as minhas suspeitas sobre a carência de estudos sobre essa estrutura gramatical, bem como da falta de consenso entre autores nacionais e estrangeiros sobre o assunto,

como detalharemos mais adiante. Portanto, a primeira etapa da pesquisa examinou a opinião desses pesquisadores, quando pude entrever a existência de muita controvérsia em ambas as línguas sobre a função e, também, sobre a ordem dos constituintes do GN. Pude constatar, então, que:

- a) o GN tem sido estudado em sentenças isoladas e, em geral, em sentenças não autênticas;
- b) não há consenso entre pesquisadores de ambas as línguas sobre a função dos constituintes do GN (ou seja, como seriam categorizados cada um deles: epíteto? classificador? qualificador?);
- c) da mesma forma, não há consenso sobre a ordem desses constituintes no GN: para uns o classificador precede o nome (é um pré-modificador); enquanto que, para outros, ele o segue (é um pós-modificador); e
- d) há muitos fatores que influem na constituição da estrutura do GN, dentre os quais:
 - (a) a influência do tipo de gênero, conforme pesquisa de Bathia (1991) e Whittaker (1995) e
 - (b) a ocorrência do GN no Tema ou no Rema da sentença².

Portanto, diante das incertezas que cercam o estudo do GN, conforme atesta a literatura existente, tento nesta pesquisa:

- 1) examinar textos naturais e não apenas sentenças isoladas como tem sido feito, já que a literatura nos mostra que a estrutura do GN envolve conceitos textuais como os de Tema e Rema, os quais, por extensão, sobrepõem-se a questões informacionais de Dado e Novo.
- 2) relacionar o GN com a dinâmica da comunicação para verificar em que medida a constituição da estrutura do GN reflete essa dinâmica. Esse caminho nos levará a considerar a semântica do GN, bem como função que ele desempenha no interior da sentença: (i) de ser portador de informação dada ou nova; (ii) de assumir a posição de Tema ou de Rema na sentença; e (iii) de 'levar a comunicação para frente', através da noção de dinamismo comunicativo (DC), segundo Firbas (1974),

² Halliday (1994) adota os termos *clause* (oração) e *sentence* (que é o chamamos de período composto) (Bechara, 1967).

que aumenta, na maioria dos casos, do Tema para o Rema, como consequência de dois princípios: do foco no final e do peso no final da oração;

- 3) a constituição do GN deve levar em consideração o gênero discursivo como fator importante nessa questão (conforme, por exemplo, Bathia, 1991; Goutsos, 1997); além disso, a modalidade escrita dos textos examinados deve ser levada em conta.

Embora a pesquisa examine o Rema, não se pode deixar de considerar o Tema, já que, segundo Halliday, citado por Fries (2002): “Rema é tudo na oração menos o Tema”. Aqui enfrentamos um problema, pois a definição de Tema tem levantado muita polêmica, como atesta a literatura sobre o assunto.

Diante da variedade de fenômenos que o estudo do GN requer - e que foram surgindo a cada passo - e diante do tempo disponível, fui obrigado a deixar de lado, pelo menos na atual pesquisa, a questão da comparação da estrutura do GN entre português e inglês, e a dedicar-me a examinar essa estrutura no português, onde também a pesquisa apresenta os problemas citados de (b)-(c), acima.

Devo esclarecer que esta pesquisa se concentra no exame do GN do Rema, já que essa posição é em geral ocupada pela novidade da informação, o que a reveste de maior grau de dinamismo comunicativo e, também, porque, embora exerça esse papel primordial no discurso, não há muita pesquisa a respeito. Julgo também que, devido às referidas características, o GN do Rema e o GN do Tema exigem estudos distintos. Na LSF, conhecemos os trabalhos de Halliday (1970; 1994), Thompson (1996) e Fries (1990; 1999; 2001); fora da perspectiva sistêmica, há os trabalhos de Bruti (2003) e de Rush (1997). No Brasil, citamos as pesquisas de Kato (1998), Monte (2006), Silva e Dalla Pria (2001) e Tarallo (1994). Mas há ainda vários pontos que esperam por esclarecimento.

Assim sendo, o objetivo desta pesquisa é examinar, em textos naturais, em três diferentes gêneros discursivos, a constituição estrutural do GN do Rema, para verificar como se caracteriza essa estrutura para cumprir sua função no Rema, ou seja, de oferecer informação nova, aumentando o dinamismo comunicativo. Para tanto, apóia-

se, basicamente, na Lingüística Sistêmico-Funcional e na Perspectiva Funcional da Sentença.

Assim, tentará responder às seguintes perguntas:

- a) Qual é a constituição estrutural do GN no Rema?
- b) Que influência tem o gênero discursivo sobre a constituição estrutural do GN?

Este trabalho está organizado da seguinte maneira:

No capítulo 1, **Apoio teórico**, é fornecido o arcabouço teórico das áreas de conhecimento que embasam este trabalho, ou seja: a Lingüística Sistêmico-Funcional e a Perspectiva Funcional da Sentença, com enfoque na noção de dinamismo comunicativo. Para ambas as áreas, é traçado um panorama histórico que visa a demonstrar a evolução desses estudos e a inseri-los em um contexto atual. Assim, as noções de Tema e Rema são examinadas à luz de novas propostas, em especial, de Leong (2005), Whittaker (1995) e Gómez-González (2000). As idéias de Halliday (1994) e de Chafe (1976; 1980; 1992) a respeito da densidade informacional estão na base da nossa proposta sobre a estrutura dos grupos nominais (GN) que constituem o Rema.

No capítulo 2, **Metodologia**, refiro-me aos textos analisados, com cerca de 500 palavras cada, pertencentes aos gêneros: artigo científico, crítica de cinema e artigo de opinião. Os textos foram separados em sentenças e, a seguir, cada sentença foi separada em Tema e Rema, segundo Halliday (1994), Eggins (1994) e propostas adicionais de Whittaker (1995), Gómez-González (2000) e Leong (2005), após o que os GNs dos Remas foram comparados em termos de sua constituição estrutural, tendo em vista o envolvimento da informação nova, que concorre para o aumento do dinamismo comunicativo.

No capítulo 3, **Análise e Discussão dos Resultados**, mostro os resultados quantitativos da pesquisa sobre a constituição dos GNs do Rema, em três gêneros discursivos, relacionando-os ao dinamismo comunicativo. Nas **Considerações Finais**, trato de achados que contrariam a tradição: a simplicidade da constituição da maioria dos GNs, que, em texto escrito, era de se esperar fossem complexos; a abundância do

artigo definido na expressão da informação nova, superando em muito a ocorrência do artigo indefinido, e, portanto, aparentemente desmentindo a definição constante nas gramáticas; a maciça ocorrência de adjuntos adnominais, que poderia estar relacionada à questão anterior, mas cuja solução tivemos de deixar para futura pesquisa. Assim também, algumas questões continuarão dependentes de pesquisa adicional, em especial a distinção Tema e Rema, que, em textos reais, oferece muita dificuldade.

1 APOIO TEÓRICO

Neste capítulo, apresento a abordagem da Lingüística Sistêmico-Funcional, enfocando, em especial, a metafunção textual para o exame das noções de Tema e Rema, iniciando esse estudo com uma visão das idéias de Halliday (1985, 1994, 2004) e autores que deram continuidade a essas idéias ou delas discordaram. Por outro lado, as noções de Tema e Rema ligam-se inevitavelmente às de informação dada ou nova, em especial entre Rema e Novo, cujo interesse foi salientado por Halliday em resposta a Firbas num workshop sobre Rema, na Universidade de Nottingham (1990), a que nos referiremos oportunamente. Aqui serão examinadas as pesquisas sobre a Perspectiva Funcional da Sentença, da Escola de Praga, que se ligam à Lingüística Sistêmico-Funcional e, também, as observações de Chafe (1974; 1976; 1980; 1992), que julgamos pertinentes à nossa pesquisa no tocante à densidade de informação, que seria maior no texto escrito do que no oral, segundo a literatura corrente. Finalmente, faremos uma descrição do estado de arte das pesquisas sobre o GN, tanto em língua inglesa quanto na portuguesa, bem como da influência do gênero discursivo na constituição do GN.

1.1 A Lingüística Sistêmico-Funcional (LSF)

A Gramática Sistêmico-Funcional, hoje mais conhecida como Lingüística Sistêmico-Funcional (LSF), proposta por Halliday (1985, 1994) e ampliada por seus colaboradores, explica o modo como os significados são construídos nas interações lingüísticas do dia-a-dia. Por isso, requer a análise de produtos autênticos das interações sociais (textos ou escritos), levando em conta o contexto cultural (gênero) e situacional (registro) em que ocorrem, para entendermos a qualidade dos textos: por que um texto significa o que significa, e por que ele é avaliado como o é.

As principais características da abordagem sistêmico-funcional são: (i) a função da língua é construir simultaneamente três significados (ou metafunções): ideacional (que envolve: experiencial e lógico), interpessoal e textual, que sofrem a influência do

contexto cultural (gênero) e situacional (registro); (ii) o processo envolvido no uso da língua é semiótico (construção do significado através de escolhas).

A metafunção ideacional representa os eventos das orações em termos de *fazer*, *sentir* ou *ser*. A metafunção interpessoal envolve as relações sociais com respeito à função da oração no diálogo e referem-se a dar ou pedir informação ou bens e serviços. Finalmente, a metafunção textual organiza os significados ideacional e interpessoal de uma oração, re-trabalhando os significados que são representados em primeiro lugar ou no final da oração.

E como faz a língua para manipular três tipos de metafunções simultaneamente? A língua possui um nível intermediário de codificação: a léxico-gramática. É este nível que possibilita à língua construir três significados concomitantes, que entram no texto através das orações. Daí porque Halliday dizer que a descrição gramatical é essencial à análise textual. Na lingüística funcional a semântica está naturalmente (e não arbitrariamente) relacionada à gramática. A análise da estrutura do GN vai mostrar como são as escolhas léxico-gramaticais do Rema, pois são elas que realizam o dinamismo comunicativo desse elemento.

Para localizar o GN, vou-me referir à metafunção ideacional/experiencial. Segundo Halliday, as línguas capacitam o ser humano a construir um quadro mental da realidade, para entender o que acontece ao seu redor e no seu interior. Geralmente, quando as pessoas falam sobre o que uma palavra ou uma sentença 'significa', é esse tipo de significado que elas têm em mente - o significado no sentido de conteúdo. O sistema de transitividade constrói o mundo da experiência - daí o nome de metafunção experiencial - em um conjunto manipulável de tipos de processo. Um processo consiste, em princípio, em três componentes: (a) o processo; (b) participantes do processo; (c) circunstâncias associadas ao processo.

Essa interpretação tripartite de processos é o que subjaz à distinção gramatical das classes de palavras em verbos, nomes, e o resto, um padrão que de uma forma ou outra é provavelmente universal entre línguas humanas. Podemos expressar esse fato no quadro 2, com destaque para o GN.

Quadro 2 - Funções típicas de classes de grupos e frases

Tipo de elemento	Geralmente realizado por
(i) processo (ii) participante (iii) circunstância	grupo verbal grupo nominal (GN) grupo adverbial ou frase preposicional

Como já foi dito acima, para a LSF, a língua é um sistema semiótico. O que caracteriza um sistema semiótico é o fato de que cada escolha no sistema adquire seu significado em relação a outras escolhas que poderiam ter sido feitas. Ou seja, a escolha de um grupo nominal em lugar de outro, para realizar determinada função, seja experiencial, seja interpessoal, seja textual, será sempre significativa. Uma coisa é dizer: (4) *O João bateu no meu filho*, outra é dizer: (5) *Meu filho apanhou do João*.

Vejamos a análise das duas sentenças sob as três perspectivas.

Quadro 3 - O GN e as escolhas léxico-gramaticais (i)

	<i>O João</i>	<i>bateu</i>	<i>no meu filho</i>
experiencial	Ator	Processo	Meta
interpessoal	Sujeito	Predicador	Complemento
textual	Tema	Rema	

Quadro 4 - O GN e as escolhas léxico-gramaticais (ii)

	<i>Meu filho</i>	<i>apanhou</i>	<i>do João</i>
experiencial	Meta	Processo	Ator
interpessoal	Sujeito	Predicador	Complemento
textual	Tema	Rema	

Vê-se que o GN ‘*O João*’ é Ator, Sujeito e Tema em (3) (veja Quadro 3) e é Ator, Complemento e Rema em (4) (veja Quadro 4), isto é, as escolhas léxico-gramaticais marcam diferentemente a representação de um mesmo evento experiencial. A esse

1.1.1 A metafunção textual

Dado o interesse desta pesquisa em estudar o GN do Rema, passo a examinar a metafunção textual, que envolve Tema e Rema, com extensões para o exame da informação dada e nova, as quais serão consideradas na constituição do GN, objeto do meu estudo.

Segundo Matthiessen (1995), as metafunções interpessoal e ideacional tratam de domínios de fenômenos que existem 'fora' da língua - fenômenos de sistemas físicos, biológicos e sociais. Através da metafunção ideacional, podemos construir significados da nossa experiência oriundos de fenômenos físicos, biológicos e sociais; e através da metafunção interpessoal, podemos construir significados de papéis e relações sociais. Em ambos os modos, ideacional e interpessoal, criam-se significados; mas o significado é um fenômeno que é de ordem mais alta do que fenômenos físicos, biológicos e sociais: é o traço distintivo dos sistemas semióticos.

A terceira metafunção, a textual, trata do domínio da quarta ordem³ - o domínio do significado, continua o autor. Especificamente, ela constrói os significados ideacionais e interpessoais, para que a informação possa ser compartilhada pelo falante e seu interlocutor, proporcionando os recursos para guiar a permuta dos significados no texto. Podemos falar em guia do ponto de vista do ouvinte (que é 'projetado' pelo falante nas suas escolhas textuais). Assim, as condições textuais, tais como, tematicidade, novidade, continuidade, contraste e recuperabilidade são designadas por sistemas textuais. Tema, foco informacional, elipse-substituição e referência fazem contribuições complementares, guiando os ouvintes no processo de construir sistemas instanciais a partir do texto.

Para Matthiessen, um sistema por escolhas (*instantial*⁴) é um sistema criado por escolhas no sistema (léxico-gramatical) geral conforme o texto se desenrola; é o produto da *logogênese* - a criação de significados através de escolhas no sistema no texto. Do ponto de vista do falante, um sistema por escolhas é o sistema de seleção que ele tem de fazer ao produzir o texto; do ponto de vista do ouvinte, um sistema por

³ Quatro domínios: físico, biológico, social e semiótico.

⁴ Estou traduzindo 'instantial' por 'escolhas'.

escolhas é o sistema que ele pode criar baseado na interpretação do texto em desenvolvimento. Um sistema por escolhas é parcialmente uma ‘cópia’ de parte do sistema geral, mas ele também incorpora novas configurações de significados. Sistemas por escolhas desenvolvem-se dentro das três metafunções..

Se agora interpretarmos essa situação à luz da expansão da logogênese dos sistemas ideacionais por escolhas, diz o autor, podemos observar que, através do Tema, a metafunção textual valoriza algum termo do sistema, como sendo o ponto atual de expansão ou crescimento.

A seguir, apresento a noção de Tema, segundo Halliday (1994), que, em termos gerais tem sido seguida até hoje na LSF, complementada, contudo, com algumas ressalvas, nos casos conflitantes ou nos não previstos pelo autor. Nesse sentido, citaremos as opiniões de Goutsos (1997), Gómez-González (2000), bem como as propostas de Whittaker (1995) e Leong (2005). Como reflexo do fato de o Tema ter sido objeto de estudo, mais que o Rema, e também porque, por enquanto, o Rema é caracterizado como sendo tudo na oração menos o Tema, segundo palavras de Halliday a que me referi acima, o capítulo sobre esse elemento é mais extenso do que o do Rema.

Mas, antes, apresento o ponto de vista dos funcionalistas da Escola de Praga, na medida em que o Tema da LSF é, conforme Gómez-González (2000), um desenvolvimento direto da segunda parte da definição de Tema, por Mathesius, como aquilo do qual o falante procede, uma metáfora de lugar, que nos informa sobre aquilo de que trata a mensagem da oração.

1.1.2 A Perspectiva Funcional da Sentença

Foi Mathesius (1947), citado por Firbas (1974), quem começou a estudar, na língua tcheca, a questão de que o modo como um conteúdo é expresso pode interessar mais do que o próprio conteúdo (informação), influenciado pelas idéias de Weil (1844). Firbas refere-se ao artigo de 1939, em que Mathesius define o “ponto de partida do enunciado” como “o que é conhecido ou pelo menos óbvio em uma dada situação e do

qual o falante parte”, enquanto “o núcleo do enunciado” é “o que o falante afirma a respeito do ponto de partida do enunciado”. Ele define (em 1942) “a base do enunciado” como aquilo “sobre o qual se fala na sentença”, e “o núcleo” (o Rema) como o que o falante fala sobre o Tema. Mas, antes de Mathesius, outros estudiosos tchecos já faziam sentir a importância da ordem de palavras na sentença, no fenômeno que veio a se chamar perspectiva funcional da sentença (PFS).

Weil distingue entre: (a) movimento de idéias (expresso pela ordem das palavras) e (b) movimento sintático (expresso pelas terminações). Uma sentença possui um ponto de partida (uma noção inicial) e uma meta do discurso. O ponto de partida está presente tanto no falante quanto no ouvinte: é o ponto partida, o chão no qual se encontram, segundo o autor. A meta do discurso apresenta a informação que é entregue ao ouvinte. Nas línguas modernas, o sujeito expressa o ponto de partida.

Para Mathesius, a PFS é o princípio maior do sistema de ordenação de palavras: (a) a seqüência tema-transição-rema é a ordem não-emotiva, não-marcada; (b) a seqüência rema-transição-tema é a ordem emotiva, marcada⁵. Mas, segundo Firbas, além do princípio da PFS, há outros princípios envolvidos na ordenação de palavras, tais como os princípios do ritmo, da gramática e da coerência dos elementos da sentença, ou seja, cada ordem seria o resultado da interação de vários princípios.

Segundo Mathesius, o léxico e a gramática estão também a serviço de objetivos impostos pelo falante durante a comunicação. Assim, de acordo com os requisitos do contexto: (a) as unidades lexicais adquirem significados específicos; (b) a sentença (que, do ponto de vista da gramática, consiste em sujeito e predicado) separa-se em Tema e Rema. Tanto o léxico quanto a gramática foram feitos para funcionar num determinado tipo de perspectiva: eles apresentam um certo tipo de organização contextual. Deve-se a Daneš (1974) e a Dokulil (1958), o reconhecimento do que se chama abordagem tripla da sintaxe, envolvendo o nível da semântica, da gramática e da PFS (ou organização contextual). Mas já em 1926, Ertl, já distinguia três tipos de sujeito: lógico, gramatical e psicológico. De acordo com a abordagem tripla, poder-se-ia

⁵ Embora não haja consenso na distinção a seguir, há, numa oração, aquilo de que se fala (Tema) e no restante da oração uma ‘transição’ (ou ‘outros’, para Fries, 1995b) e o Rema (ou Novo- Rema, para Fries, que é a novidade que se quer que o ouvinte tenha em mente dali em diante:

imaginar um contexto em que a estrutura gramático-semântica *João escreveu um poema* funcionasse como um enunciado segundo critério lógico (agente-ação-meta), gramatical (sujeito-verbo-objeto) e a psicológico (tema-transição-rema).

1.1.3 A noção de Tema, em Halliday

Segundo Halliday (1994), das várias estruturas que constroem uma oração, há uma que lhe dá o caráter de mensagem, conhecida como estrutura temática.

Quadro 5 - Tema não marcado

Meus pais	no fim do verão, moravam numa casa de uma vila que se via	através do rio e da planície da montanha.
Tema	transição	Rema

Quadro 6 - Tema marcado

No fim do verão,	meus pais, moravam numa casa de uma vila que se via	através do rio e da planície da montanha.
Tema	transição/outros	Rema (Novo-Rema)

Pode-se supor, então, que em todas as línguas a oração tenha caráter de mensagem: ela tem uma forma de organização que lhe dá o status de um evento comunicativo, que pode ser atingido através de diferentes modos. Em muitas línguas, a oração é organizada como uma mensagem porque tem um status especial atribuído a uma de suas partes: um elemento da oração é enunciado como Tema; este, então, combina-se com o resto da oração de tal modo que as duas partes juntas constituem uma mensagem.

Halliday, seguindo a terminologia dos lingüistas da escola de Praga, usa o termo Tema como rótulo para essa função. (Como para todas as outras funções será escrito com inicial maiúscula.) “Tema é o elemento que serve como ponto de partida da mensagem; é aquilo de que trata a oração.” (1994: 37). O resto da mensagem, a parte

na qual o Tema é desenvolvido, é chamado de Rema na terminologia da escola de Praga. Como estrutura de mensagem, portanto, a oração consiste em um Tema acompanhado de um Rema; e a estrutura é expressa pela ordem - o que quer que seja escolhido como Tema será colocado primeiro.

Assim, segundo ele, como um guia geral, o Tema pode ser identificado como o elemento que vem em primeiro lugar na oração. O autor indica que este fato não é como a categoria de Tema é definida. A definição é funcional assim como acontece com todos os elementos nessa interpretação da estrutura gramatical. O Tema é um elemento em uma configuração estrutural que, tomado como um todo, organiza a oração como uma mensagem; essa é a configuração Tema + Rema. Uma mensagem consiste de um Tema combinado com um Rema. Nessa configuração, o Tema é o ponto-de-partida para a mensagem; é o solo de onde a oração decola. Assim, parte do significado de qualquer oração depende do elemento que é escolhido como Tema.

Halliday (1994) propõe três tipos de Tema.

- a) Tema experiencial ou topical, que pode ser o participante, o processo ou a circunstância, do sistema de transitividade da metafunção ideacional.
- b) Tema interpessoal, que pode ser: (i) vocativo; (ii) adjunto modal e (iii) marcador de *mood* [um operador verbal Finito, o interrogativo QU- e o imperativo *let's*].
- c) Tema textual, que pode ser: (i) continuativo [*sim, não, bem, oh, agora*]
 - i) (ii) estrutural [obrigatoriamente temáticos: conjunções e pronomes relativos]
 - ii) (iii) conjuntivos [adjuntos conjuntivos]

A propósito, ele é criticado nessa distinção por Gómez-González (2000: 126), que chama a atenção do autor para o fato de ele mesmo ter afirmado que as três metafunções (ideacional, interpessoal e textual) funcionariam simultaneamente, fato que não justifica a sua consideração em Temas distintos.

O Tema é não-marcado quando coincide com o Sujeito da oração e é marcado nos demais casos. O Tema será múltiplo se for constituído de Tema topical antecedido por Tema interpessoal e/ou Tema textual.

As orações rankshifted⁶ são incluídas no nome que qualificam. Assim, em: (6) *O vaso que te dei foi caro*, a oração ‘que te dei’ ‘é analisada juntamente ‘o vaso’. Mas Matthiessen (1995) não faz essa inclusão, considerando as rankshifted separadamente. Em minha análise, adoto a posição de Halliday.

Nas orações complexas⁷, quando a oração modificadora anteceder a principal, Halliday diz que há duas possibilidades: (a) o Tema é a oração modificadora inteira; (b) o Tema é o Tema dessa oração modificadora. Assim em: (7) *Se você conseguir o dinheiro irá a Portugal*, o Tema tanto pode ser ‘Se você conseguir o dinheiro’, quanto ‘se você’. Em minha análise, adoto a posição referida em (a), toda a oração modificadora como Tema.

Halliday também propõe o Tema predicado nas sentenças clivadas, em que um elemento de função representacional pode ser separado da predicação. Essa sentença coloca a informação nova antes da dada, invertendo, portanto, a ordem mais comum, que é a informação nova vir depois da dada: ‘Foi a Maria’ em (8) *Foi a Maria (quem rabiscou a parede)*.

Além disso, ele apresenta o Tema equativo que aparece em sentença pseudo-clivada, do tipo, (9) *O que o duque deu para minha tia* (foi uma chaleira), em que o Tema equativo está sublinhado.

Por outro lado, são obrigatoriamente temáticos: (i) conjunções e (ii) pronomes relativos. São elementos tipicamente temáticos (mas não obrigatoriamente temáticos): (i) adjuntos conjuntivos (ligam a oração ao contexto precedente) e (ii) adjuntos modais.

1.1.4 Pontos de controvérsia

1.1.4.1 Goutsos (1997)

Goutsos (1997) trata de alguns pontos controvertidos do tratamento de Tema devido a Halliday. Diz ele que, embora Halliday, tanto no seu clássico trabalho de 1967, quanto na sua detalhada *Functional Grammar*, de 1985, evitasse uma definição de

⁶ Subordinada adjetiva.

⁷ Período composto por subordinação.

Tema, há uma descrição detalhada desse elemento dentro do enquadre de sua abordagem sistêmica. Sua visão de Tema parece incluir a maioria das propriedades estruturais do tópico: Tema tem de ser um constituinte distinto, explicitamente expresso e presente em todas as orações (maiores) ou complexas. Além disso, o Tema mostra aquilo de que trata a oração, assim subscrevendo propriedades lógicas.

O aspecto característico do Tema hallidayano é a sua associação às propriedades de apresentabilidade, segundo Goutsos: Tema é, nas muito citadas formulações de Halliday, “o ponto de partida da mensagem” (1985, p.38). Não está claro se essa caracterização deve ser considerada simplesmente como uma descrição metafórica ou se ela transmite um conceito adicional de Tema, como base ou enquadre para o resto da oração. Apenas diz-se que o ponto de partida é realizado em inglês pelo primeiro elemento ideacional na oração; o que sobra constitui o Rema da oração. Como mostra Fries (1983, citado por Goutsos 1997: 6), não há evidência para justificar a visão de que o constituinte inicial significa ponto de partida. Ao mesmo tempo, fica bem claro que a divisão Tema-Rema é independente da estrutura de informação de Dado-Novo; as duas estruturas podem interagir, mas não dependem uma da outra para sua identificação. Não há nenhuma afirmação a respeito de quaisquer propriedades pragmáticas de Tema.

É fácil demonstrar que a identificação de Temas em textos é algo complexo, afirma Goutsos. Um primeiro problema relacionado à unidade a ser classificada: é uma sentença ou oração? O segundo e menos óbvio problema refere-se a padrões da ordem de palavras, quando o sujeito não é o primeiro constituinte da oração. Halliday (1985) considerava os constituintes iniciais da sentença que não fossem sujeitos como Temas marcados. Contudo, elementos iniciais em outros padrões de sentenças podem não ser claramente caracterizados. É o caso de orações existenciais, inversões de sujeito, orações com o neutro (*dummy*), o genérico *it* como sujeito ou ausência de sujeito (na superfície).

A questão não é que essas exceções aparentes não possam ser acomodadas no modelo de Halliday, mas que elas estão revelando uma contradição nas afirmações sobre a propriedade de Temas. Admitir a possibilidade de verbos ou outros elementos

sem nenhum significado ideacional (como *there* e *it*) serem Temas contradiz as propriedades daquilo de trata o Tema (*aboutness*). Não se pode afirmar que *there* expresse aquilo de que trata a sentença. Tais propriedades ou as propriedades estruturais (i.e., de que cada oração tem um Tema, etc.) juntamente com a insistência na função gramatical da distinção Tema-Rema teriam de ser abandonadas. Neste último caso, o aspecto característico da análise de Halliday, a ênfase na posição, teria de ser abandonada.

Para Goutsos, está se tornando cada vez mais evidente que nem todas as propriedades do Tema, de Halliday, podem ser mantidas ao mesmo tempo (Fries & Francis, 1992; Huddleston, 1991). Downing (1991), por exemplo, argumentava a favor da separação das propriedades topicais e de apresentabilidade no que se refere ao Tema, porque, em sua opinião, “o ponto de partida, realizado pelo elemento inicial, não é necessariamente ‘aquilo de que trata a oração’. De fato, a não ser que um ponto de partida seja um participante ou um processo, ele certamente não é aquilo sobre o qual a mensagem diz respeito” (p.141).

Uma outra justificativa, para a separação das propriedades, vem de línguas nas quais os verbos aparecem, tanto quanto outros elementos, no começo de todos os tipos de oração. Observa-se que o modelo hallidayano de Tema não se aplica com tanto sucesso a tais línguas, que têm uma ordenação de palavras bem menos rigorosa do que o inglês (Baker, 1992; Bowers, 1988; Goutsos, 1992; Hakulinen, 1989; Rashidi 1992). Se a estrutura Tema-Rema coincide sempre com o arranjo linear real da oração (e o uso de Halliday não dá espaço a essa interpretação), então os elementos verbais seriam sistematicamente Temas naquelas línguas. Porém, como observa van Oosten (1984:183), “É logicamente possível, mas praticamente inconcebível que os falantes de uma língua (as iniciadas por verbos) consistentemente tivessem verbos como tópicos oracionais e falantes de outras consistentemente tivessem substantivos”.

Além disso, continua o autor, aceitar verbos como Tema está em contradição com as propriedades lógicas. Naturalmente, a noção de Halliday de Tema é aplicável ao inglês e adquire seu significado completo a partir da interação com outros sistemas

da língua como a transitividade e assim por diante. Entretanto, a utilidade de noção é bastante reduzida, se for estritamente definida como categoria específica-de-língua.

Goutsos afirma que teorias tais como a da perspectiva funcional da sentença (PFS) e o modelo Tema-Rema, de Halliday, apesar de suas inadequações, podem oferecer intravisiões inestimáveis sobre o papel de padrões sintáticos como sinais além da oração. O autor observa a importância da posição inicial na sinalização do enquadre topical. A introdução do tópico também está relacionada com os arranjos sintáticos, que tiram vantagem das propriedades da linearidade da oração. A segmentação do discurso escrito expositivo não é acidental, e, sim, estruturada de tal forma que pode ser captada em termos de modelo de estrutura topical. A segmentação é, além disso, significativa: é uma das principais fontes de conectividade do texto e fornece ao escritor um mecanismo para ele atingir ativamente a coerência em um texto.

1.1.4.2 Gómez-González (2000)

Também Gómez-González (2000) aponta como problemática a conceituação de Tema como: “o elemento que serve como ponto de partida da mensagem; é aquilo de que trata a oração” (Halliday 1994: 37), em que essas duas partes da sentença, em aposição, parecem confundir o critério sintático com o semântico. A respeito, Gómez-González (2000) aponta essa aposição e diz que os systemicistas estabelecem uma linha de realização de função para a forma entre uma concepção semântico-relacional do Tema (“o de que trata a oração como mensagem”) e a categoria sintática de Tema (“o ponto de partida da oração”).

Segundo a autora, Halliday evita uma identificação direta da explicação semântica com a posição inicial da oração, um tema sintático, argumentando que os aspectos do “ponto de partida” e do “assunto” representam um *significado*, realizações “dependentes-da-língua” daquele significado. Em outras palavras, o Tema é representado como um universo lingüístico potencial, uma categoria funcional da oração ou um “princípio de organização”, embora sua expressão seja “dependente-da-língua”, ocorrendo na posição inicial na oração (no inglês), através da posposição *wa* (no japonês), etc. (Halliday 1970 a: 161).

Além disso, Gómez-González nota a característica ‘separatista’ do sistema de Tema-Rema na LSF, ao contrário da Escola de Praga, já que para Halliday (1974:53), Tema é “o elemento da perspectiva funcional da sentença, que é realizado pela primeira posição, e não tem nada a ver com a citação anterior” ou com as escolhas de Dado e Novo. A razão aduzida é que, embora Dado e Tema normalmente coincidem em um conjunto de palavras, pois as línguas tendem a obedecer o princípio Dado-antes-do-Novo, os falantes podem ter “boas razões” para fazer o contrário.

1.1.5 Propostas de caracterização do Tema

Como se pode concluir pelo que já foi mencionado, o delineamento do Rema depende da caracterização do Tema - já que, segundo Halliday, Rema é tudo na oração menos o Tema. Quando se trata de analisar textos reais, a tarefa se torna muito difícil, já que, na maioria dos casos, conta-se apenas com o apoio de propostas que se basearam em sentenças isoladas e artificialmente criadas. Vamos, então, a seguir, examinar a proposta de Leong (2005), que, seguindo os preceitos geralmente aceitos pela LSF, mostra por que alguns tipos de Tema, estabelecidos por Halliday (1994), não têm sua razão de ser. A proposta de Whittaker, mais adiante, pode também esclarecer a questão.

1.1.5.1 Leong (2005)

Segundo Leong (2005), a noção de Tema e Rema iniciou-se com o trabalho de Weil em 1844, que chamou atenção para uma divisão estrutural importante no interior da oração:

Há [...] um ponto de partida, uma noção inicial que está igualmente presente para aquele que fala e para aquele que ouve, que forma o chão sobre o qual as duas inteligências se encontram: e uma outra parte do discurso que forma a afirmação (enunciação), assim chamada. Essa divisão é encontrada em quase tudo que falamos (Weil, 1978: 29)

O *ponto de partida* e a *enunciação* da oração são conhecidos hoje por vários nomes e interpretados de várias maneiras. Os rótulos mais comuns incluem *tópico* e *comentário* (Dahl, 1974a, 1974b; Sgall, 1974, 1975; Dezsö and Szépe, 1974a, 1974b; Bates, 1976; Sgall and Hajicová, 1977); *tópico* e *foco* (Hajicová, 1994; Lambrecht, 1994; Peregrino, 1996; Koktová, 1996; *tópico* e *domínio* (Erteschik-Shir, 1988).

De acordo com Firbas (1974) e outros, todos os elementos oracionais possuem graus variados de dinamismo comunicativo (DC), definido como 'a extensão relativa para a qual a unidade contribui em direção ao desenvolvimento da comunicação no campo comunicativo' (Firbas, 1996: 221).

Elementos que carregam baixo grau de DC são chamados tema, seja onde estiverem posicionados na oração. Tais elementos temáticos realizam a função-chave de estender a fundação para o desenrolar do discurso. Halliday (1994), ao contrário, considera o tema em inglês como ligado-à-posição, elemento inicial de oração que é delimitado de acordo com as categorias metafuncionais de seu modelo funcional de gramática. Deve-se notar, contudo, que a realização posicional do tema não acontece em todas as línguas. Em tagalog, por exemplo, o elemento temático não precisa ser oração-inicial e é marcado por uma adposição *si* ou certas formas pronominais (Martin, 1983: veja também Rose, 2001), o mesmo acontecendo com o japonês, como já fizemos ver.

Por outro lado, continua Leong, com referência à questão informacional, embora a informação dada seja invariavelmente temática na abordagem da Escola de Praga, o enquadre hallidayano segue outra visão:

[...] embora eles sejam relacionados, Dado + Novo e Tema + Rema não são a mesma coisa. O tema é o que o falante escolhe para ponto de partida. O dado é o que o leitor já conhece ou tem acesso a ele. (Halliday e Matthiessen, 2004:93)

Além da oração individual, os estudos sobre a estrutura temática de um texto têm se apoiado nos modelos de Daneš (1970, 1974) sobre a *progressão temática* (PT) ou Enkvist (1973) sobre *dinâmica do tema*. Mais recentemente, a abordagem do *método*

de desenvolvimento, que vê 'o modo pelo qual um texto se desenvolve suas idéias' (Fries, 1995b: 323), também lançou intravisiões importantes sobre o fluxo da informação no texto (veja Fries. 1981. 1994. 1995a, 1995b. 1995c; Martin. 1992a).

O primeiro elemento da oração que funciona como participante, circunstância ou processo é rotulado de Tema *topical*. Qualquer outro elemento que ocorra antes do Tema topical será analisado como Tema textual ou interpessoal, de acordo com a sua função.

Uma complicação surge na análise de construções existenciais, tais como:

Quadro 7 - construção existencial

There is a problem.

em que, para Halliday, *there* é o Tema topical.

Essas construções realizam a função apresentativa (Halliday e Matthiessen, 2004), e portam um elemento considerado *dummy*, o *there*, na posição de sujeito (Quirk and Greenbaum, 1990). Como diz Thompson (2004:161):

O problema com o existencial *there* é que ele é sujeito, e portanto deve ser o tema, mas em termos experienciais ele não tem 'função representacional', e por isso não preenche o critério temático de expressar significado experiencial. Orações existenciais tomam como ponto de partida o simples fato de que uma entidade existe. A existência é sinalizada não apenas por *there* + o processo existencial (realizada pelo verbo *be*). Assim, para fazer sentido incluir o processo no tema, e, além disso, isso significa que o tema inclui o conteúdo experiencial. (Thompson, 2004: 161)

Leong segue a abordagem de Fries (1981,1995a, 1995b, 1995c) e Kopple (1991). Eles consideram *there+be*, bem como o participante existente, como Tema e não o *there* sozinho (cf. Halliday) ou *there+be* (cf. Thompson). O apoio para tanto vem na forma do modelo do limite de inferência (*inference-boundary*) recentemente proposto por Leong (2000a, 2004). Esse modelo argumenta que o Tema serve como uma força que restringe o desenvolvimento da mensagem na oração: ele estabelece um contexto

local para o leitor antecipar e interpretar a mensagem da oração (Matthiessen, 1995). Como parte da estrutura da mensagem da oração, essa é a função central do elemento temático.

O modelo do limite de inferência vê o Tema como o segmento do texto capaz de estabelecer os limites de aceitabilidade dentro dos quais o Rema pode ocorrer. Isto é, uma vez dado o elemento inicial na oração, a mensagem restante só pode se desenrolar dentro de modos muito restritos na porção remática. Esse limite de aceitabilidade é formatado por dois fatores principais - contexto (incluindo o co-texto) e o esquema relevante ativado. O ouvinte provavelmente rejeitará qualquer desenvolvimento do Tema que interferir demais com o que é esperado no contexto, e/ou o que é entendido como sendo permissível no esquema de eventos. Nem todas as possibilidades do Tema-Rema são, portanto, permitidas já que isso poderia resultar numa má combinação e, conseqüentemente, numa mensagem bizarra e inaceitável, como no exemplo: (o símbolo * indica inaceitabilidade).

Quadro 8 - inaceitabilidade do par Tema-Rema

*A mesa do computador comeu um hambúrguer.

A aceitabilidade do par Tema-Rema está amarrada contextualmente. Se o exemplo do quadro (8) aparecesse num conto de fadas, o leitor consideraria esse fato e faria os ajustes necessários no seu esquema para acomodar o insólito par na oração.

A relação entre Tema e Rema é, portanto, íntima. Como elementos que organizam a oração como mensagem, o modelo do limite de inferência postula que o Tema e o Rema devem aderir ao *princípio do desenvolvimento aceitável da mensagem* (Leong 2000a; 2004). Esse princípio dita que o Tema precisa ser desenvolvido de maneira aceitável pela porção do Rema, no contexto do encontro interativo, seja no modo escrito, seja no oral. O princípio restringe o desenvolvimento da mensagem no Rema.

O referido princípio revela também um fato interessante sobre o Tema no inglês. Na medida em que o Tema é capaz de ativar os limites da aceitabilidade, ele carrega também um potencial de ser desenvolvido de modo *inaceitável* por um Rema não apropriado. O princípio do desenvolvimento aceitável torna-se um teste extremamente útil para identificar o Tema. Quando se usam orações bem-formadas, é difícil discernir com clareza a linha que separa o Tema do Rema. Já em caso contrário, como acontece no quadro (8), em oração mal-formada é fácil distinguir o Tema e o Rema.

Contudo, pode-se enfrentar o problema sob outro ângulo. O que aconteceria se formássemos construções anômalas (em que a mensagem da oração fosse uma distorção da visão de mundo geralmente aceita) com a retenção do elemento inicial da oração? Descobriríamos, primeiro, que não é possível para uma oração inaceitável ser formada com base no elemento inicial da oração, como no quadro (8). Se assim fosse, aquele elemento não poderia ser considerado como sendo inteiramente temático, já que não seríamos capazes de localizar um Rema inaceitável. O que se pode fazer, então, é manter a violação do princípio, até que fôssemos capazes de formar uma oração inaceitável, envolvendo a incompatibilidade entre o Tema e o Rema. Chamaremos o elemento temático que é capaz de satisfazer a violação do princípio do desenvolvimento aceitável, de *núcleo temático*. Todos os demais elementos temáticos serão os *núcleos não-temáticos*.

1.1.5.2 Whittaker (1995)

A informação na primeira posição tem duas funções importantes: liga o texto corrente ao texto anterior e guia o leitor na compreensão dos segmentos subseqüentes. O Tema participa da organização da mensagem, possibilitando comunicar efetivamente a mensagem, para assim ser compreendida. Halliday (1968:129) ligou o Tema à compreensão de um texto e “sua interpretação através de linhas preditivas”. Desde então, pesquisadores, dentro e fora da tradição sistêmico-funcional, começaram a examinar textos naturais na tentativa de verificar os modos pelos quais a informação na posição temática influi na compreensão dos leitores.

Fries (no prelo) afirma que:

É claro, se a função do Tema é orientar leitores e ouvintes para o que está por vir, o uso efetivo do conteúdo temático envolve necessariamente a consideração e a manipulação das expectativas de leitores e ouvintes. Isto é, escritores e falantes precisam considerar o que seus leitores e ouvintes podem estar esperando, e então usar o conteúdo temático de sua mensagem para influenciar essas expectativas.

Berry (1995) e Martin (1992), em estudos com a escrita de crianças e em local de trabalho, mostraram como a escolha de Tema é importante para um texto ser bem sucedido e como os escritores podem falhar se não tiverem consciência na escolha da informação que colocam em primeiro lugar. Embora ainda haja problemas de segmentação, a análise temática fornece intravistas valiosas sobre o significado de textos. A concepção de Halliday sobre Tema, e os Temas múltiplos, tornaram possível analisar e explicar aspectos importantes da produção e recepção de textos escritos. Diz Halliday que “Encontramos tipos de organização temática com diferentes disfarces no sistema da língua, com manifestações acima e abaixo da oração” (Halliday 1989:56).

A pesquisa de Whittaker esclarece, a meu ver, casos em que as afirmações de Halliday (1994) não eram suficientes para a delimitação do Tema. A seguir, selecionei alguns desses casos citados pela autora. Como o propósito é, no caso desta pesquisa, encontrar apoio para a análise do Tema, acabei elencando um grande número de exemplos para poder aos poucos elucidar essa difícil questão e também para poder evidenciar ao leitor a razão de certas escolhas de Tema em minha análise.

(a) *Temas interpessoais*

Os temas interpessoais expressam o compromisso ou a reação do falante em relação à proposição e podem aparecer em forma de advérbio (e.g. talvez), mas, como Halliday (1983a:340) indica, existem outras realizações gramaticais dessas intervenções modais. O exemplo seguinte é de Halliday (1985a:59) em que ele mostra um Tema interpessoal realizado através de metáfora ou forma não-congruente (o Tema está sublinhado):

Quadro 9 - Exemplo de Tema interpessoal

(10) <u>I don't believe</u> that pudding ever will be cooked.

Quadro 10 - Realização do Tema interpessoal

<i>I</i>	<i>don't believe</i>	<i>that pudding</i>	<i>ever will be cooked</i>
Tema	Rema	Tema	Rema
<i>I don't believe</i>		<i>that pudding ever will be cooked</i>	
Tema interpessoal		Rema	

Assim é que, nos dados da autora, a maioria de exemplos de Temas interpessoais não eram congruentes, mas metafóricos - eles não foram realizados como advérbios, mas foram expressos através de uma oração, como em (11) e (12), que poderiam ter sido codificados como *claramente* ou *evidentemente*.

(11) É, além disso, claro que ...

(12) É imeditamente observável que ...

Menos freqüentemente, foram encontrados comentários de autores na forma de frases preposicionais - isto, orações reduzidas, de acordo com Halliday (e.g. 1985a: 159):

(13) Como uma regra geral, esse números aumentaram

(14) Em minha opinião, a forma ... dessa conferência ...

Como Halliday afirma, é difícil decidir que casos incluir sob o cabeçalho de modalidade metafórica. Segundo Whittaker, as possíveis paráfrases parecem mostrar que duas classes diferentes de informação estejam envolvidas: de um lado, o que parece ser um tipo de modalidade e, de outro, uma proposição que é parte do

argumento do artigo. Estruturas que envolvem posposições como (11) e (12), ou compostas de processos verbais ou mentais + oração projetada, são características de artigos, como se pode ver de (15) a (20) abaixo; para a autora, esse fato deve se refletir nas análises. A colocação do que é realmente a proposição principal na oração secundária dá um status de fato aceito e não de matéria discutível. Essa escolha não parece ser arbitrária, mas, antes, um método de persuasão ‘escondida’.

Os escritores dos artigos usam orações projetadas pessoais e impessoais para expressar seu ângulo sobre a afirmação que está sendo feita. Mas, como se poderia esperar, a distribuição, novamente, é motivada, segundo a autora. Enquanto as formas impessoais são mais usuais e, naturalmente, dão a impressão de maior objetividade, os artigos que desafiam abertamente a teoria de outros tendem a assim fazer de modo mais comprometido, usando pronomes de primeira pessoa para contrastar sua visão com a dos demais pesquisadores, e aparecendo de fato nos seus textos. (15) a (17), e (18) a (20), são exemplos dos dois tipos:

(15) Supõe-se que...

(16) De um modo geral, pode-se dizer que ...

(17) Contudo, pode-se mostrar que ...

(18) Acreditamos que

(19) Estou inclinado a achar que ...

(20) Diria, por conseguinte, que ...

Uma outra maneira de os autores disfarçarem uma opinião ocorre através de nominalização da expressão modal, que é introduzida por meio de estrutura existencial, como em (21):

(21) Há uma forte possibilidade portanto ...

que a autora analisa como Tema interpessoal. Do mesmo modo, a nominalização de processo mental ou verbal, como em (22), informa a posição do escritor referente à proposição, sem que ele apareça como sua fonte:

(22) Não há sugestão de que ...

Todas essas orações representam a opinião do autor do artigo quanto à veracidade da proposição. Para ser coerente com a análise, a autora considerou como Temas interpessoais as seguintes orações projetantes impessoais, (23) a (26), já que elas informam indiretamente a avaliação do autor a respeito da proposição - que agora *não* é do autor:

- (23) Tem sido sugerido (Sugere-se que) ...,
- (24) Naturalmente, pode-se contra-argumentar que ...
- (25) Tem sido sustentado por Robinson et al que ...

O exemplo (26) nos traz a um ponto de fusão entre os Temas interpessoal e ideacional como Dizente - em caso como:

- (26) Robinson et al. sustentam ...

Outras análises, tanto sistêmicas quanto não-sistêmicas, apóiam essa análise. Por exemplo, Francis (1990:61) considera os seguintes, como Temas interpessoais:

- (27) Não faz sentido para jovens ...
- (28) Não admira então que ...

Fora da escola sistêmica, Lautamatti (1978: 77) afirma sobre exemplos (29) a (31) que 'o elemento inicial da sentença, seja qual for a forma, é um marcador de modalidade, enquanto que o material realmente topical aparece na oração seguinte':

- (29) Biólogos sugerem que crianças recém-nascidas ...
- (30) Como os biólogos sugerem, recém-nascidos ...
- (31) Obviamente, crianças recém-nascidas ...

Brown e Yule (1983: 133) concordam, ligando esse tipo de expressão modal à compreensão de texto:

Está claro que esse comentário tematizado 'metalingual' não é para ser integrado à representação do conteúdo que o receptor está construindo. Ele meramente lhe dá direções, em alguns casos sobre o tipo e estrutura das representações mentais que ele deve estar construindo em alguns casos sobre a estrutura interna do modelo (mais importante) e às vezes comentários sobre a confiabilidade do que está afirmado (talvez).

Chega-se a um ponto em que o material avaliativo é claramente o que está sendo predicado, não um comentário sobre a predicação; mas, como não é raro na análise do significado, permanece uma área nebulosa - é difícil encontrar um ponto absolutamente nítido. Exemplos (32)-(35) envolvem posposição, uma escolha que coloca epítetos atitudinais no começo da oração complexa, e não no fim:

(32) Parece mais sensível ...

(33) É, portanto, necessário ...

(34) De qualquer modo, é bom ...

Embora expressem a avaliação do autor, aqui eles claramente não são comentários sobre a proposição - eles são a proposição. Como Downing (1986: 174) explica: “Esses não são comentários do falante sobre o processo, mas formam parte do conteúdo da própria oração”. Essa, então, é “uma região semântica em que duas funções, a ideacional e a interpessoal, se sobrepõem” (Halliday 1976: 211). A autora os chama de Tema ideacional ‘avaliativo’ em lugar de Temas interpessoais.

A influência do gênero sobre o Tema, interesse da pesquisa de Whittaker, pode lançar luzes sobre o meu foco de estudo, ou seja, o GN do Rema. Assim, segundo a autora, algumas informações inesperadas e interessantes emergiram dessa parte do estudo. Os dois artigos com maior porcentagem de Temas interpessoais deveriam ser, intuitivamente, os mais coloquiais. De fato, eles não eram do mesmo tipo dos demais. Um foi publicado numa coletânea de artigos, mas não era originariamente artigo, mas sim capítulo de livro. O outro, de um jornal acadêmico, mas tinha sido escritos para ser falado. Esses dois textos freqüentemente usaram a forma da primeira pessoa na oração projetante do Tema interpessoal metafórico, embora, ao contrário de outros com essa característica, não fossem artigos de refutação.

(b) *Temas textuais*

Como se poderia esperar, segundo Whittaker, os Temas textuais ocorreram duas vezes mais que os interpessoais. A informação textual na posição temática ajuda o leitor a seguir a organização do argumento e do texto. Um ponto a ser lembrado, ao se

considerar o significado do Tema textual e do interpessoal, é que, no caso de mais de um Tema interpessoal, apenas uma das atitudes é enfatizada, o que não acontece com os Temas textuais. Aqui, é possível achar dois Temas textuais: um interno (Martin 1983), dando informação sobre a organização ou função de parte do texto, o outro externo, expressando relações lógicas que ocorrem no mundo. Por exemplo, em (35) e (36) *assim* e *então* são conectores lógicos externos, enquanto *e.g.* e *mas* são relatores textuais internos:

(35) Assim, e.g., alguns filósofos perguntam ...

(36) Se as firmas operarem ao longo de curvas de custo em forma de U, o acesso de firmas de tamanho ótimo poderia mesmo ser os veículos pelos quais ocorreriam os investimentos. Mas, então, poderia acontecer uma configuração bastante notável.

As conseqüências sinalizadas por assim e então são o resultado de eventos que acontecem quando uma série de condições tem lugar no mundo, enquanto que e.g. informa o leitor sobre a função de um segmento de texto, como um exemplo para apoiar uma generalização, mas prepara o leitor para uma mudança na direção do argumento do texto.

Os Temas textuais podem ser metafóricos. Compare (37) com (38 - 39):

(37) Em outras palavras, a análise ...

(38) Podemos resumir esta seção, concluindo ...

(39) Talvez, melhor seria eu dizer o que quero dizer por ...

O Tema textual em (37) e os exemplos de (38) a (39) são guias metatextuais semelhantes. Esse tipo de intervenção pelo escritor tornou-se um traço de artigos. A autora chama exemplos como (38)-(39) de 'sentenças textuais', para mostrar a relação com Temas textuais. Eles se incluem em dois tipos: catafórico em (39), ou com uma função de retomada anafórica. Os dois tipos diferem com respeito ao seu escopo: o tamanho e a porção do texto a que se referem. Exemplos:

i) Catafórico - texto completo:

(40) Este artigo começa com uma breve descrição de ... para uma avaliação de ...

(41) Neste artigo, esperamos apresentar ...

ii) Catafórico - secção de texto:

(42) A título de introdução, talvez possa dizer ...

(43) Na próxima secção ...enquanto as secções restantes tratam de ...

(44) Antes de examinar os resultados ... precisa ser mencionado.

Exemplos (40) e (41) acima completariam a série completa de referência catafórica de segmentos de texto, possivelmente uma sentença.

iii) Anafórico - texto completo:

(45) Este artigo relata ...

(46) Esperamos, contudo, que tenhamos mostrado ...

iv) Anafórico - secção de texto:

(47) Tivemos até aqui ...,

(48) Poderia resumir isso, dizendo ...

Naturalmente, o escritor espera que não seja necessário lembrar o leitor de algo que acabou de dizer e, assim, não há referências anafóricas para pequeno segmento de texto.

Por outro lado, enquanto o argumento é claramente assinalado por certos Temas textuais e, embora a informação textual seja mais evidente na posição temática, os escritores têm outras opções para apresentar seus argumentos que não são revelados pela análise do Tema textual. Os sinais textuais podem ser colocados mais tarde na sentença; indicações de argumentos podem ser expressas pelo léxico e, assim, aparecerem no Tema ideacional; ou o argumento pode ser colocado no Rema para ter um efeito de recentidade. Pode ser que a apresentação do que é realmente um argumento na forma de exposição - i.e. como fato - seja uma estratégia de persuasão que não dá ao leitor a opção de desafiar a proposição, já que ela é oferecida como conhecimento aceito. Sem dúvida, diz Whittaker, mais pesquisa precisa ser feita nessa área e, por outro lado, é desejável uma análise temática mais detalhada, incluindo orações subordinadas, a qual poderia produzir diferentes resultados e um estudo menos impressionístico do Tema e do Rema.

1.2 O Tema em português

Retomemos as palavras de Goutsos (1997) acima mencionadas, para quem nem todas as propriedades do Tema de Halliday podem ser mantidas ao mesmo tempo (Fries & Francis, 1992; Huddleston, 1991), como nas línguas em que os verbos aparecem tanto quanto outros elementos no começo de todos os tipos de oração. Um argumento decisivo para tanto é o que observou van Oosten (1984) de ser inconcebível que os falantes de uma língua (as iniciadas por verbos) consistentemente tivessem verbos como tópicos oracionais e falantes de outras consistentemente tivessem substantivos” (p.183).

A propósito, o estudo de Gouveia & Barbara (2004) do Tema para a língua portuguesa esclarece várias situações em que a escolha do Tema contraria as afirmações de Halliday. Assim, por exemplo, em (52), se selecionarmos o Tema como sendo ‘o primeiro elemento da sentença’, o Tema seria ‘eu’ em (a) e ‘fui’ em (b), e qual deles seria Tema marcado?

- (52) (a) Eu fui ao cinema ontem
 (b) Fui ao cinema ontem,

Para Gouveia e Barbara há as três possibilidades a seguir:

- (1) a presença explícita do sujeito na posição inicial de sentença e neste caso o Tema será não marcado; sua omissão coloca o verbo em posição inicial e o Tema será marcado (# sinaliza ‘não-marcado’):

#Eu fui ao cinema ontem. (tema não-marcado)

Fui ao cinema ontem, (tema marcado)

- (2) a presença explícita do sujeito na posição inicial de sentença e neste caso o Tema será marcado; sua omissão coloca o verbo em posição inicial e o Tema será não-marcado (# sinaliza ‘não-marcado’):

Eu fui ao cinema ontem. (tema marcado)

#Fui ao cinema ontem, (tema não-marcado) [porque é mais comum]

(3) tanto a presença explícita do sujeito na posição inicial de sentença quanto à presença do verbo na posição inicial tornam não-marcado o Tema:

(c) #Eu fui ao cinema ontem. (tema não-marcado)

#Fui ao cinema ontem, (tema não-marcado)

Por ser uma língua pro-drop, o português padrão não possui sujeito expletivo. Compare com o inglês e o português:

(53) Chove.

It is raining.

Il pleut.

Por outro lado, há a possibilidade de se pospor o sujeito ao verbo:

(54) Apareceu um rato no meu escritório.

O problema é outro, dizem os autores: Onde está o tema? O problema é que estamos querendo analisar a língua portuguesa através de regras da língua inglesa, e as duas línguas se comportam diferentemente. Eles apresentam um texto, em que se apontam os Temas de cada oração, no português de Portugal (PP):

Quadro 11 - Análise do Tema no português de Portugal

		Tema
1	vi a casa toda.	∅
2	mostrou-me a casa toda.	∅
3	nós entramos,	Suj
4	é um corredor assim alaranjado,	∅
5	ela tem tudo assim, mais ou menos,	Suj
6	predomina o amarelo, alaranjado,	Posposto
7	tem duas credências, mui[to], muito bonitas	∅
8	numa (...) tem o telefone	∅
9	e outra onde tem até uma prenda que lhe ofereci	∅
10	e... depois en(...), vai-se para o lado direito	Indeterminado
11	tem a sala comum	∅
12	é toda forrada, toda pintada,	∅
13	mandou pintar, um amarelo alaranjado.	∅
14	a entrada, façamos de conta	∅
15	nós estamos aqui, não é	Sujeito
16	e faz a sala de estar	∅
17	e depois a outra metade é a sala de jantar	Sujeito
18	faz um cotovelo	∅
19	eu quero explicar	Sujeito
20	era o que eu estava a dizer há bocado à NP	∅

Uma rápida vista no texto mostra que o *pro-drop* (ausência de sujeito) é um fenômeno comum no português. Parece que a solução (2) acima seja a solução correta. Mas também, dizem eles, não é bem isso, pois o português não é, como o japonês, “uma língua em que o sujeito é quase sempre omitido” (Hori, 1995: 162). Por outro lado, o português do Brasil (PB) utiliza-se menos do *pro-drop* (Negrão, 1990) em comparação

ao português de Portugal (PP). Mas mesmo assim, ambas as línguas não vêm diferença nem semântica nem funcional entre:

(55) Eu tenho acompanhado os seus relatórios.

(56) Tenho acompanhado os seus relatórios.

Em termos da solução (2), se considerarmos marcada a (56), teremos que considerá-la menos marcada que a (55)? Teríamos, então, graus de marcação?

(55) Ultimamente, eu tenho acompanhado os seus relatórios.

O artigo discute alguns outros casos e conclui, citando Hasan e Fries (1995):

A caracterização abstrata do Tema como 'o ponto de partida' - e definições equivalentes não somente por Halliday, mas por outros systemicistas, e.g. Matthiessen (1995), que fala de Tema como um recurso para manipular a contextualização local da oração, para estabelecer um contexto local para cada oração no texto, ainda precisa de esclarecimentos.

O Tema, pois, pode não ter realização na oração, caso em que será inferido do co-texto ou da flexão verbal. Haverá, portanto, casos em que um significado e não uma estrutura preencherá o papel de Tema. Tudo isso faz sentido, se nos lembrarmos da definição de Tema como o sujeito psicológico da oração '*that which is the concern of the message*' Halliday (1994:37). É chamado psicológico porque é o que o falante tem em sua mente quando inicia a produção de uma oração (mesmo que não corresponda a nenhuma realização morfológica).

1.3 Tema e Rema - Dado e Novo

Passo a examinar a relação entre a estrutura textual e a novidade da informação, na medida em que o meu estudo sobre o GN, trata do Rema, que, em geral, acomoda a informação nova.

Segundo Cloran (1995), a interpretação semântica para o elemento léxico-gramatical Tema, dado por Mathesius e Halliday, é que ele é o ponto de partida de uma

mensagem de um falante, indicando o que é psicologicamente mais importante para ele. A seguir, a interpretação - ponto de partida - será tecnicizada e usado como o rótulo semântico realizado pelo elemento léxico-gramatical Tema.

Discutindo a expressão estrutural da metafunção textual - a estrutura temática -, Halliday (1977b) remonta a noção de Tema e Rema às noções de linguagem sustentadas pelos antigos gregos. Entretanto, ele também reconhece a contribuição mais recente dos lingüistas da Escola de Praga, em particular o seu fundador Vilém Mathesius (1928), por sua conceitualização de Tema e estruturas informacionais.

Como se sabe, a interpretação de Halliday diverge da interpretação da Escola de Praga: enquanto os pesquisadores da Escola de Praga combinam o conceito de Tema como ponto de partida com o foco informacional, Halliday separa essas duas funções. Ele reserva o termo Tema para o primeiro conceito, ou seja, o ponto de partida pelo qual um falante prossegue na enunciação da mensagem; a informação, por outro lado, é o que é conhecido ou dado. Os dois elementos - Tema e informação - são, segundo Halliday, produtos de dois sistemas distintos, cada um construindo uma escolha semântica distinta para o falante e cada um sendo realizado de modos diferentes. A separação da estrutura Tema e Rema da de Dado e Novo é então justificada não só pela evidência léxico-gramatical, mas também pelas suas funções distintas. Ou seja, nem sempre o Tema coincide com o Dado, como em (57) *Um menino entrou na nossa sala de aula*, em que ‘um menino’ é Tema e é Novo.

Nessa linha de raciocínio, também Gómez-González (2000) mostra que a LSF adota a idéia “separatista”, entendendo que o Tema é “o elemento da PFS (Perspectiva Funcional da Sentença), que é realizado pela posição inicial, e não tem nada a ver com a menção anterior” ou com as escolhas de Dado e Novo (Halliday 1974:53).

A razão mencionada é que, embora o Dado e o Tema normalmente coincidam em uma palavra uma vez que as línguas tendem a ater-se ao princípio de Dado antes do Novo, os falantes podem ter “boas razões” para fazer o contrário (pelo assim chamado *princípio da boa razão*).

O Dado antes do Novo evoca a perspectiva funcional da sentença, que é rephraseada como a tendência a uma forma organizacional da esquerda para a direita na unidade de informação, com o Dado (geralmente um elemento anafórico ou dêitico), se presente, mapeado no Tema e assim precedendo o Novo, mapeado no Rema. Diz-se que esses padrões textuais atribuem picos como ondas ou pulsações de proeminência para o começo e o fim da oração.

O Rema - posição final da oração - é tratado como orientado-para-o-ouvinte: ele realça a informação que é de algum modo nova. Em oposição, o Tema é descrito como um tipo especial de elemento orientado-para-o-falante: ele marca o *ângulo do falante* sobre o conteúdo da mensagem. Escolhas temáticas (e textuais) são representadas como “instrumentais” a outras escolhas gramaticais, ajudando os textos a serem coerentes em relação a si mesmos, isto é, serem coesos, e serem coerentes em relação a seus contextos de situação, ou seja, serem *consistentes*, como é observado por Halliday (1978: 134).

A autora relaciona, então, o potencial de “capacitação” do Tema da LSF, que seria substanciado em cinco tarefas funcionais, que a meu ver esclarecem alguns pontos da minha pesquisa:

- a) prover um enquadre para a interpretação do Rema;
- b) adicionar informação que é requerida para a interpretação da mensagem;
- c) (agindo negativamente) correlacionar com os princípios do *foco no final* (informação nova no final da oração) e do *peso no final*, ou seja, a tendência a colocar quantidade maior de informação no final da oração, ajudando a construir a proeminência do discurso de um ou mais itens;
- d) contribuir para a *continuidade* ou *descontinuidade* do tópico do discurso, desenvolvendo ou cancelando uma asserção que foi estabelecida no contexto prévio; e como conseqüência
- e) agir como orientador tanto para a mensagem transmitida pela oração quanto para as expectativas do interlocutor de como entender o que está por vir.

Do que foi dito, continua Gómez-González, segue-se que os sistemicistas expandem o princípio da organização temática abaixo da oração (grupos) e além da oração (oração complexa). Abaixo da oração, a suposição é de que “o princípio que põe o Tema primeiro é o mesmo que põe o Dêitico primeiramente no grupo nominal: comece por relacionar o falante no contexto do evento de fala” (Halliday, 1994: 187). Assim, estruturas, como o grupo verbal e o grupo nominal, parecem mostrar uma progressão do elemento com o maior potencial especificador, o elemento que fixa a estrutura em relação ao aqui-e-agora da troca de fala (e.g., Finito e Dêitico, respectivamente), em direção àquele que tem o menor potencial especificador ou o que é noticiável (Halliday, 1994:197).

Acima da oração, o princípio temático é encontrado atrás da organização, se forem parágrafos no discurso escrito e falado, onde a “sentença topical” de um parágrafo é nada além do que o seu Tema (Halliday 1994: 387). Explica-se que, em cada instância particular, oração por oração, a escolha do Tema não se faz ao acaso, mas funciona como parte fundamental do modo como o discurso é organizado, constituindo o *método de desenvolvimento* do texto (Halliday 1978: 134).

Algumas abordagens predizem que, já que os significados do Tema-Rema e Dado-Novo diferem, os dois grupos de categorias responderão a diferentes forças e conterão diferentes tipos de informação, quando um texto progredir através de seus vários estágios. A propósito, Martin (1992 a: 381-492) observa que, uma vez que o Tema é orientado para o falante (“sobre o que o falante fala”) e o Novo é orientado para o ouvinte (“novo para o ouvinte”), as duas categorias devem produzir diferentes resultados comunicativos. Fries (2002) conclui que as escolhas do Novo, olham para trás, juntando os significados que foram acumulados para elaborar o campo de um texto, desenvolvendo o discurso em termos experienciais, enquanto as escolhas do Tema se projetam para frente, amparando o texto em relação ao seu propósito retórico.

1.3.1 O Dinamismo Comunicativo

Firbas é um dos mais proeminentes representantes da teoria da perspectiva funcional da sentença (PFS), que foi, primeiramente, articulada por Mathesius e, subsequente, desenvolvida na tradição da Escola de Praga. O modelo de Firbas

não emprega a distinção binária Tema-Rema, mas refere-se a uma escala de dinamismo comunicativo (de Tema e Diatema através de uma transição até o Rema), carregado por vários elementos na sentença.

Segundo Firbas (1986), a teoria da perspectiva funcional da sentença (PFS) trata do modo como as estruturas sintáticas e semânticas da sentença funcionam para preencher a meta comunicativa pretendida na sentença. Um dos interesses da PFS é, pois, identificar o papel que um elemento lingüístico desempenha na dinâmica da comunicação.

A comunicação é um fenômeno dinâmico. Um dos conceitos básicos da teoria da PFS é o dinamismo comunicativo (DC), que se refere à qualidade desempenhada pelo desenvolvimento da informação (não necessariamente linear) em direção a uma meta comunicativa. O grau de DC carregado por um elemento lingüístico é a extensão relativa para o qual esse elemento contribui em direção ao desenvolvimento futuro da comunicação. Em (58), vemos que a informação se desenvolve em direção ao que se quer comunicar, partindo do início da oração (com informação conhecida, ou seja, com menor grau de DC) em direção ao seu final, em que as novas informações aumentam o grau de DC. Essa direção nem sempre é linear, dependendo da intenção de adiantar ou atrasar a informação nova.

(58) Naquele ano em Londres, moramos numa casa perto de um parque que era freqüentado pelos moradores das proximidades.

“Informação” cobre não somente o conteúdo factual, mas também atitudes, sentimentos e emoções. Os graus de DC são “relativos” no sentido de que o grau de DC, carregado por um elemento da sentença, é sempre determinado em relação à contribuição feita por outros elementos da sentença para o desenvolvimento futuro da comunicação.

Qualquer elemento lingüístico: oração, frase, palavra, morfema ou uma vogal que alterna (e.g. faz, fez), pode tornar-se um transportador de DC e, como consequência, participa do desenvolvimento da comunicação (Firbas, no prelo).

Na linguagem escrita, a distribuição dos graus de DC é afetada pela interação de três fatores: “modificação linear”, “contexto” e “estrutura semântica”.

1.3.2 O Tema e o dinamismo comunicativo

Goutsos (1997) compara a noção de Tema, devida a Halliday, com a da Escola de Praga. Diz ele que a seleção das propriedades topicais permitem ao modelo de Firbas acomodar casos de ordem inversa de Tema e Rema e separar Temas e Remas, enfrentando os problemas do Tema hallidayano já mencionados (Fries, 1984). Além disso, trata-se a questão da unidade de aplicação, tomando-se a sentença como um campo das relações de dinamismo comunicativo (DC), e orações hipotáticas como subcampos, que por si mesmos podem ser analisadas em termos de uma escala de CD. A análise do Tema não é independente do que ocorreu anteriormente, como acontece no modelo de Halliday, no qual cada oração pode ser indiscriminadamente dividida em Tema e Rema; em vez disso, ela sempre leva em consideração o contexto prévio. Então, ao analisar:

(59) *Last week he addressed British industrialists...*

deve-se fazer referência ao contexto anterior a fim de descrever a perspectiva da sentença. O contexto determinaria aqui se *Last week* tem o papel de uma estrutura temporal, ou se está enfatizado e, assim, tem qualidades remáticas. No primeiro caso, a oração seria analisada como se segue:

Quadro 12 - Análise do Tema de Firbas

<i>Last week</i>	<i>he</i>	<i>addressed</i>	<i>British industrialists</i>
Estrutura, Tema	Portador de qualidade, Tema	Próprio da Transição	Especificação, próprio do Rema

No segundo caso, *last week* poderia ser o Rema (como Especificação; vide Firbas, 1992). Assim o Tema de Firbas é conceitualizado de modo diferente do Tema de Halliday. O arranjo linear não é definitivo, mas meramente contribui para a identificação do Tema como um dentre vários fatores. O modelo de Firbas ajuda a superar os problemas da teoria de Halliday, mencionados anteriormente, ao descrever a dinâmica interna da sentença mais detalhadamente. É, portanto, mais aplicável a línguas que permitem grandes mudanças dos constituintes em posição inicial. Além disso, seu foco incide nos elementos do texto, na medida em que contribuem para o andamento da comunicação. Contudo, a análise em termos de perspectiva funcional da sentença é complexa e difícil reproduzir e verificar (Goutsos, 1994b). Em contraste à quase mecânica bipartição de orações no modelo hallydayano, a noção de Firbas de dinamismo comunicativo não nos fornece um método fácil e inequívoco para a identificação de Tema e Rema.

Goutsos resume a discussão, dizendo que tem sido argumentado que abordagens ao tópico de sentenças podem ser diferenciados de acordo com as propriedades designadas ao tópico. Dois dos mais proeminentes modelos de tópicos de sentenças, o modelo Tema e Rema de Halliday e a teoria de Firbas do dinamismo comunicativo, podem ilustrar diferentes seleções a partir do grupo de propriedades. Ambos os modelos têm falhas práticas e teóricas, mas oferecem intravisiões úteis: a noção, de Halliday, de Tema enfatiza a importância da posição inicial, enquanto que a abordagem de Firbas ressalta a dinâmica interna da sentença, como parte da comunicação em desenvolvimento. Além disso, ambos os modelos têm implicações específicas para uma visão discursiva de tópico.

1.3.3 O Rema

A literatura sobre Rema é escassa, como já tive ocasião de dizer. Assim, apresento aqui o material que consegui reunir, que, de alguma maneira, lança luzes sobre a presente pesquisa, entre os quais as discussões de um workshop sobre Rema, na Universidade de Nottingham, em 1990, e os estudos sobre Rema e N-Rema, de Fries (1994, 1995, 2001, 2002).

No verão de 1990, os membros do Departamento de Inglês, da Universidade de Nottingham (Margaret Berry, Gerald Parsons, James Bonés, Clara Calvo, Hillary Hillier e Caroline Stainton), organizaram um *workshop* sobre Rema. No programa do *workshop*, houve uma mesa-redonda sobre o Rema. Pediu-se aos membros da mesa que respondessem a nove questões, das quais apresentamos as três primeiras, mais ligadas ao tópico da presente pesquisa.

Primeira pergunta:

Cada membro da mesa poderia dar uma definição de (a) Tema e (b) Rema?

Dentro de uma sentença, o Tema fornece a fundação sobre a qual o núcleo da mensagem é construído.

O Não-Tema transmite o núcleo da mensagem. O Não-Tema é constituído por elementos de transição, que começam a construção do núcleo da mensagem sobre a fundação e por elementos remáticos, que se aproximam do término da mensagem e, por fim, a completam; o elemento que efetua o ato de completamento age como o Rema-próprio.

Um conceito importante da teoria é o grau de dinamismo comunicativo (DC).

A distribuição dos graus de DC sobre os elementos que servem de constituintes de sentenças determina a perspectiva funcional da sentença. Ela dá a perspectiva da sentença até o constituinte que carrega o maior grau de DC. Esse elemento completa o desenvolvimento da comunicação dentro da sentença e serve como o Rema-próprio.

Segunda pergunta:

“Este ‘workshop’ não deveria ter sido sobre Rema. Deveria ter sido sobre Novo. O Rema só é interessante através da associação com o Novo” (Halliday, quando lhe perguntaram se ele gostaria de fazer alguma observação sobre o Rema para o ‘workshop’.) Os membros da mesa concordam?

Permita-me lembrar a frase de Vilém Mathesius, que citei no 17º Congresso Internacional de Sistêmica no verão de 1990 na Universidade de Stirling. “A lingua é uma fortaleza que deve ser atacada de todos os lados e com todos os meios”. Abordando a sentença sob meu ponto de vista, acho que a rematização é uma das mais importantes razões de existência da sentença. O Rema próprio transmite a informação que completa o desenvolvimento da comunicação dentro da sentença, e para a qual a sentença é perspectivizada. Com relação ao passo comunicativo imediatamente relevante que deve ser tomado, tal informação é necessariamente nova. De acordo com minha abordagem, a rematização está sempre associada à novidade (por outro lado, a novidade não está exclusivamente associada à rematização). Daí, mesmo em minha abordagem a novidade é um conceito significante.

Deve-se, contudo, ter em mente que nem os elementos temáticos (formadores de fundação) nem os remáticos (construtores do núcleo [da mensagem]) estão ligados à posição. Segue-se que, na minha abordagem, o próprio Rema não está ligado à posição. Por ser o Rema de Halliday ligado à posição, ele não precisa conter o elemento que transmite a específica informação nova que, de acordo com minha abordagem, completa o desenvolvimento da comunicação e serve como o Rema próprio. Isso de fato significa que, com relação ao desenvolvimento da comunicação, a nova informação, que completa tal desenvolvimento, não precisa ser necessariamente remática nos termos de Halliday; se ela iniciar uma sentença, ela será temática.

Se em (60) *Uma figura estranha entrou na sala*, apenas *a sala* transmite a informação conhecida (velha, em meus termos, dependente de contexto), minha interpretação da perspectiva funcional dessa estrutura de sentença seria a seguinte: *sala* é elemento temático (formador de fundação); *Uma estranha figura* e *entrou* são estruturas não temáticas (construtoras de núcleo), este último sendo um elemento de transição e o anterior servindo como o Rema-próprio. Completando o desenvolvimento da comunicação, o primeiro carrega o maior grau de DC. Ele contribui mais para esse desenvolvimento. É o elemento para o qual a sentença está perspectivada.

Quanto ao enquadre de Halliday, pode-se entender por que ele preferiria o *workshop* a respeito do Novo. Afinal, os elementos que realizam o cumprimento do

propósito comunicativo de uma sentença não são transmissores de informação velha, e sim nova.

Terceira pergunta:

Alguns membros da mesa que não concordam com Halliday, poderiam dizer por que acham que o Rema é interessante?

Em minha opinião, o Rema é interessante porque é sempre constituído por um elemento que completa o desenvolvimento da comunicação (por isso é chamado de Rema-próprio) e, possivelmente, também por elementos que aproximam esse desenvolvimento de sua conclusão. Visto desta perspectiva, os elementos remáticos transmitem informação mais importante do que os de transição e os temáticos, o Rema-próprio transmitindo a informação mais importante de todas. É o Rema-próprio que, juntamente com outros elementos remáticos (se presentes), cumpre o propósito comunicativo da sentença. Daí, os elementos remáticos carregarem maiores graus de DC do que os elementos temáticos e os de transição.

Por todas essas razões, eu o considero não apenas interessante, mas também desejável investigar os meios que a língua usa para implementar (sinalizar) os elementos remáticos. Deixe-me lembrar que, na minha abordagem, a rematicidade não está atrelada à posição. Ela está implementada através da interação de fatores da Perspectiva Funcional da Sentença (PFS) (vide respostas das Questões Um e Dois). Como o fator entonação não pode operar independentemente de fatores não-prosódicos, é interessante investigar a cooperação de fatores não-prosódicos da PFS e da entonação na sinalização da rematização. Diferenças interessantes emergem-se, se compararem línguas, ou estágios, ou o desenvolvimento histórico de uma língua.

Dentro de um parágrafo, todos os elementos remáticos formam a camada remática. É interessante estudar a estrutura dessa camada e sua relação com a camada temática formada por todos elementos temáticos do parágrafo.

Os estudos da PFS têm sido relacionados a problemas de Tema (e não de Rema), apesar do fato de que é justamente o Rema que representa o núcleo do enunciado (a mensagem) e ‘empurra a comunicação para diante’ (Daneš, 1974: 113).

Somente com o trabalho de Enkvist (1973), sobre a dinâmica do Tema, é que a iteração remática e a regressão temática começaram a ser notadas. Uma exceção a essa situação é o trabalho de Fries (1994, 1995, 2002), em que as orações são divididas em tema, N-rema e outro.

1.3.3.1 O N-Rema

Fries (2002: 125) cita as palavras de Halliday, para quem “Rema inclui tudo que não seja Tema”. O que significa, diz ele, que existe muita coisa dentro do Rema, mas não significa que tudo que esteja aí tenha a mesma função. Assim, Fries destaca o Novo dentro do Rema, (unindo assim o sistema do Tema/Rema com o sistema da informação Dado/Novo), chamando esse elemento de N-Rema, e o que resta do Rema, de ‘Outros’. O que seria esse N-Rema? N-Rema, o constituinte final da oração, é ‘o local não-marcado de colocação da Informação Nova (Fries, 1995: 349). Vamos analisar um exemplo, dado por ele:

Quadro 13 - o N-Rema

Adeus às armas	
Tema (= negrito)	N-Rema (=itálico, sublinhado)
1. No fim do verão daquele ano, moramos numa casa de uma vila que se via através do <i>rio</i> e da <i>planície</i> próximos da montanha.	N-Rema (skip 3) N-Rema (Prev S)
2a. No leito do rio havia seixos e pedras, secos e brancos ao sol,	
2b. e a água era clara e se movia suavemente e era azul nos canais.	
3a. Os rebanhos passavam diante da casa e desciam pela estrada,	
3b. e a poeira que eles que levantavam polvilhavam <u>as folhas das árvores</u> .	N-Rema
4a. Os troncos das árvores também estavam empoeirados	
4b. e as folhas caíram cedo naquele ano	
4c. e vimos os rebanhos marchando pela estrada ...	
5a. A planície era rica de plantações,	

No exemplo, o N-Rema rio é o que o escritor quer que o leitor se lembre quando ler 2a e 2b (rio, **no leito do rio** e **água** formam uma cadeia de semelhança) (Notar que as folhas das arvores e **as folhas** formam uma cadeia de identidade). Não é o Rema todo que deve funcionar nesse sentido, mas apenas o N-Rema, segundo a proposta de Fries. E ele é chamado N-Rema da oração anterior (=Prev S, ou seja, previous sentence).

Por outro lado, planície deve ser lembrado pelo leitor em 5a. (3 sentenças abaixo) e portanto é chamado N-Rema Skip 3.

Segundo o autor, ganha-se talvez mais explorando o fio remático do discurso do que o fio temático. Afinal, é o elemento remático que carrega a mensagem e empurra o discurso para frente.

1.3.4 A linguagem escrita e a densidade de informação

Relacionada à posição remática e ao dinamismo comunicativo, a oferta de informação nova no enunciado liga-se ao que se tem chamado de *densidade lexical*. Como veremos a seguir, Halliday (1987) e Chafe (1992) tratam desse assunto, que interessa de perto às considerações a respeito da estrutura do grupo nominal no Rema, para se compreender porque esta difere da estrutura que ocorre no Tema.

Halliday (1987) sugere que a língua escrita, comparada à falada, tem maior densidade lexical, medida pela proporção de palavras que são palavras de conteúdo em oposição a palavras de função. A propósito, Chafe (1992), comparando a fala e o texto de uma carta, mostra que, em texto escrito, as palavras de conteúdo constituem 60% do total de palavras, enquanto que, na linguagem da conversa, esse índice cai de 40%. Tal achado pode, contudo, ser aumentado pela descoberta de que a língua escrita também pode conter uma maior densidade de informação nova, no sentido descrito. Não são as palavras de conteúdo *per se* que carregam uma elevada carga cognitiva, mas a sua combinação com seqüência de palavras lexicalizadas que expressam idéias unitárias, e a densidade de agrupamentos de idéias em termos de informação nova.

1.3.4.1 A ordem dado novo

Dizem Ward & Birner (2001) que, além de decidirem o que falar, os falantes precisam decidir sobre como falar. A premissa central dos estudos da relação entre sintaxe e função discursiva é que o uso pelo falante de uma opção estrutural específica está limitado por aspectos específicos do contexto do enunciado.

Segundo eles, as línguas mostram uma tendência a ordenar, num enunciado, a informação “dada” antes da informação “nova”. Prince (1981a: 247) fala em “conspiração das construções sintáticas”, designada para evitar que sintagmas nominais que representam informação relativamente não familiar ocupem a posição de sujeito (veja Kuno 1971, *inter alia*). Com relação à questão informacional, Prince (1992) diz que foco se refere àquela porção do enunciado que representa informação nova. Pressuposição representa a informação que o falante supõe que seja parte do chão comum, i.e, ou saliente ou inferível do contexto.

Informação dada é definida por Chafe (1976, apud Ward & Biener 2001) como “o conhecimento que o falante supõe que esteja na consciência do ouvinte durante o enunciado”, enquanto que informação nova é “o que o falante supõe que esteja introduzindo na consciência do ouvinte por aquilo que diz” (1976: 30). A esse respeito, Chafe (1992) examina as diferenças de apresentação de informação dada e informação nova numa mensagem, comparando um texto escrito e um de conversa casual. Ele mostra que a escrita fornece a oportunidade de violar duas restrições impostas à fala pela economia de fluxo da informação, que são: (a) uma só informação nova por grupo entonacional e (b) sujeitos gramaticais não expressam informação nova.

Parece que na escrita é possível expandir certas construções gramaticais que, na fala, são geralmente restringidas a uma idéia nova, a instâncias que expressam mais de uma idéia. Esta é uma importante característica da língua escrita: seu potencial de aumento da densidade de idéias novas de construções que os falantes podem utilizar apenas dentro das limitações de *uma-idéia-por-vez*. Como isso acontece pode ser ilustrado primeiramente com a construção que consiste de um adjetivo atributivo seguido por um nome, ou seja, um GN.

Além desta observação geral, diz Chafe, deve ser de particular interesse aos lingüistas descobrirem os específicos recursos gramaticais da escrita, utilizados para aumentar a densidade de idéias novas. Uma questão que contribui para essa 'descoberta' é a noção de PFS, já referida acima. Segundo Firbas (1986), a teoria da PFS trata do modo como as estruturas sintáticas e semânticas da sentença funcionam para preencher a meta comunicativa pretendida na sentença. Um dos interesses da PFS é, pois, identificar o papel que um elemento lingüístico desempenha na dinâmica da comunicação.

Continuando, Chafe (1992) diz que, enquanto os adjetivos *predicativos* ocorrem com aproximadamente a mesma freqüência tanto na escrita quanto na fala, os adjetivos *atributivos* ocorrem com maior freqüência em tipos mais planejados de escrita (Chafe & Danielewicz 1987:100-101). Ao examinar os modos específicos nos quais os adjetivos atributivos são usados na fala, os autores verificam que eles raramente levam à inclusão de duas idéias novas dentro de uma única unidade entoacional. Os falantes são limitados em relação a vários outros usos.

Muitos adjetivos atributivos pertencem a expressões idiomáticas (como *red herring*) ou frases lexicalizadas (como *saúde pública*) (cf. Pawley 1985), em que o adjetivo e o nome juntos expressam uma única idéia.

Há outras seqüências adjetivo-substantivo nas quais o substantivo expressa informação acessível em vez de nova, estando tais exemplos de acordo com a restrição de *uma-nova-idéia-por-vez*. Porém a escrita, diferentemente da fala, permite a extensão desse padrão a casos nos quais tanto o adjetivo quanto o substantivo expressam idéias que sejam novas.

Os falantes normalmente não produzem seqüências desse tipo. Já os escritores têm tempo para ativar separadamente a idéia expressa pelo adjetivo e pelo substantivo, e não teriam problema em combiná-los dentro de uma construção do tipo adjetivo-substantivo, uma construção suficientemente familiar na fala, mas também uma em que os falantes são limitados pela restrição *uma-idéia-por-vez* de utilizarem dessa maneira.

Por outro lado, um dos constituintes, o sujeito, tem uma forte tendência a ser informação dada. Quando ele não o é, quando um constituinte é novo e o outro acessível, na fala ele é quase sempre sujeito que é acessível e o predicado que é novo. Resumindo, a relação entre o sujeito e o predicado é altamente assimétrica em relação à distribuição de informação nova.

Quanto à relação sujeito/informação, a proporção de sujeitos dados, acessíveis e novos difere entre fala e escrita. A grande maioria dos sujeitos na fala casual é dada. Já na escrita, ao contrário da conversa, a maioria dos sujeitos expressa informação dada, seguidos de informação acessível e de informação nova. A construção sujeito-predicado, então, fornece um exemplo de outro padrão gramatical que está restrito na fala, mas que pode ser estendido a uma série mais ampla de possibilidades na escrita (Cf. Chafe 1991).

1.4 O grupo nominal

Da perspectiva da lingüística sistêmico-funcional (LSF), Halliday (1994) afirma que a língua é um recurso para fazer significado, uma fonte indefinidamente expansível de significado potencial, e que a estrutura constituinte é um meio para mapear diferentes tipos de significado uns sobre outros e para codificá-los numa forma concreta.

Uma dessas estruturas constituintes é a que o autor chama de GN, e ele diz que o GN está acima da palavra e que um grupo consiste em palavras e estas, em morfemas. Ele distingue entre *grupo* (uma expansão da palavra) e *frase* (contração de oração). Exemplo de grupo (61) *uma linda flor amarela*; exemplo de frase (62) *com um grande nariz* (= contração da oração *que tem um grande nariz*). Também distingue, no grupo nominal, a ‘Coisa’ (um substantivo) e o ‘núcleo’ que pode ser substantivo, mas pode ser, por exemplo, um adjetivo (63) *o menor já quebrou tudo*).

Um tipo de GN, de acordo com Halliday (1994), é aquele formado tendo um substantivo (‘Coisa’), ou adjetivo (‘núcleo’, quando se omite o substantivo), precedido e

seguido por vários outros itens que, de algum modo, o caracterizam. Adotaremos o termo geral ‘núcleo’, doravante.

(64) *Those two splendid and old electric **trains** with pantographs*

Em (64), o núcleo é ‘trains’, e os itens são chamados de modificadores, em posições pré e pós-núcleo, cada um com uma função no interior do GN (veja quadro 14).

Quadro 14 - Exemplo de GN

<i>Those</i>	<i>two</i>	<i>splendid and old</i>		<i>electric</i>	<i>trains</i>	<i>with pantographs</i>
Dêitico	Número	Atitude	Qualidade	<u>Classificador</u>	Núcleo ou Coisa	<u>Qualificador</u>
Determinante		<u>Epíteto</u>				

A categorização dentro do GN é tipicamente expressa por um ou mais dos elementos funcionais: Dêitico, Numerador, Epíteto, Classificador e Qualificador.

- (1) Dêitico: o elemento Dêitico indica se algum subgrupo específico do núcleo está projetado ou não e, em caso positivo, qual.
- (2) Numerador: o elemento Numerador indica algum aspecto numérico do subgrupo: ou quantidade, ou ordem; ou exato, ou inexato.
- (3) Epíteto: o Epíteto indica alguma qualidade do subgrupo. Esta pode ser uma propriedade objetiva do próprio núcleo; ou pode ser uma expressão da atitude subjetiva do falante em relação a ela.
- (4) Classificador: o Classificador indica uma subclasse particular do núcleo em questão.
- (5) Qualificador: ao contrário dos elementos que precedem o núcleo, os que a seguem ou são uma frase ou oração. Com raras exceções, todos Qualificadores são *rankshifted* (mudança de nível). O que isso quer dizer é que a posição após o núcleo está reservada àqueles itens que, em sua própria estrutura, são de maior posição hierárquica do que ou pelo menos equivalente à aquela do GN; assim, por

conseqüência, não se esperaria que eles fossem um constituinte do GN. Tais itens são chamados de *rankshifted*.

Mas não há consenso entre os estudiosos sobre o que se entende por modificador pré ou pós-núcleo. Entre eles, estão Gleason (s.d.), Huddleton (1984) ou Quirk *et al.* (1985), citados por Fries (2001), como veremos mais adiante.

1.4.1 O GN: modificadores e sua ordem

Para Halliday, há uma progressão no GN desde o tipo de elemento que tem o maior potencial especificador até o que tem o menor. Colocando-se primeiro o Dêitico no GN, começa-se relacionando o falante ao contexto do evento do discurso. Daí, alinham-se os elementos que têm sucessivamente um menor potencial identificador - que são progressivamente permanentes como atributos. De modo geral, quanto mais permanente o atributo de um núcleo, será menos provável identificá-lo em um contexto particular. Portanto, começa-se com a caracterização qualitativa menos permanente que se encontra mais próxima ao Dêitico; segue-se através de vários aspectos qualitativos e termina-se com a mais permanente, a designação a uma classe. Dentro das características qualitativas, se mais de um for especificado, haverá novamente uma tendência de se mover do menos permanente ao mais permanente.

Para Bruti (2003), há algumas regras que regulam a ordem dos epítetos, se houver dois ou mais. Atributos de tamanho, idade, forma e cor tendem a ocorrer nessa ordem no inglês: (65) *a large, modern, rectangular, black box*. Adjetivos curtos tendem a preceder os longos: (66) *a small, lovely, well-kept garden*. Palavras bem conhecidas são colocadas antes das menos comuns: (67) *a peculiar anti-deluvian monster*, em que *peculiar* seria mais conhecido que *anti-deluvian*. O mais impactante de uma série de adjetivos tende a ser colocado no final: (68) *a sudden, loud, ear-splitting crash*.

Já Thompson (1996) relaciona a estrutura do GN com a questão temática, afirmando que a ordem dos elementos experienciais - uma estrutura multivariada, segundo ele, é paralela à da or

no GN: ele relaciona o resto da expressão ao evento discursivo. A estrutura Tema-Rema é encontrada em cada nível de estrutura em inglês.

Contudo, quanto ao modificador pós-núcleo/núcleo, há variadas opiniões. Nesse sentido, Fries (2001) mostra que nem todos os pesquisadores do GN partilham o mesmo ponto de vista sobre o que se entende por modificador pré ou pós-núcleo. Apresentamos, a seguir, as diferentes posições defendidas por diferentes autores mencionados por Fries.

Quadro 15 - Gleason (s.d.) Introduction to Linguistics, 3rd ed. (Exemplos de Fries)

Specifier	Descriptor	Head	Displaced Modifier	Qualifier	Appended
	large	fish		in the water	
better		barn	than average		
best	new	method			which we are currently using
		experts		who were present	

Quadro 16 - Quirk, Greenbaum, Leech & Svartvik (1985)

Modification Zone			Head	Post Modifier		
Central	Post central	Pre Head		Appositive	Restrictive	Non restrictive
important	long	French	novel			which was read in the course
			news	that the team had won		

Quadro 17 - Huddleston (1984)

Modifier	Head	Complement	Modifier	Peripheral-dependent
good	ideas			
	remarks			which he made
	girls		with red hair	
	destruction	of Carthage		

As divergências e os problemas na caracterização dos modificadores não se limitam aos diferentes elementos que ocorrem antes ou depois do núcleo. Elas se referem também à definição desses modificadores. Assim, Halliday (1994), depois de afirmar que os modificadores (epítetos, classificadores e qualificadores) caracterizam o núcleo, acrescenta que o qualificador tem a função de caracterizar o núcleo, ou seja, a função específica desse modificador permanece vaga. Por outro lado, Bruti (2003) afirma que os qualificadores são todos os modificadores em pós-posição em relação ao núcleo. A autora acrescenta que o qualificador não é um elemento essencial. Contudo, Fries (1999), citando Radford (1988), apresenta um exemplo no qual o complemento nominal - que é essencial ao núcleo - está em pós-posição.

(69) *a student of physics*

Problemas semelhantes ocorrem na classificação dos modificadores em português. Tarallo (1994), Kato (1998) e Silva & Dalla Pria (2001) falam em modificadores pré-núcleo, mas não fica claro a que tipos de modificador estariam se referindo. Além disso, não há acordo sobre a posição dos modificadores no GN. Silva & Dalla Pria (2001) afirmam que os classificadores são denotativos e ocorrem na posição pré, mas para Borba (1996) eles ocorrem sempre em posição pós-núcleo.

Outras dificuldades acrescentam-se às acima mencionadas. Consideremos um dos exemplos de Radford. Ele distingue entre adjunto nominal e complemento nominal com base no fato de que o complemento é sempre 'mais próximo' do nome do que o adjunto. Comparemos o exemplo do autor:

Quadro 18 - Exemplo de Radford

<i>a student</i>	<i>of physics</i>	<i>with long hair</i>
	compl. nominal	adjunto

Quadro *18 - Grupo nominal pouco usual

<i>a student</i>	<i>with long hair</i>	<i>of physics</i>
	adjunto	compl. nominal

De fato, em (*18), a colocação do adjunto junto do nome produz um GN pouco usual, requerendo a separação do adjunto através de vírgulas para tornar o GN aceitável.

Contudo, Fries (1999) apresenta um contra-exemplo, mostrando que a ordem adjunto seguido de complemento nominal é possível:

Quadro 19 - Contra-exemplo de Fries

<i>There were suggestions</i>	<i>in Hong Kong</i>	<i>that the issues divides along cultural lines.</i>
	adjunto	complemento

Verifica-se aqui um problema que, segundo constatamos, ocorre com frequência na questão que estamos examinando. Fries lança mão de uma função sintática (adjunto/complemento) no quadro (19), para tratar de um fenômeno no interior do GN (epíteto/classificador/qualificador). Observe-se que ‘*in Hong Kong*’, antes de integrar o GN, era um adjunto adverbial (e não um adjunto adnominal como o é ‘*with long hair*’). Ou seja, são fenômenos semânticos distintos que - na forma - se igualam no interior do GN. Numa classificação baseada na função do elemento no GN, tal diferença sintática pode ser significativa, resultando em funções diferentes para os modificadores constituintes do GN.

1.4.2 Os modificadores em português

Também em português, as divergências não se limitam à ordem dos modificadores, abrangendo também a sua definição. Como vimos, Tarallo (1994), Kato (1998) e Silva & Dalla Pria (2001) falam em modificadores pré-núcleo, mas não fica claro a que tipos de modificadores estariam se referindo.

Assim, Neves (2000) afirma que os adjetivos podem ser qualificadores e classificadores. Silva e Dalla Pria (2001) propõem a seguinte categorização sintático-semântica para os adjetivos em posição atributiva: adjetivos determinantes, avaliativos

e classificadores. Para Monte (2006): os adjetivos são classificados em três categorias: qualificadores, classificadores (preposição + substantivo) e de eventos (ligados aos participios de verbos). Câmara Jr. (1979) diz que há, implicitamente, dois fatores que estabelecem a colocação de atributivos em relação ao nome que modificam: uma que é de ordem gramatical, fixa, e outra que é “livre”.

Quanto à posição dos modificadores, são as seguintes as posições dos estudiosos na língua portuguesa.

(a) Pré-modificadores

Para Tarallo (1994), além de ser atitudinal, a pré-posição é um recurso estilístico em textos literários. Já para Neves (2000), os qualificadores em pré-posição são apreciativos e, também, gradativos e intensificáveis e expressam valores semânticos de modalização (epistêmicos e deônticos) e de avaliação (intensificação, atenuação e definição). Silva & Dalla Pria (2001) concorda que os adjetivos em posição pré-nominal são atitudinais, pois codificam a opinião do falante, mas elaboram a questão. Com a pré-posição do adjetivo, o substantivo é tomado pelas características do adjetivo, isto é, o atributo torna-se inerente ao substantivo. Assim, esses adjetivos são usados como extensão do substantivo, ao contrário dos adjetivos avaliativos em pós-posição. Nesse sentido, Kato (1998) afirma que os poucos adjetivos que ocorrem em posição pré-nominal são adjetivos atitudinais, que codificam a posição do falante. Já para Borba (1996) os qualificadores, como modo de conceber (apreciar, avaliar, julgar) o mundo, pode tomar as duas posições, com vários tipos de implicações semânticas. Mas, para Monte (2006), somente os adjetivos qualificadores podem aparecer em posição pré-nominal.

Pelo que se pode depreender, os modificadores qualificadores são atitudinais e

informação deve estar no final dos predicados nominais (núcleos). Para Neves (2000), a pós-posição tem um valor descritivo. Silva & Dalla Pria (2001) mostram que, na pós-posição, os adjetivos determinam um subgrupo para o grupo designado pelo substantivo e expressam características com função descritiva. Adjetivos avaliativos são usados na dependência de uma avaliação subjetiva e podem ocorrer em pré ou pós-posição, ou seja, pode-se concluir que modificadores avaliativos também ocorrem em posição pós-núcleo.

Adjetivos classificadores, segundo Silva e Dalla Pria, não expressam características, mas apenas relacionam entidades, classificando-as. Para Borba (1996), os classificadores, com função de relacionar entidades, são sempre pós-nominais; a pós posição é denotativa, e a pré-posição é conotativa (veja Câmara Jr., 1979). Monte (2006) diz que, em português, a posição preferencial dos adjetivos é a pós-nome. Segundo a autora, poder-se-ia afirmar que nem todo adjetivo qualificador admite a posição anteposta ao substantivo, mas que todo anteposto admite a posição posposta.

Pode-se ver que nem sempre há: (a) clareza na caracterização dos modificadores e (b) consenso na posição desses modificadores em relação ao núcleo.

1.5 O gênero

Quando se fala em gêneros do discurso, não se pode deixar de mencionar Bakhtin (1997 [1979]), a quem se atribui a definição, aceita hoje nos meios lingüísticos: “gêneros do discurso são tipos relativamente estáveis de enunciados elaborados por cada esfera de utilização da língua” (279). Segundo ele, incluem desde o diálogo cotidiano até a exposição científica.

Na LSF, Martin (1984: 25) oferece uma definição mais elaborada: “gênero é uma atividade, organizada em estágios, orientada para uma finalidade na qual os falantes se envolvem como membros de uma determinada cultura”. Assim, gênero pode ser visto tanto como um artefato cultural motivado pelo contexto, quanto como uma estrutura esquemática.. Diz ele que grande

Menos tecnicamente (Martin, 1985b: 248), ele diz que gêneros são como as coisas são feitas, quando a linguagem é usada para efetivá-las.

Martin (1992b) fala em macro-gênero, dentro do qual podem existir outros gêneros. Assim o macro-gênero de um manual universitário contém seções expositivas, descritivas ou regulativas, e nem todos consideram esses itens como constituindo gêneros autônomos.

Por outro lado, Hassan (Halliday e Hassan 1985) mostrou como estruturas esquemáticas genéricas têm elementos ora obrigatórios, ora opcionais, que podem ser observados de modo linear através de afirmações potenciais de estrutura genérica (PEG). Ventola (1995) mostra como a estrutura genérica da prestação de serviços pode ser derivada da análise de exemplos de textos reais. Mas ela observa que nem sempre é possível a identificação das etapas de um gênero.

A propósito, Moore (2006), estudando um artigo do *The Economist*, cita Kress (2004), que fala de “extensões, mistos e híbridos” no discurso da mídia, em termos de multimodalidade e modificação de mídia, que são igualmente encontrados em textos discursivos de mídia mais tradicional como em jornais e revistas. Reynolds (2000), por exemplo, mostra como os editoriais de jornais não são formados, simplesmente, por um argumento, mas de uma mescla de narrativa, descrição e argumentação, na qual o argumento predomina. Fairclough (1996) observa a relação entre “hibridez intertextual” e “heterogeneidade lingüística”, com esta sendo realizada pela primeira.

Por isso, diz o autor, a codificação dos textos em estágios é tarefa complexa, justamente devido ao cruzamento de categorias (e.g., discurso indireto algumas vezes valendo como notícia) e ambigüidades não antecipadas (e.g., pensamentos reportados, talvez, representando visões do *Economist*).

1.5.1 O gênero e a estrutura do GN

O exame do GN, segundo Bathia (1991) e Goutsos (1997), deve considerar o gênero discursivo como fator determinante da constituição dessa estrutura sintática. O autor, ao investigar os GNs em gêneros profissionais, tais como propaganda, pesquisa

científica e dispositivos legislativos, descobriu que, embora os GNs fossem muito usados nesses gêneros, eles eram marcadamente diferentes, não apenas na sua forma sintática, mas também na sua função retórica. Na propaganda, os GNs têm em geral a forma:

Quadro 20 - Forma do GN na propaganda

(Modificador) Núcleo (Qualificador)

em que os modificadores são realizados em termos de uma série de atributos linearmente dispostos como se segue:

Quadro 21 - Seqüência dos atributos do GN na propaganda

(Determinante) (Adjetivo) (Adjetivo) (Adjetivo) ... Núcleo (Qualificador)

Já que uma das principais preocupações da propaganda é oferecer uma avaliação positiva dos produtos ou serviços promovidos, e os GNs são vistos como portadores de adjetivos, há, segundo o autor, uma probabilidade de incidência acima da média desses grupos nesses gêneros. Ele dá o seguinte exemplo:

(70) *The world's smallest and lightest digital camcorder that's also a digital camera*

Por outro lado, os GNs em gêneros de pesquisa acadêmica, em especial nas ciências, são usados para criar e desenvolver conceitos técnicos. Esses GNs têm a forma de compostos de nomes com a seguinte estrutura:

Quadro 22 - Estrutura do GN no gênero pesquisa acadêmica

(Modificador) (Modificador) (Modificador) ... Núcleo (Qualificador)

em que os modificadores são tipicamente realizados em termos de uma série de nomes linearmente dispostos, funcionando como classificadores, com ocasional incorporação de adjetivo. O seguinte é um exemplo típico (Bhatia 1993: 149):

(71) *Nozzle gas ejection space ship altitude control*

No caso do discurso legislativo, os GNs são, em geral, realizados na forma de nominalizações, uma vez que essas formas sintáticas permitem ao escritor condensar orações, para referência subsequente na mesma sentença, acrescentando precisão e clareza aos dispositivos legislativos (Bhatia 1982, 1993). O seguinte exemplo é típico desse processo de nominalização (sublinhada):

(72) If the debtor fails without reasonable cause to attend on the Official Receiver as aforesaid or to furnish him with such information as aforesaid, or if the debtor obstructs the search of the premises or the production of any book or document required in connection therewith, or authorizes or permits any such obstruction, the debtor shall be liable on summary conviction to imprisonment for any term not exceeding 6 months, and every person who takes any part in any such obstruction, whether authorized or permitted by the debtor or not, shall be liable to the like penalty. (Section 8.3 of the Bankruptcy Ordinance 1997, HKSAR)

2 METODOLOGIA DE PESQUISA

Esta pesquisa baseia-se em dados quantitativos referentes aos constituintes sintáticos dos grupos nominais (GNs) que compõem o Rema. Esses dados numéricos, aliados à questão do fluxo informacional, formarão um panorama que poderá esclarecer não somente a estrutura do GN, com a identificação dos modificadores pré e pós núcleo, mas também a natureza do Rema - muito pouco estudado, apesar de conter, na maioria dos casos, a informação propriamente dita; por extensão, deve lançar luzes sobre o modo como o dinamismo comunicativo se efetiva, aumentando conforme o texto se desenvolve. Devo esclarecer que o Tema não constitui foco de minha atenção, mas comparece à minha análise pelo que ele significa na relação com o Rema.

2.1 Descrição do corpus analisado

De início, tencionávamos analisar dez tipos individuais de gênero discursivo, mas, após as primeiras tentativas de análise, chegamos à conclusão de que seria mais produtivo selecionar uma quantidade menor de tipos, estudando-o através de mais de um exemplar para cada gênero. Assim, coletamos dois textos de cada gênero, a saber: artigo de opinião, escrita acadêmica (*academic writing*, segundo Thompson, 2001) e crítica de cinema.

A escolha desses três gêneros tem uma explicação, movida pela curiosidade: julgava que não haveria muita diferença em termos de estrutura de GN, entre artigo de opinião e escrita acadêmica, que seriam densas em termos léxico-gramaticais, e que entre esses dois e a crítica de cinema, haveria considerável diferença. Essa suposição não se verificou.

Foram analisados os seguintes textos, com cerca de 500 palavras cada:

Quadro 23 - Textos que integram o *corpus*

Gênero	Título	Autor	Publicado em
1. Artigo de opinião	<i>O ataque careca</i>	Kahn (2000)	FSP
Origem da publicação: FSP, em 14 de fevereiro de 2000, cidade: S. Paulo			
2. Artigo de opinião	<i>Pobre eleitor</i>	Kinzo (2006)	FSP
Origem da publicação: FSP, em 30 de setembro de 2006, cidade: S. Paulo			
3. Escrita acadêmica	<i>Uma experiência de assessoria docente e de elaboração de material didático para o ensino de produção de textos na universidade.</i>	Machado (2000)	DELTA
Origem da publicação: MACHADO, Anna Rachel. Uma experiência de assessoria docente e de elaboração de material didático para o ensino de produção de textos na universidade. DELTA., São Paulo, v. 16, n. 1, 2000. Disponível em < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502000000100001&lng=pt&nrm=iso >. Acesso em: 12 Fev 2007. Pré-publicação. doi: 10.1590/S0102-44502000000100001.			
4. Escrita acadêmica	<i>Modalização: da Língua ao discurso</i>	Fiorin (2000)	ALFA
Origem da publicação: ALFA - Revista de Lingüística, São Paulo, v. 44, p. 171-192, 2002.			
5. Crítica de cinema	<i>O código Da Vinci</i>	Vieira (2006)	INTERNET
Publicado no site: Recanto das Letras em 09/10/06			
6. Crítica de cinema	<i>Candy</i>	Silva (2007)	Revista de Cinema
Origem da publicação: Revista de cinema em 09/02/07 internet: acesso em 9/2/07 Crítico: Humberto Pereira da Silva			

2.2 Procedimentos de metodológicos

Antes de iniciar a divisão das sentenças em Tema e Rema, retomo alguns pontos citados no Apoio Teórico sobre essa questão, com vistas a facilitar o acompanhamento de minha análise, bem como a justificar a razão de determinadas escolhas para Tema:

- (a) o elemento escolhido para Tema deve estabelecer os limites de aceitabilidade dentro dos quais o Rema pode ocorrer, ou seja, um contexto local para o leitor antecipar e interpretar a mensagem da oração (Leong, 2005; Matthiessen 1995; Whittaker, 1995). Ou seja, na decisão de escolha do Tema, deve-se levar em conta a relação entre Tema e Rema (Leong, 2005:713). É o que ocorre em (Tema sublinhado) (73) *It was a sin* that...; (74) *Why did you* ... em que o 'it' ou o 'why' apenas, não cumprem a função acima referida. Já em (75) *There is a problem* that ..., Tompson (2004) diz que 'there' não realiza significado experiencial (ao contrário de quando funciona como circunstância) e por isso 'there' não pode ser considerado Tema, como quer Halliday (1994), mas sim a oração inteira 'there is a problem'.
- (b) por outro lado, apóio-me em Gouveia e Barbara (2004), que examinaram o Tema no português e lembram a definição de Tema como sendo o sujeito psicológico da oração 'that which is the concern of the message' Halliday (1994:37), Segundo eles, é o que o falante tem em sua mente quando inicia a produção de uma oração (mesmo que não corresponda a nenhuma realização morfológica). Assim, considero Tema o elemento que pode ser inferido através do contexto.
- (c) Whittaker (1995) (veja o Apoio Teórico, para detalhes) considera Tema as seguintes escolhas léxico-gramaticais (sublinhado), quando iniciam sentenças:
 - metafóricos (impessoais): *É, além disso, claro* que ... (que equivale a 'claramente')
 - persuasão 'escondida': *Diria, por conseguinte,* que ...

- nominalização da expressão modal + existencial, como em: Há uma forte possibilidade portanto ...
- com nominalização de processo mental ou verbal: Tem sido sugerido (Sugere-se que)
- Tema ideacional 'avaliativo': Parece mais sensível
- diz a autora que os Temas textuais metafóricos (sentenças textuais: tema textual catafórico ou anafórico): Neste artigo, esperamos apresentar ...
- (catafórico) Esperamos, contudo, que tenhamos mostrado ..(anafórico.)

2.2.1 A classificação dos constituintes do Rema

As orações foram primeiramente divididas em Tema e Rema:

No Rema:

- (a) foram analisados tanto os GNs preposicionados

(76) *'de uma transposição didática para o ensino de produção de textos'*, quanto os não-preposicionados

(77) *'uma transposição didática para o ensino de produção de textos'*.

- (b) os elementos constituintes do GN foram classificados segundo a gramática tradicional, uma vez que - como já nos referimos anteriormente - a terminologia utilizada pelos systemicistas não encontra consenso entre os estudiosos do GN nem no inglês nem no português; esta pesquisa espera contribuir para o esclarecimento de pontos da polêmica;

- (e) (e) as orações subordinadas adverbiais não foram analisadas como tendo Tema e Rema, mas são consideradas elementos integrantes do GN, assim como ocorre com os adjuntos adverbiais. Ou seja, não faremos distinção entre (veja a parte sublinhada), já acreditamos que eles não difiram nem em termos informacionais, nem em termos do dinamismo comunicativo:

(78) 'estavam enviando bombas caseiras para o extermínio da fauna...' (adjunto adverbial)

(79) 'estavam enviando bombas caseiras para exterminar a fauna ...' (oração subordinada adverbial)

Por outro lado, notemos que a nominalização de 'enviar' para 'envio', acarreta a classificação de adjunto adnominal para a parte sublinhada:

(80) 'providenciamos o envio de bombas caseiras para o extermínio da fauna... (adjunto adnominal, pela gramática da língua portuguesa)

Esta questão foi discutida em 1.4.1, em que Fries se utiliza desse tipo de adjunto adnominal (que na origem é um adjunto adverbial) para se opor a Radford, num caso em que este apresenta um adjunto adnominal original.

Para evitar essa confusão, causada evidentemente pela metalinguagem da sintaxe que coloca na mesma classificação fenômenos semanticamente diferentes, optei por considerá-lo como sendo adjunto adverbial (80).

2.2.1.1 Codificação

Damos a seguir a explicação das siglas usadas na análise:

Quadro 24 - Codificação

OSS = oração subordinada substantiva CN = completiva ou complemento nominal OD = objetiva direta OI = objetiva indireta
OAdv = oração subordinada adverbial AA = adjunto adverbial
OAdj = oração subordinada adjetiva aa = adjunto adnominal PS = predicativo do sujeito

O procedimento seguinte foi adotado:

- (a) separação do Tema e Rema;
- (b) classificação das orações integrantes do Rema [Veja Quadro 25];
- (c) classificação das funções sintáticas dos GNs constituintes da oração principal (Sujeito, Objeto direto, etc.) [Veja Quadro 26];
- (d) classificação das funções sintáticas dos modificadores dos GNs integrantes das orações de (b) - (em itálico o predicativo do sujeito no interior de GN) [Veja Quadro 27];

A título de esclarecimento, vejamos como foram analisados os textos, através dos trechos seguintes:

(81) Muitos outros "inimigos" foram surrados seguindo o mesmo padrão: ataques de muitos contra poucos indefesos, escolhidos aleatoriamente pelo simples fato de ser negros, nordestinos, gays, punks ou judeus.

Quadro 25 - A análise do Rema no exemplo (81)

TEMA	REMA	Classificação sintática
Muitos outros "inimigos"	foram surrados	
	seguindo o mesmo padrão : ataques de muitos contra poucos indefesos,	OAdv de modo
	escolhidos aleatoriamente pelo simples fato	OAdj
	de ser <i>negros, nordestinos, gays, punks ou judeus</i> .	OSS CN

Ou num outro exemplo, agora envolvendo partes de oração:

(82) *Desde as ameaças, os tiros e as inscrições antinordestinas na Rádio Atual, em 1992, as ações desses grupos vêm sendo monitoradas pela imprensa e pelas autoridades,*

Quadro 26 - Análise do Rema no exemplo (82)

TEMA	REMA	Classificação sintática
Desde as ameaças, os tiros e as inscrições antinordestinas na Rádio Atual, em 1992,	as ações desses grupos	Suj.paciente
	vêm sendo monitoradas	
	pela imprensa e pelas autoridades,	Agente da passiva

Veja, a seguir, um exemplo de uma análise completa:

ANÁLISE DO TEXTO 1 - Artigo de Opinião (Kahn, FSP)

O ATAQUE CARECA

489 palavras

Quadro 27 - Exemplo de análise completa

TEMA	REMA	Classificação sintática
O episódio recente do assassinato do adestrador de cães Edson Neris da Silva em plena praça da República por um grupo de carecas, somado às agressões contra imigrantes marroquinos na Espanha e à eleição do Partido da Liberdade na Áustria	despertou novamente (só vou analisar os GNs)	OD
	<p style="text-align: center;">Complemento nominal de 'atenção'</p> <p><u>a</u> atenção <u>da</u> sociedade [para <u>a</u> questão <u>dos</u> "incidentes / de ódio"] art + núcleo + adj.adn. art + núcleo adj.adn. + adj. adn.</p> <p>NOTA: artigo sublinhado; núcleo negritado; adj.adn. em rosa; compl. nom. em azul.</p>	
As discussões	durante <u>a</u> semana passada art + núcleo + adj. adn.	AA de tempo
	foram travadas muito	
	em torno de aspectos até certo ponto secundários, núcleo + adj.adn. + adj., adv. + adj.adn.	AA de assunto
	NOTA: adj. adv. em verde	
	como <u>as</u> diferenças entre punks,/ skinheads / e carecas,	AA de comparação
O que vestem e que músicas ouvem, que locais freqüentam ou qual <u>o</u> perfil dos seus integrantes,	OAdj	
deixando de lado <u>a</u> questão mais crucial:	OAdv.modal	
qual é	afinal	
	<u>o</u> perigo	OD

(continuação)

e ora uma, ora outra facção	tem sido apresentada como responsável por pichações difamatórias, compl. nom + adj. adn depredações, compl. nom ameaças /a lideranças de minorias, compl. nom + compl. nom + adj. adn. difusão/ de idéias racistas, /homofóbicas, /separatistas /e anti- compl. nom + compl. nom+ adj.adn.+ adj. adn. + adj.adn. + adj. adn. semitas adjunto adverbial por meio de panfletos ,/ fanzines /ou pela Internet . núcleo núcleo art + núcleo	PS
Também (elas)	foram responsabilizadas pelo envolvimento em incidentes mais graves /e raros, AA de causa como <u>o</u> envio de bombas caseiras a instituições AA de comparação como <u>a</u> Anistia , estupros , / agressões físicas /e assassinatos . (continuação de 'como o envio de bombas caseira...')	
A morte de Neris da Silva, atacado	porque "parecia <i>homossexual</i> ", segundo <u>um</u> levantamento AA de conformidade feito <u>na</u> imprensa desde 1992, OAdj foi <u>o</u> <i>nono</i> homicídio PS que pode ser atribuído OAdj aos grupos de extrema direita.	
Muitos outros "inimigos"	foram surrados segundo <u>mesmo</u> padrão : OAdv modal ataques de muitos contra poucos indefesos, OAdj escolhidos aleatoriamente OAdv causal pelo <u>simples</u> fato de ser negros,/ <i>nordestinos</i> ,/ <i>gays</i> ,/ <i>punks</i> / ou <i>judeus</i> .	
Mas, mais que um perigo físico para as minorias - estatisticamente baixo num país onde ocorrem 37 mil homicídios dolosos por ano e um homossexual é assassinado a cada dois dias - ,	<u>as</u> ações <u>desses</u> grupos S é de <u>outra</u> natureza mais <i>simbólica</i> . PS	
Em primeiro lugar, é preciso	ser <i>cauteloso</i> com aqueles OAdv modal que se apresentam como OAdj herdeiros de doutrinas OAdv causal que <u>no</u> passado foram <i>responsáveis</i> pelo sofrimento /e pela morte de milhões de pessoas.	

continua

(continuação)

Mas, acima de tudo, esses grupos	são	
	<u>perigosos</u>	PS
	porque defendem bandeiras e idéias	OAdv causal
	que se encontram <i>adormecidas</i> na sociedade , ainda hoje, mesmo que em versões mais moderadas.	OAdj OAdv concessiva
Idéias que não se restringem a alguns poucos extremistas	são mais difundidas	
	do que seria <i>desejável</i> .	OAdv. comparativa
(eu)	Conheço	
	bons cidadãos , que não se julgam <i>racistas</i> (que) nem de extrema direita, (que) tampouco andam de cabeças raspadas ,	OD OAdj
(mas cidadãos)	que compartilham em <u>algum grau</u> noções do tipo "o Sudeste sustenta o resto do país", "nossas prisões estão <i>cheias</i> de negros e nordestinos", "os gays são os <i>responsáveis</i> pela epidemia da Aids"; que xingam <u>os demais</u> de " <i>baianos</i> "	OAdj OAdj
e (eles)	afirmam	
	que não votariam numa nordestina * /ou <u>num</u> * negro para <u>a</u> prefeitura .	OSS OD
(eles)	são	
	cidadãos que não calçam coturnos ,	PS OAdj
mas (são cidadãos)	que rejeitariam <u>uma</u> * instituição de aidéticos ou <u>uma</u> * unidade da Febem perto de <u>suas</u> casas .	OAdj

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Início a análise dos GNs do Rema de três gêneros, a saber: dois de artigo de opinião, dois de texto científico e dois de crítica de cinema. A seguir, apresentamos uma análise de cada gênero, assim ordenadas:

Quadro 28 - Ordenação dos gêneros

Análise	Gênero	Autor	Título do texto
(1)	artigo de opinião	Kahn	O ataque careca
(2)	escrita acadêmica	Machado	Uma experiência de assessoria .
(3)	crítica de cinema	Vieira	O código Da Vinci
(4)	artigo de opinião	Kinzo	Pobre eleitor
(5)	escrita acadêmica	Fiorin	Modalização: da língua ao discurso
(6)	crítica de cinema	Silva	Candy

Cada texto será dividido em Tema e Rema, e no Rema examino a estrutura dos GNs constituintes, de acordo com o explicado nos Procedimentos Metodológicos. Feito isso, apresento para cada gênero, uma tabela de porcentagens referentes às ocorrências das estruturas constituintes dos GNs. Além disso, cada gênero será acompanhado de mais duas tabelas, uma referente a Temas marcados e não-marcados e outra sobre dêiticos e pré-modificadores.

ANÁLISE (1)**Gênero - Artigo de Opinião (Kahn, 2000)****O ATAQUE CARECA****489 palavras**

Quadro 29 - Análise do texto 1

TEMA	REMA	Classificação sintática
O episódio recente do assassinato do adestrador de cães Edson Neris da Silva em plena praça da República por um grupo de carecas, somado às agressões contra imigrantes marroquinos na Espanha e à eleição do Partido da Liberdade na Áustria	despertou novamente	
	a atenção da sociedade para a questão dos "incidentes de ódio"	OD*
As discussões	durante a semana passada	AA de tempo
	foram travadas muito	
	em torno de aspectos até certo ponto secundários,	AA assunto
	como as diferenças entre punks, skinheads e carecas,	AA comparaç
	o que vestem e que músicas ouvem, que locais freqüentam ou qual o perfil dos seus integrantes,	OAdj
deixando de lado a questão mais crucial:	OAdv de modo	
qual é	afinal	
	o perigo	OD
	que a existência desses grupos representa para a sociedade brasileira?	OAdj
Desde as ameaças, os tiros e as inscrições antinordestinas na Rádio Atual, em 1992,	as ações desses grupos	SP
	vêm sendo monitoradas	
	pela imprensa /e pelas autoridades,	AP

(continua)

(continuação)

e ora uma, ora outra facção	tem sido apresentada	
	como responsável por pichações difamatórias, depredações, ameaças /a lideranças de minorias, difusão/ de idéias racistas, homofóbicas, separatistas e anti-semitas por meio de panfletos, fanzines ou pela Internet.	PS
Também (elas)	foram responsabilizadas	
	pelo envolvimento em incidentes mais graves e raros,	AA de causa
	como o envio de bombas caseiras a instituições como a Anistia,	AA de comparação
	estupros, agressões físicas e assassinatos. (continuação de 'como o envio de bombas caseira...')	
A morte de Neris da Silva, atacado	porque "parecia <i>homossexual</i> ",	OAdv causal
	segundo um levantamento	AA conformidade
	feito na imprensa desde 1992,	OAdj
	foi	
	o nono homicídio que pode ser atribuído aos grupos de extrema direita.	PS
Muitos outros "inimigos"	foram surrados	
	seguindo mesmo padrão: ataques de muitos contra poucos indefesos,	OAdv modal
	escolhidos aleatoriamente	OAdj
	pelo simples fato de ser <i>negros, nordestinos, gays, punks ou judeus</i> .	OAdv causal
Mas, mais que um perigo físico para as minorias - estatisticamente baixo num país onde ocorrem 37 mil homicídios dolosos por ano e um homossexual é assassinado a cada dois dias -,	as ações desses grupos	S
	é de outra natureza mais <i>simbólica</i> .	PS
Em primeiro lugar, é preciso	ser <i>cauteloso</i> com aqueles	OSS Subj.
	que se apresentam <i>como</i> herdeiros de doutrinas	OAdj
	que no passado foram <i>responsáveis</i> pelo sofrimento /e pela morte de milhões de pessoas.	OAdj

(continua)

(continuação)

Mas, acima de tudo, esses grupos	são	
	perigosos	PS
	porque defendem bandeiras e idéias	OAdv causal
	que se encontram <i>adormecidas</i> na sociedade, ainda hoje,	OAdj
	mesmo que em versões mais moderadas.	OAdv concessiva
Idéias que não se restringem a alguns poucos extremistas	são mais difundidas	
	do que seria <i>desejável</i> .	OAdv. comparat.
(eu)	Conheço	
	bons cidadãos,	OD
	que não se julgam <i>racistas</i> (que) nem de extrema direita, (que) tampouco andam de cabeças raspadas,	OAdj
(mas cidadãos)	que compartilham em algum grau noções do tipo "o Sudeste sustenta o resto do país", "nossas prisões estão cheias de negros e nordestinos", "os gays são os <i>responsáveis</i> pela epidemia da Aids";	OAdj
	que xingam os demais de " <i>baianos</i> "	OAdj
e (eles)	afirmam	
	que não votariam numa nordestina* /ou num * negro para a prefeitura.	(2) OSS OD
(eles)	são	
	cidadãos	PS
	que não calçam coturnos,	OAdj
mas (<u>são cidadãos</u>)	que rejeitariam uma * instituição de aidéticos ou uma * unidade da Febem perto de suas casas.	(2) OAdj

*Abreviações: OD = objeto dir., OI = objeto ind. CN = compl. nominal, S = suj., SP = sujeito pac. e AP = agente da passiva

O artigo de opinião intitulado 'O ataque careca', de Kahn, publicado na Folha de São Paulo, é constituído por 489 palavras.

Tabela 1 - Constituição do GN no texto 1

OAdj	PS	aa	OAdv	AA	OSS	CN
20	19	36	7	19	3	14
Atributivos (75)			Circunstanciais (26)			

O Rema abarca todas 30 orações subordinadas - entre adjetivas (restritivas e explicativas), substantivas e adverbiais. Como já me referi anteriormente, as orações subordinadas adverbiais, tanto as antepostas quanto as pospostas à principal não foram separadas em Tema e Rema. Notemos a grande quantidade de orações adjetivas (20) e a raridade das orações adverbiais (7) e substantivas (3) no total de 30 orações subordinadas.

A estrutura dos GNs

Os grupos nominais ocorridos no corpus são do seguinte tipo (em ordem decrescente de ocorrência):

- (a) as **ações** desses grupos

Quadro 30 - Tipo de GN no texto1

dêitico + núcleo + adjunto adnominal
com 20 ocorrências

- (b) a **questão** mais crucial

Quadro 31 - Tipo de GN no texto 1

dêitico + núcleo + adjunto adverbial + adjunto adnominal
com 5 ocorrências

(c) o perigo que a existência desses grupos representa

Quadro 32 - Tipo de GN no texto 1

dêitico + núcleo + OAdj
com 20 ocorrências

(d) (i) a **atenção** da sociedade para a questão dos "incidentes de ódio" ou
(ii) responsáveis pelo **sofrimento** e pela **morte** de milhões de pessoas

Quadro 33 - Tipo de GN no texto 1

dêitico + núcleo + adjunto adnominal + CN ou dêitico + núcleo + CN + adjunto adnominal
com 3 ocorrências

Pode-se ver que a maior parte dos GNs tem a configuração (a), constituído de dêitico + núcleo + adjunto adnominal (20 ocorrências) ou de dêitico + núcleo + oração adjetiva (20 ocorrências), resultando numa soma de 43 ocorrências. Notemos a raridade de modificadores complexos (caso d, com 3 ocorrências).

Além disso, os GNs, na sua grande maioria, são antecidos por artigo definido (35 ocorrências), enquanto que os antecidos por artigo indefinido são raros (4 ocorrências); há os precedidos por pronome ou numeral: 'outra', 'esse', 'algum', 'suas', 'nossos' 'nono' (6 ocorrências); com anteposição de modificador (2 ocorrências): 'bons cidadãos' e 'simples fato', este, um caso de metáfora gramatical de 'porque'. Veja a Tabela a seguir:

Tabela 2 - Elementos prepostos ao núcleo no texto 1

Elementos prepostos ao núcleo			
artigo definido	artigo indefinido	pronome/numeral	adjetivo
35	4	6	2

A ocorrência maciça de artigos definidos parece indicar que no texto fala-se de coisas já conhecidas pelo leitor. Porém, a grande ocorrência de orações adjetivas pode indicar que, a despeito do artigo definido, o conteúdo expresso pelo GN seja novo, como 'vaso' em (83) 'Traga-me o vaso' (que vaso?), mas 'fundeadado' ('grounded'), nos termos de Fox e Thompson (1990), numa oração adjetiva (84) 'Traga-me o vaso [que te dei ontem'].

Fox e Thompson (1990) mostram que, na comunicação, a oração adjetiva tem uma função ligada ao fluxo da informação, servindo de fundeamento da informação, isto é, essa oração serve de instrumento para esclarecer ao interlocutor os referentes que não ficaram claros na ocasião em que foram mencionados. Esta questão não foi examinada no presente trabalho.

Em resumo, no artigo de opinião em foco, os GNs são de constituição simples, com artigo definido + núcleo + adjunto adnominal/ oração adjetiva (total de 43 casos, veja Quadro 28). Se incluirmos aqui os predicativos do sujeito (19 ocorrências, entre predicativo e oração predicativa) - como foi explicado anteriormente -, tem-se um panorama de GNs profusamente modificados por atributos, provavelmente por se tratar de um artigo de tom emotivo, que descreve a crueldade dos *skinheads* e a difusão da discriminação das minorias.

Por outro lado, concorrendo com esse panorama, os elementos circunstanciais, entre adjuntos adverbiais (12) e orações subordinadas adverbiais (7), mostram um texto cujo conteúdo se apóia em assinalar a razão das ocorrências, comparando-as para esclarecer o leitor, e indicando o modo como elas ocorreram. Daí por que a predominância de adjuntos adverbiais de causa ('porque defendem bandeiras'), comparação ('como o envio de bombas caseiras') e modo ('aleatoriamente', 'em algum grau').

ANÁLISE (2)

Gênero - Texto acadêmico (Machado, 2000)

Uma experiência de assessoria docente e de elaboração de material didático para o ensino de produção de textos na universidade

465 palavras

Quadro 34 - Análise do texto 2

TEMA	REMA	Classificação sintática
Este artigo	centra-se	
	no relato e na análise de parte de uma experiência de assessoria docente	AAdv lugar
	voltada para a implementação de modificações no ensino de produção de textos na universidade,	OAdj
	para a qual elaboramos material didático pertinente	OAdj
	para alunos universitários do primeiro ano/das áreas	
	pertencentes às Ciências Humanas, como uma das atividades	OAdj
	previstas em um projeto mais amplo de intervenção didática.	OAdj
	<i>o Projeto Cultura da Escrita: atividades de leitura e de produção de textos na universidade. [título]</i>	
Trata-se	aqui, portanto, também	
	de uma experiência de transposição didática,	OI
	na qual dois assessores docentes, junto a nove professores universitários, partiram de um conjunto de conhecimentos / científicos /e práticos para a construção de uma seqüência didática (ou módulo didático), segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais para Língua Portuguesa [título]	OAdj
	voltada para o ensino-aprendizagem de um gênero específico, o artigo de opinião. 15	OAdj

(continua)

(continuação)

A transposição didática	é por nós compreendida	
	como o conjunto das transformações	AAdv de comparação
	que um determinado corpo de conhecimentos científicos invariavelmente sofre,	OAdj (7)
	com o objetivo	AA de finalidade
	de ser ensinado,	OAdv final
	implicando, necessariamente, determinados deslocamentos, rupturas e transformações diversas nesse conjunto de conhecimentos, e não como uma mera aplicação de uma teoria de referência/qualquer.	OAdv modal
No nosso caso específico,	os conhecimentos científicos	S
	de que nos servimos	OAdj
	provieram basicamente,	
	como se verá na próxima seção,	OAdv de conform
	do [daquilo que é]	
chamado interacionismo sócio-discursivo.	OAdj	
Nossa hipótese central,	nesse trabalho	AA de lugar
	era	
	a [a hipótese]	PS
	de que a elaboração do material didático deveria ter a participação efetiva / dos professores / da universidade,	OSS CN

uma vez que essa participação poderia04.98 322.44 Tm0.00087 0.72 re7272 26.4 Tm0.00087 0.72 re7

(continuação)

Analogamente ao que se pensa sobre o sistema didático.	a atividade social	S
	que se desenvolveria nas sessões de assessoria	OAdj
	deveria ser mediada	
	pela construção conjunta de conhecimentos	AP
	na qual o estudo dos gêneros e a elaboração do material didático se constituiriam	OAdj
	como instrumentos privilegiados,	AA de comparação
	no sentido vygotskyano / do termo.	AA de modo
Dada a multiplicidade de questões envolvidas no trabalho desenvolvido,	vários	PS
	são	
	os objetivos deste artigo.	S
Em primeiro lugar, fornecer	um exemplo concreto	OD
	de COMO se pode efetivar uma transposição didática para o ensino de produção / de textos	OSS CN
	centrada na noção de gêneros / de textos,	OAdj
	apresentando suas diferentes fases,/ os problemas	OAdv modal
	que foram se colocando e	OAdj
	e [apresentando] as soluções	OAdv modal
	que foram sendo encontradas.	OAdj
Em seguida, apresentar e analisar	os principais conflitos	OD
	vivenciados na interação /com os professores	OAdj
	e as negociações	OD
	que se fizeram <i>necessárias</i> para superá-los,	OAdj
	inclusive na discussão	AA de lugar
	que com ele mantivemos a respeito da primeira versão / deste artigo	OAdj

O texto intitulado 'Uma experiência de assessoria docente e de elaboração de material didático para o ensino de produção de textos na universidade', de Machado, é constituído por 465 palavras.

Tabela 3 - Constituição do GN no texto 2

(d) no relato e na análise de parte de uma experiência de assessoria docente

Quadro 38 - Tipo de GN no texto 2

dêitico _ núcleo _ CN + aa + CN + aa
11 ocorrências

(e) a implementação de modificações no ensino de produção de textos na universidade

Quadro 39 - Tipo de GN no texto 2

dêitico + núcleo + vários CNs + (AA)
3 ocorrências

Vemos que grande parte dos GNs tem a configuração dêitico + núcleo + aa (26 ocorrências) (Quadro 33) ou dêitico + núcleo + oração adjetiva (19 ocorrências) (Quadro 35). Há grande número de nominalizações, que acarreta complementos nominais e, como resultado, a escrita acadêmica em foco, apresenta GNs de constituição complexa, como no caso dos exemplos (d): dêitico + núcleo + CN + aa + CN + aa. Esse fato confirma o que diz Bathia (1991) sobre a estrutura do GN em escrita acadêmica através de muitos nomes servindo de modificadores do núcleo (veja 1.5.1.)

Além disso, a maioria dos GNs são antecidos por artigo definido (41 ocorrências), enquanto que os antecidos por artigo indefinido são em menor número (12 ocorrências); há os precedidos por pronome ou numeral (16 ocorrências). Com anteposição de modificador 'mera', 'próxima', 'verdadeiro', 'diferentes' e 'principais'(5 ocorrências), conforme tabela a seguir:

Tabela 4 - Elementos prepostos ao núcleo no texto 2

Elementos prepostos ao núcleo			
artigo definido	artigo indefinido	pronome/numeral	adjetivo
41	12	16	5

ANÁLISE (3)**Gênero - Crítica de Cinema (Vieira 2006)****Crítica Especial do Filme "O CÓDIGO DA VINCI"****521 palavras**

Quadro 40 - Análise do texto 3

TEMA	REMA	Classificação sintática
Começou	a corrida anual dos blockbusters	S
e o primeiro exemplar	é	
	o esperadíssimo "O Código Da Vinci",	PS
	que em um final de semana já provou	OAdj
	que vai lutar entre os grandes.	OSS OD
Só nos Estados Unidos	foram	
	77 milhões de dólares, número	S
	que aumenta para 224 milhões de bilheteria pelo mundo.	OAdj
Mas mesmo com todo esse dinheiro,	a adaptação do mega best-seller de Dan Brown	S
	vem fazendo	
	um rastro de péssimas críticas,	OD
	a começar pela especializada,	OAdv modal
	que em Cannes, festival que abriu, já fez questão	OAdj
	de deixar clara sua indignação pelo filme,	OSS CN
	e com razão,	AA de modo
O filme	simplesmente não funciona.	
Para quem esteve abduzido por extraterrestres nos últimos anos,	o livro	Sujeito
	conta	
	a história do professor de simbologia de Harvard Robert Langdon,	OD
	que em uma viagem a França acaba dando de frente com o misterioso assassinato do curador / do importante museu do Louvre,	OAdj

(continua)

(continuação)

Além de ser acusado pelo crime,	o professor,	S
	junto com a especialista em criptografia da polícia parisiense, Sophie Neveu,	AA de companhia
	ainda dá de cara	
	com um segredo	OI
	que pode mudar a história do catolicismo e do mundo,	OAdj
	ao mesmo tempo que são perseguidos pela própria lei e por um monge albino.	OAdv. temporal
Tirar o mérito literário da obra	é	
	um pouco de petulância.	PS
Além de ser um livro ágil, com ótimos personagens, uma história que te prende, e um assunto que todo mundo se interessa,	o livro	S
	tem	
	um ritmo de filme	OD
	do começo ao fim,	AA de tempo
e era só questão de tempo	até ele ir para as telas,	OAdv temporal
mas quando chegou	decepcionou	
	ficou	
	na sua pré-produção,	AA de lugar
	mais exatamente	
	na hora de escolher a equipe técnica,	OAdv temporal

(continuação)

Não que ele	seja	
	um cineasta ruim,	PS
mas sim (que ele seja)	um comum,	PS
	que nunca tentou se expor,	OAdj
	escolhendo sempre o caminho mais ordinário, o famoso arroz com feijão,	OAdv. modal
e para um projeto polêmico como "O Código Da Vinci"	esperava	
	-se	S
	algo mais inovador.	OD
Howard	deixa	
	o filme	OD
	chato, arrastado e óbvio,	PS
	desde o mais básico ângulo de câmera até o menor movimento de câmera	AA alcance
tudo	é	
	<i>comum demais</i>	PS
	com direito àquelas cenas	AA de modo
	onde você é <i>obrigado</i>	OAdj
	a ver por repetidas vezes algum personagem	OSS CN
	pensando ou fazendo cara de que está entendendo tudo	OAdj
	enquanto outro explica alguma coisa.	OAdv. temporal
E tudo	piora	
	quando o assunto é <i>a tensão/ e a ação,</i>	OAdv. temporal
o diretor	consegue fazer	
	uma das perseguições de carro mais ridículas/ do cinema,	OD
	além de perder a mão totalmente do filme do meio para seu fim.	OAdv. de acréscimo
Mas talvez o estrago	não fosse	
	tão grande	PS
	se o "mestre" Akiva Goldsman não tivesse ficado a frente do roteiro.	OAdv. condicional

(continua)

(continuação)

Responsável por pérolas de roteiros como “Batman Forever”, “Batman & Robin” e “Perdidos no Espaço”,	ele	S
	escreveu	
	o ótimo “Uma Mente Brilhante”,	OD
	que some dentro da besteira que é seu currículo.	OAdj
Mas vamos	ao que interessa:	OAdv de interesse
	“O Código Da Vinci”,	S
e esse	é	
	mais fácil	PS
	dizer	
	que figurará na lista de roteiros /dele longe do lado “Brilhante” dela.	OAdj

O texto crítica de cinema, em que Vieira (2006) analisa o filme ‘O código Da Vinci’, divulgado pela Internet, é constituído por 521 palavras. Há 13 orações adjetivas; 9 orações adverbiais e 2 orações substantivas, como mostra a Tabela (5). Notemos a raridade das orações substantivas: apenas 3 no total de 25 orações subordinadas; o mesmo com relação às subordinadas adverbiais, com apenas 9 ocorrências. O texto apresenta também poucos complementos nominais.

Tabela 5 - Constituição do GN no texto 3

OAdj	PS	aa	OAdv	AA	OSS	CN
13	8	39	9	7	2	4
Atributivos (60)			Circunstanciais (16)			

A estrutura dos GNs

Os grupos nominais ocorridos no corpus são do seguinte tipo (em ordem decrescente de ocorrência):

(a) um **monge** albino

Quadro 41 - Tipo de GN no texto 3

dêitico + núcleo + adjunto adnominal
com 22 ocorrências

(b) o caminho mais ordinário

Quadro 42 - Tipo de GN no texto 3

dêitico + núcleo + adjunto adverbial + adjunto adnominal
com 4 ocorrências

(c) um segredo que pode mudar a história do catolicismo e do mundo,

Quadro 43 - Tipo de GN no texto 3

dêitico + núcleo + OAdj
com 13 ocorrências

(d) o assassinato do curador.

Quadro 44 - Tipo de GN no texto 3

dêitico + núcleo + CN
com 5 ocorrências

(e) a adaptação do mega best-seller de Dan Brown.

Quadro 45 - Tipo de GN no texto 3

dêitico + núcleo + adjunto adnominal + CN
dêitico + núcleo + CN + adjunto adnominal

Observa-se que a maior parte dos GNs tem a configuração (a), constituído de dêitico + núcleo + adjunto adnominal (22 ocorrências) ou de núcleo + oração adjetiva (13) ocorrências, resultando numa soma de 35 ocorrências.

Além disso, a maioria dos GNs é antecedida por artigo definido (43 ocorrências), enquanto que os antecidos por artigo indefinido são mais raros (10 ocorrências); há os precedidos por pronome ou numeral (11 ocorrências). Com anteposição de modificador (7 ocorrências). Veja a Tabela a seguir:

Tabela 6 - Elementos prepostos ao núcleo no texto 6

Elementos prepostos ao núcleo			
artigo definido	artigo indefinido	pronome/numeral	adjetivo
43	10	11	7

ANÁLISE (4)**Gênero - Artigo de Opinião (Kinzo, 2006)****Pobre eleitor****537 palavras**

Quadro 47 - Análise do texto 4

TEMA	REMA	Classificação sintática
Que o sistema político brasileiro funciona,	atesta	
	o fato	S
	de o país seguir andando	OSS CN
	a despeito das graves crises políticas e econômicas	AA concessão
	pelas quais passou ao longo destas duas décadas de experiência democrática.	OAdj
Mas, daí a afirmar (AA ou marcador de continuação =donde)	que o sistema político funciona bem,	OSS OD
	vai	
	uma longa distância.	S
Basta (verbo imp. Funciona como AA de argumento)	olhar	
	para os resultados em desenvolvimento econômico e social	OD
	que os sucessivos governos produziram	OAdj
	para constatar que, de fato, mal saímos do lugar.	OAdv. final
E isso	tendo passado	
	por governos	AA de tempo
	liderados por figuras políticas de perfis tão diversos como os de Collor e Lula,/ Itamar e/ FHC.	OAdj
É certo	que foram muitos os obstáculos.	OSS subjetiva
Além das dificuldades econômicas que cada um desses governos enfrentou,	para não falar das opções equivocadas de uns ou mal-intencionadas de outros,	OAdv final
	há	
	fatores de ordem político-institucional.	OD

(continua)

(continuação)

Quer se goste ou não,	é	
	difícil	PS
	negar os problemas institucionais	OSS subjetiva
	que dificultam a eficácia governativa, ou seja, a capacidade de produzir e implementar políticas.	OAdj
De fato, são próprios (sic) [é próprio]	do regime federativo e da forma presidencialista/ de governo	aa
	a dispersão do poder,	S
	o que por si só torna mais complexas as tarefas de um governo nacional, ainda mais	OAdj
	quando é nessa esfera	OAdv temporal
	que, no Brasil, se concentra a maior parte das decisões sobre políticas públicas.	OAdj
Se a isso agregamos um sistema pluripartidário exacerbado e partidos com baixa lealdade partidária,	o processo decisório governamental se torna ainda mais complicado.	OP
O Legislativo - palco do embate entre governo e oposição -	deixa de ser	
	a principal arena de negociação sobre políticas públicas	PS
	para ser substituído pelas ante-salas dos mais diferentes órgãos governamentais,	OAdv. final
	onde negociações heterodoxas têm lugar.	OAdj
Pode-se argumentar	que o problema não é a <i>estrutura</i> ,	OSS OD
mas (o problema é)	de quem nela está - os políticos.	PS
É possível	que sejam eles, ou uma boa parcela deles.	OSS Subjetiva
Mas quem os escolhe	somos	
	nós.	S
O que me leva a um segundo ponto: (O =topical ancorado por uma adjetiva) o processo eleitoral, do qual participaremos amanhã.		sem Rema
Pobres de nós, eleitores!		Oração menor

(continua)

Continuação)

"Está nas nossas mãos"	decidirmos	
	quem vai nos governar nos próximos quatro anos,	OSS Subj
	como apregoou o TSE ao longo da campanha.	OAdv deconformidade
Mas, como decidir	de forma a tentar	OSAdv. modal
	acertar desta vez,	OSS OD
	com tão pouca informação	AA de meio
	circulando sobre as diferentes candidaturas	OAdj
Já é escassa	a informação para as eleições majoritárias,	S
mas, pelo menos (nós)	temos	
	condições	OD
	de formar uma idéia sobre os candidatos.	OSS CN
Mas, e nas eleições para deputado federal e estadual?		
Mesmo os eleitores mais comprometidos com o dever cívico	se sentem	
	perdidos	PS
	na tentativa	AA tempo
	de contribuir	OSS CN
	para melhorar a composição dos membros da Casa mais importante da democracia representativa - a Câmara dos Deputados.	OAdv,final
Ainda que sejamos muito criteriosos na hora de votar,	não teremos	
	certeza	OD
	se nossa decisão se efetivará.	OSS CN
Refiro-me	ao sistema de representação proporcional de lista aberta com extensas circunscrições,	OI
	em que o eleitor vota num candidato individual (ou partido,	OAdj
	caso não tenha uma escolha),	OAdv condicional
e são eleitos	os mais votados de um determinado partido ou aliança,	S
	de acordo com o número de cadeiras obtidas, em função da votação total.	AA de conformidade

(continua)

(continuação)

Tomemos	um eleitor fictício - alguém	OD
	que teve o esforço de cavar informação	OAdj
	para definir seu candidato a deputado, um dos	OAdv.final
	que preenchem os requisitos mínimos	OAdj
	para o exercício de um cargo público.	AA de finalidade
Ao votar nesse candidato,	é	
	possível	PS
	que o eleitor contribua para a eleição de seu escolhido.	OSS subjetiva

O artigo de opinião intitulado 'Pobre leitor', de Kinzo, publicado na Folha de São Paulo, é constituído por 537 palavras, distribuídas em 11 orações adjetivas (sem distinção entre restritivas e explicativas, pois não influem na meta da análise); 9 orações adverbiais e 3 orações substantivas, como mostra a Tabela (7).

Tabela 7 - Constituição do GN no texto 4

OAdj.	PS	aa	OAdv.	AA	OSS	CN
11	6	63	9	13	12	8
Atributivos (69)			Circunstanciais (22)			

Neste texto, as orações subordinadas adverbiais, tanto as antepostas quanto as pospostas à principal não foram separadas em Tema e Rema. Notemos a quantidade equilibrada de orações adjetivas (11) e das orações adverbiais (9) e substantivas (12) no total de 32 orações subordinadas.

A estrutura dos GNs

Os grupos nominais ocorridos no corpus são do seguinte tipo:

(a) o **sistema** político

Quadro 48 - Tipo de GN no texto 4

dêitico + núcleo + adjunto adnominal
com 19 ocorrências

(b) a **informação** para eleições majoritárias

Quadro 49 - Tipo de GN no texto 4

dêitico + núcleo + adjunto adverbial + adjunto adnominal
com 1 ocorrência

(c) e.g. as opções equivocadas de uns

Quadro 50 - Tipo de GN no texto 4

dêitico + núcleo + OAdj
com 1 ocorrência

(d) o exercício de um cargo público

Quadro 51 - Tipo de GN no texto 4

dêitico + núcleo + adjunto adnominal + CN ou dêitico + núcleo + CN + adjunto adnominal
com 5 ocorrências

Ou seja, a maior parte dos GNs tem a configuração (a), constituído de dêitico + núcleo + adjunto adnominal (19 ocorrências). No caso de dêitico + núcleo + oração adjetiva tivemos apenas 1 ocorrência, resultando numa soma de 20 ocorrências. Notemos a raridade de modificadores do tipo dêitico + núcleo + AA +aa e também das orações adjetivas.

Além disso, a maioria dos GNs são antecidos por artigo definido (38 ocorrências), enquanto que os antecidos por artigo indefinido são raros (6 ocorrências); há os precedidos por pronome ou numeral: ‘nossa’, ‘esse’, ‘seu’, (4

ocorrências). Com anteposição de modificador (10 ocorrências): ‘longa distância’ e ‘graves crises’. Veja a Tabela a seguir:

Tabela 8 - Elementos prepostos ao núcleo no texto 4

Elementos prepostos ao núcleo			
artigo definido	artigo indefinido	pronome/numeral	adjetivo
38	6	4	10

A ocorrência de grande número de artigos definidos parece indicar que no texto fala-se de coisas já conhecidas pelo leitor. Contudo, a grande ocorrência de orações adjetivas pode indicar que, a despeito do artigo definido, o conteúdo expresso pelo GN seja novo, mas ‘fundado’ (*grounded*), nos termos de Fox e Thompson (1990).

Resumindo, no artigo de opinião em foco, os GNs são de constituição simples, com artigo definido + núcleo + adjunto adnominal/ oração adjetiva (total de 30 casos, veja Quadro 44). Se incluirmos aqui os predicativos do sujeito (6 ocorrências, entre predicativo e oração predicativa) - como foi explicado anteriormente - tem-se um panorama de GNs, em sua maioria, modificados por atributos, provavelmente por se tratar de um artigo de opinião, onde o autor mostra as dificuldades de se votar em políticos idôneos, pois não temos acesso à informação confiável.

Contudo, os elementos circunstanciais, entre adjuntos adverbiais (13) e orações subordinadas adverbiais (9), mostram um texto cujo conteúdo se apóia em assinalar a razão das ocorrências, comparando-as para esclarecer o leitor, e indicando de que modo elas ocorreram. Neste texto há predominância de adjuntos adverbiais de finalidade (‘para melhorar a composição dos membros da casa’), temporal (‘quando é nessa esfera’) e conformidade (‘como apregoou o TSE’).

ANÁLISE (5)**Gênero - Texto Acadêmico (Fiorin, 2000)****MODALIZAÇÃO: DA LÍNGUA AO DISCURSO****563 palavras**

Quadro 52 - Análise do texto 5

TEMA	REMA	Classificação sintática
A Semiótica	é	
	uma teoria gerativa,	PS
	porque concebe o processo de produção do texto como um percurso gerativo	OAdv. causal
	que vai do mais simples e abstrato ao mais complexo e concreto,	OAdj
	num processo de enriquecimento semântico.	AA de modo
Isso significa	que vê o texto	OSS OD
	como um conjunto de níveis/de invariância crescente	AA de comparação
	cada um dos quais suscetível de uma representação metalingüística adequada.	OAdj
O percurso gerativo de sentido	não tem	
	um estatuto ontológico,	OD
ou seja, não se afirma	que o falante, na produção do texto, passe de um patamar ao outro num processo de complexificação semântica.	OSS OD
Constitui	ele	
	um simulacro metodológico,	OD
	para explicar o processo de entendimento,	OAdv final
	em que o leitor precisa fazer abstrações,	OAdj
	a partir da superfície do texto,	OAdv modal
	para poder entendê-lo.	OAdv. final
Por outro lado, a idéia do percurso gerativo de sentido	parte	
	da constatação	AA de lugar
	de que é preciso explicar o fato	OSS CN
	de que o discurso é da ordem da estrutura e do acontecimento.	OSS CN

(continua)

(continuação)

Assim, é necessário	detectar	
	invariantes,	OD
mas também (é necessário)	descrever	
	a variabilidade histórica	OD
	que reveste essas invariantes.	Oadj
O modelo	não é	
	genético,	PS
mas (ele)	(é) gerativo,	PS
ou seja (ele)	busca ser	
	preditivo e explicativo.	PS
O percurso gerativo	é constituído	
	de três patamares: as estruturas fundamentais, as estruturas narrativas e as estruturas discursivas.	SP
Vale lembrar que (nós)	estamos	
	no domínio do conteúdo.	AA de lugar
As estruturas discursivas	serão manifestadas	
	como texto,	PS
	quando se unirem a um plano de expressão no nível da manifestação.	Oadv. Temporal
Cada um dos níveis do percurso	tem	
	uma sintaxe e uma semântica.	OD
Por razões históricas, o nível narrativo	foi o mais bem explorado até hoje,	
	o que não significa, porém,	Oadj
	que os outros níveis não tenham tido desenvolvimento.	OSS OD
Na primeira fase, a da constituição do percurso gerativo, a Semiótica	aplica-se	
	a estudar os simulacros da ação do homem no mundo	OSS OI
	presentes nas narrativas.	Oadj
(ela)	Elabora assim	
	uma teoria da <i>performance</i> .	OD

(continua)

(continuação)

A narratividade	é entendida	
	como "uma transformação de estado,	PS
	operada pelo fazer transformador de um sujeito	OAdj.
	que age sobre o mundo	OAdj.
	em busca de determinados valores investidos no objeto" (Barros, 1995, p.85).	AA finalidade
(ela)	analisa	
	os conflitos	OD
	entre sujeitos	AA de lugar
	que buscam o mesmo objeto.	OAdj
Para desenvolver essa teoria da ação, (ela)	transformou	
	a noção proppiana de função	OD
	na noção de enunciado narrativo.	OI
O conceito de função em Propp	diz respeito	
	a unidades sintagmáticas	OI
	constantes sob a multiforme superfície das narrativas.	OAdj
A sucessão dessas invariantes	constitui	
	o relato.	OD
Essa noção	foi precisada	
	com o conceito de enunciado narrativo.	AA modo
Há dois tipos de enunciados elementares, o de estado e o de fazer, que derivam da existência de duas relações-função: a junção (conjunção e disjunção) entre um sujeito e um objeto e a transformação, que é a mudança de uma relação de junção.		
Dessa noção de enunciado narrativo	decorre	
	o fato	OD
	de que é possível	OSS CN
	prever organizações hierarquizadas de enunciados.	OSS Subjetiva

(continua)

(continuação)

Estes	se organizam	
	em programas narrativos (um enunciado de fazer regendo um enunciado de estado), em percursos narrativos (encadeamentos lógicos de programas narrativos em que um programa pressupõe outro) e em seqüências narrativas (em que se organizam os percursos narrativos).	AA de modo
Com isso,	constrói	
	se	S indeterminado
	uma sintaxe narrativa	OD
	hierarquicamente organizada	OAdj
	e não uma simples sucessão de unidades sintagmáticas,	OD
	como previa o modelo propiano.	OAdv. de conformidade
Nessa sintaxe,	vai-	
	se	S indeterminado
	do programa ao percurso e deste à seqüência,	AA de lugar
	estabelecendo um modelo de previsibilidade da narrativa,	OAdv. final
	que pode dar conta da especificidade de cada relato singular,	OAdj
	dado que esses níveis são empregados recursivamente e que têm um desdobramento polêmico.	OAdv. causal

A escrita acadêmica intitulada 'Modalização: da Língua ao Discurso', de Fiorin, é constituída por 563 palavras, distribuídas no Rema da seguinte maneira:

- 12 orações adjetivas (sem distinção entre restritivas e explicativas, pois não influem na meta da análise), 10 orações adverbiais e 9 orações substantivas, como mostra a Tabela (9).

Tabela 9 - constituintes do GN no texto 5

OAdj.	PS	aa	OAdv.	AA	OSS	CN
12	6	59	10	16	9	12
Atributivos (77)			Circunstanciais (26)			

O Rema possui 31 orações subordinadas - entre adjetivas, substantivas e adverbiais. Repetindo a análise anterior, as orações subordinadas adverbiais, tanto as antepostas quanto as pospostas à principal não foram separadas em Tema e Rema.

A estrutura dos GNs

Nesse texto (veja figuras abaixo), continua a prevalecer os GNs de estrutura (a) do Quadro 49, porém há outros com núcleos seguidos ou antecidos por vários CNs, ou alternados com adjuntos adnominais e adjuntos adverbiais, totalizando 40 ocorrências.

(a) uma **teoria** gerativa

Quadro 53 - Tipo de GN no texto 5

dêitico + núcleo + adjunto adnominal
com 24 ocorrências

(b) uma **sintaxe** hierarquicamente organizada

Quadro 54 - Tipo de GN no texto 5

dêitico + núcleo + adjunto adverbial + adjunto adnominal
com 4 ocorrências

(c) um **sujeito** que age sobre o mundo

Quadro 55 - Tipo de GN no texto 5

dêitico + núcleo + OAdj
com 3 ocorrências

(d) o **conceito** de enunciado narrativo

Quadro 56 - Tipo de GN no texto 5

dêitico _ núcleo _ CN + aa + CN + aa
8 ocorrências

(e) o **processo** de produção de textos com um percurso gerativo

Quadro 57 - Tipo de GN no texto 5

dêitico + núcleo + vários CNs + (AA)
1 ocorrência

Grande parte dos GNs neste texto tem a configuração dêitico + núcleo + aa (Quadro 49) (24 ocorrências), com razoável número de nominalizações, que acarretam os complementos nominais (CNs), com 8 ocorrências. Em resumo, a escrita acadêmica em foco, apresenta GNs de constituição complexa, como no caso dos exemplos (d) e (e) nos Quadros 52 e 53, respectivamente, confirmando o que diz Bathia (1991) sobre a estrutura do GN em artigo científico através de muitos nomes servindo de modificadores do núcleo (veja 1.5.1.)

Além disso, a maioria dos GNs são antecidos por artigo definido (22 ocorrências), enquanto que os antecidos por artigo indefinido neste texto são em número semelhante (20 ocorrências); há os precedidos por pronome ou numeral (6 ocorrências). Com anteposição de modificador 'simples', 'determinados', 'multiforme', (3 ocorrências), conforme tabela a seguir:

Tabela 10 - Elementos prepostos ao núcleo no texto 5

Elementos prepostos ao núcleo			
artigo definido	artigo indefinido	pronome/numeral	adjetivo
22	20	6	3

ANÁLISE (6)**Gênero - Crítica de Cinema - (Silva 2007)****512 palavras****Candy**

Quadro 58 - Análise do texto 6

TEMA	REMA	
Sexo, drogas e rock and roll	ditaram	
	o caminho das gerações dos anos 60 e 80	OD
	em um contexto histórico e cultural bastante específico.	AA de lugar
(eles)	Foram	
	os anos da psicodelia, da guerra do Vietnã, do engajamento político, da busca por novas experiências transgressivas	PS
	que chocassem a sociedade "careta".	OSAdj
Autores como Reich, Eric From, Freud e Foucault	estavam	
	na moda	PS
e as incursões de uma juventude /"sem destino" pelo caminho /das drogas????não é tema?	tinha	
	muito de libertação.	OD
O cinema	registrou	
	os anseios e incertezas dessa geração em filmes	OD
	que o tempo cristalizou: "Easy Ryder" ("Sem Destino"), "Hair", "Woodstock, Onde Tudo Começou", "Apocalypse Now", "Sid and Nancy", entre outros.	OAdj
Passada a euforia da geração "paz e amor", que orientou seus caminhos pela liberação sexual e consumo de drogas numa oposição aos valores burgueses e individualistas,	nos	OI
	chega	
	em seguida	AA detempo
	uma geração com uma visão de mundo mais individualista, mais refratária ao ideal hippie.	S
Sexo e drogas	passam a ocupar	
	menos o papel de afronta aos comportamentos vigentes do que o lado B num mundo	OD
	em que se é facilmente seduzido pelo ideal de ajuste social.	OAdj

(continua)

(continuação)

Se hoje o rock não tem mais o mesmo peso que antes para agregar a juventude, se o binômio sexo/drogas não tem mais o mesmo papel nos rumos da juventude,	não	AA negação
	é	
	menos verdade	PS
	que, pelo menos estes últimos, sejam página virada.	OSS subjativa
É por isso que o diretor australiano Neil Armfield	se aproveita	
	do tema	OI
	em seu "Candy"	AA de lugar
E (ele)	exibe	
	as tensões e impasses de um casal toxicomaniaco dos dias de hoje.	OD
Com um roteiro por demais previsível,	"Candy"	S
	conta	
	a história do casal de jovens australianos Candy e Dan.	OD
Ela, uma pintora promissora, e ele, um poeta ocasional.		
Os dois, sustentados por um mentor egresso da geração woodstock,	vivem	
	o cotidiano do paraíso pelo mundo das drogas.	OD
(Eles)	não	AA de neg.
	trabalham,	
(eles)	não	AA de neg.
	têm	
	laços fortes com padrões sociais	OD
e, quase que sem muita razão de ser,	encontram	
	amparo	OD
	no vício	AA de lugar
Para sustenta-los, no entanto,	não	AA de ne.g
	podem contar	
	apenas	AA de quantidade
	com o mentor.	OI

(continua)

(continuação)

Por isso, de forma até certo ponto meio culpada e meio inocente,	ambos	S
	acabam enveredando	
	por um caminho mais perigoso	AA de lugar
A falta de dinheiro	os	OD
	conduz	
	à prostituição e a “pequenos” roubos e golpes. Ex: conduzir alguém a juízo	OI
A situação	se adensa	
	até o ponto	AA de tempo
	em que Candy tem um surto	OSAdj
e (ela)	se interna	
	numa clínica.	AA delugar
Armfield	é	
	um diretor bem comportado;	PS
o roteiro, que ele assina em parceria com Luke Davies,	segue	
	direito	AA de modo
	os manuais de filmes sobre adolescentes “problemáticos”.	OD
Pode-se dizer, sem risco de levandade,	que “Candy” não choca nem passa a sensação	OSS OD
	de que veio para ficar.	OSS CN
É um filme	a se ver	
	tranqüilamente	AA de modo
e (se)	sair do cinema sem o sentimento de catarse.	OAdv final
“Candy”	é	
	demasiado banal	PS
	para se pensar em um retrato da geração atual.	OAdv final
A Austrália, as relações familiares, a “moçada” nas baladas movidas a doses de heroína	são apresentadas	
	numa silhueta incompleta e vacilante.	AA de modo
Faltam, de fato,	personagens vivos	S
	nesse filme de Armfield.	AA de lugar

(continua)

(continuação)

Destaca-se ainda	- num mundo	AA de lugar
	em que o rock não dá as cartas para a maioria da juventude	OSAdj
	- a falta de eletro music, de tecno, de trance.	OD

O texto crítica de cinema, em que Silva (2007) analisa o filme 'Candy', divulgado pela Internet, é constituído por 512 palavras, distribuídas em 5 orações principais (a oração coordenada à principal foi considerada como principal, já que a conjunção coordenativa liga orações da mesma natureza); 5 orações adjetivas (sem distinção entre restritivas e explicativas, pois não influem na meta da análise); 3 orações adverbiais e 3 orações substantivas, como mostra a Tabela (11). Notemos a raridade das orações substantivas: apenas 3 no total de 11 orações subordinadas; o mesmo com relação às subordinadas adverbiais, com apenas 3 ocorrências. O texto apresenta também poucos complementos nominais.

Tabela 11 - Constituintes dos GNs no texto 6

OAdj.	PS	aa	OAdv.	AA	OSS	CN
5	5	46	3	25	3	8
Atributivos			Circunstanciais			

A estrutura dos GNs

Os grupos nominais ocorridos no corpus são do seguinte tipo (em ordem decrescente de ocorrência):

(a) a **sociedade** 'careta'

Quadro 59 - Tipo de GN no texto 6

dêitico + núcleo + adjunto adnominal
com 16 ocorrências

(b) o **caminho** das gerações dos anos 60 e 80

Quadro 60 - Tipo de GN no texto 6

dêitico + núcleo + adjunto adverbial + adjunto adnominal ou dêitico + núcleo + adjunto adnominal + adjunto adverbial

com 8 ocorrências

(c) e.g. a **falta** de eletro music

Quadro 61 - Tipo de GN no texto 6

dêitico + núcleo + CN

com 4 ocorrências

(d) o **papel** de afronta aos comportamentos vigentes

Tabela 12 - Elementos prepostos ao núcleo no texto 6

Elementos prepostos ao núcleo			
artigo definido	artigo indefinido	pronome/numeral	adjetivo
19	6	1	1

No artigo crítica de cinema em foco, os GNs são de constituição simples, com artigo definido + núcleo + adjunto adnominal (total de 16 casos, veja Quadro 55). Se incluirmos aqui os predicativos do sujeito - como foi explicado anteriormente, tem-se um número de GNs amplamente modificados por atributos, provavelmente por se tratar de um artigo crítico a respeito da comunidade *hippie* e da apologia às drogas nos anos 60.

Todavia, os elementos circunstanciais (28, entre adjuntos adverbiais e orações subordinadas adverbiais) mostram um texto cujo conteúdo se apóia em assinalar a razão das ocorrências, comparando-as para esclarecer o leitor, e indicando o modo de como e onde elas ocorreram. Daí por que a predominância de adjuntos adverbiais de lugar, 7 e modo, 3.

RESUMINDO

Temos as seguintes tabelas, que reúnem os resultados estatísticos dos constituintes dos GNs do Rema nos seis textos examinados.

Tabela 13 - Resultado em porcentagens dos 6 textos pertencentes aos 3 gêneros discursivos examinados

Gênero	OAdj	PS	aa	OAdv	AA	OSS	CN
Artigo Opinião	38,8%	52,0%	33,3%	34,8%	32,3%	46,9%	31,9%
Texto acadêmico	38,8%	20,8%	38,0%	39,1%	35,4%	37,5%	50,7%
Crítica Cinema	22,4%	27,2%	28,7%	26,1%	32,3%	15,6%	17,4%
Total geral de 671 ocorrências	11,9%	7,2%	44,2%	6,9%	14,7%	4,8%	10,3%
	Atributos (63.3%)			Circunstâncias (21.6%)		Complemento (15.1%)	

A Tabela 13 mostra-nos que, no cômputo geral, as orações subordinadas a maioria é constituída pelas adjetivas (11.9%), seguidas adverbiais (6.9%) e substantivas (4.8%). Da mesma forma, a soma dos atributos - oração adjetiva, predicativo do sujeito e adjunto adnominal - forma a maioria das ocorrências (63.3%), seguidos das circunstâncias - adjunto e oração adverbial - (21.6%) e por fim o complemento (15.1%). No cômputo geral dos atributos, os adjuntos adnominais constituem a sua maioria (44.2%), ocorrendo em porcentagens equilibradas nos três gêneros.

Quanto ao CN, complemento nominal, notemos a sua predominância no texto acadêmico (50.7%), confirmando a afirmação de Bathia (1991) sobre a ocorrência de nomes como modificadores na estrutura do GN em artigo científico, como já fiz ver acima.

Se relacionarmos esses dados à questão do dinamismo comunicativo, poder-se-ia afirmar que este se apóia nas orações subordinadas para se efetivar, e que essa efetivação se apóia em grande parte nos atributos, cuja função mereceria ser estudada nesse sentido. Pelos seis textos estudados, pode-se também verificar que as orações substantivas têm pouca influência nesse dinamismo.

Por outro lado, vejamos a constituição dos GNs em termos de complexidade estrutural na Tabela 14.

Tabela 14 - Estrutura dos GNs nos três gêneros analisados

	Artigo de opinião	Texto científico	Crítica de Cinema
dêit + Núcl+aa	39	50	38
dêit + Núcl + OAdj	21	22	13
dêit + Núcleo + CN + aa + CN + aa	0	19	0

Ou seja, a maior parte dos GNs tem a configuração constituída por dêitico + núcleo + adjunto adnominal (69,9%) ou de dêitico + núcleo + oração adjetiva (27,7%), ou seja, os GNs dos gêneros analisados apresentam estrutura simples na sua grande

maioria. Notemos a ausência de modificadores complexos nos gêneros de artigo de opinião e crítica de cinema, mas que ocorrem em número razoavelmente grande somente no texto científico (20,9%).

A Tabela 15, a seguir, mostra os elementos prepostos ao núcleo, com surpreendente predominância do artigo definido. A minha expectativa era de que o artigo indefinido ocorresse em maior proporção, já que no Rema se apresentam as informações novas, desconhecidas pelo leitor. Sabemos pela definição de artigo definido dada pelas gramáticas escolares de que este artigo designa um nome “de modo preciso, particular” (Kury e Oliveira, 1986) ou “um ser claramente definido” (Cunha, 1972). Embora esta pesquisa não tenha examinado a razão dessa aparente discrepância, poder-se-ia atribuir a ocorrência de GNs antecidos de artigo definido à presença, também freqüente, de atributos, em especial, as orações adjetivas que, segundo Fox e Thompson (1990), servem como âncora para o nome desconhecido pelo leitor, tornando-o acessível para ele, o que o possibilita ser antecedido pelo artigo definido. Nesse sentido, a presença maciça de adjuntos adnominais parece ter relação com o fator ancoragem.

Tabela 15 - Modificadores pré-núcleo do GN

Gênero	Elementos prepostos ao núcleo			
	artigo definido	artigo indefinido	pronome/numeral	adjetivo
Artigo opinião	36,9%	17,2%	22,7%	42,8%
Texto acadêmico	31,8%	55,2%	50,0%	28,6%
Crítica cinema	31,3%	27,6%	27,3%	28,6%
Total geral de 328 ocorrências	60,4%	17,7%	13,4%	8,5%

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O exame dos GNs do Rema, em seis textos, distribuídos entre três gêneros diferentes, ou seja, artigo de opinião, texto acadêmico e crítica de cinema, mostra-nos a presença majoritária de elementos atributos - oração adjetiva, predicativo do sujeito e adjunto adnominal.

A estrutura dos GNs são simples em sua maioria, constituída de dêitico + núcleo + adjunto adnominal/oração adjetiva. Essa simplicidade estrutural me surpreendeu pois, em se tratando de texto escrito, era de se esperar que fossem complexos, de acordo com a literatura já citada (Halliday, 1987; Chafe, 1992). Notemos a ausência de modificadores complexos nos gêneros de artigo de opinião e crítica de cinema, mas o gênero texto acadêmico apresenta além dessas, estruturas bastante complexa com complementos nominais, adjuntos adnominais repetidos após o núcleo.

Nesses GNs, o artigo definido tem presença maciça (60.4%) contra o indefinido (17.7%), o que também é inesperado, pois se estamos examinando GNs do Rema, que apresenta a informação nova, era de se esperar que os nomes fosse indefinidos. É pelo menos o que nos ensinam a definição de artigo definido dada pelas gramáticas escolares de que este artigo designa um nome “de modo preciso, particular” (Kury e Oliveira, 1986) ou “um ser claramente definido” (Cunha, 1972). Provavelmente, como nos referimos acima, esses GNs devem estar sendo ancorados pelas orações adjetivas, presentes em grande número em todos os gêneros. Da mesma forma, os adjuntos adnominais também devem ter essa função, conforme pesquisa de Oda (2007, no prelo).

Por outro lado, são escassos os casos de adjetivos servindo de pré-modificadores (8.5%) apenas. Já os pronomes e numerais comparecem com maior porcentagem (13.4%).

Portanto, tudo parece indicar que o dinamismo comunicativo se apóia nas orações subordinadas para se efetivar. E que essa efetivação se apóia em grande parte nos atributos, cuja função merece ser estudada nesse sentido.

Dois fatos me surpreenderam: a presença dominante de artigo definido antecedendo a informação nova e a simplicidade, na maioria dos casos, da estrutura dos GNs, na escrita. Nos textos acadêmicos, há a contribuição das nominalizações que propiciam estruturas mais complexas.

O papel das circunstâncias é também importante nesse contexto, pois parece concorrer para explicar o modo como os eventos se realizam, num tempo e num espaço também determinados por elas. Há ocorrência de comparações, com a ocorrência da preposição 'como', para explicar através de comparações o conteúdo mais difícil de apreender. Pelos seis textos estudados, pode-se também verificar que as orações substantivas têm pouca influência nesse dinamismo.

Creio que o exame de textos reais mostra a dificuldade de estabelecer critérios seguros para a delimitação do Tema, e conseqüentemente do Rema. Por outro lado, a relação do Rema e da informação nova também é complexa, já que ser Dado ou ser Novo depende de fatores contextuais nem sempre ao alcance do pesquisador. Tenho consciência de que o trabalho não está terminado, mas, por enquanto, acredito que pude contribuir um pouco para o esclarecimento de algumas questões que envolvem o GN.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. SP: Martins Fontes, 1997.
- BATES, E. *Language and context: The acquisition of pragmatics*. NY: Academic Press, 1976.
- BATHIA, Vijay K. *Analysing genre – Language use in Professional settings*. Londres: Longman, 1993.
- BHATIA, Vijay K. Genre analysis and world Englishes. In: KACHRU, Braj B. & SMITH, Larry E. [s.n.]. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.
- BERRY, Margareth. Thematic options and success in writing. In: GHADDESSY, MOHESEN. *Thematic Development in English Texts*. NY: Pinter, 1995.
- BORBA, Francisco S. *Uma gramática de valências para o português*. São Paulo: Ática, 1996.
- BROWN, G. & G. Yule, *Discourse Analysis*. [S.l.]: Cambridge University Press, 1983.
- BRUTI, Silvia. *The modifying element*. Anno accademico 2002/2003 Facoltà di Lettere e Filosofia Corso di Laurea in Lingue e Lingua Inglese 1, 2003.
- CÂMARA JR., J.M. *História da estrutura da língua portuguesa*. 3.ed. RJ., 1979.
- CHAFE, W.L. Language and consciousness. *Language* 50, [S.l.], 1974. 22p.
- CHAFE, Wallace I. Givenness, contrastiveness, definiteness, subjects and topics. In: LI, N.C. *Subject and Topic*, NY: Academic Press, 1976.
- CHAFE, Wallace L. The Deployment of Consciousness in the Production of a Narrative. In: CHAFE, Wallace L. (ed.) *The Pear Stories – Cognitive, Cultural, and Linguistic Aspects of Narrative Production*. NJ: Ablex Publ.Co., 1980.
- CHAFE, W.L. & DANILEWICZ, J. Properties of spoken and written language. In: HOROWITZ, R, SAMUELES, S. J. (Orgs.). *Compreending oral and written language*. New York: Academic Press, 1987. 28p.
- CHAFE, Wallace. The flow of ideas in a sample of written language. In: MANN, William C. & THOMPSON Sandra A. (eds), *Discourse description – Diverse linguistic analyses of a fund-raising text*. Amsterdam: John Benjamins, 1992.

- CLORAN, Carmel. Defining and relating text segments: Subject and Theme in Discourse. In: HASAN, Ruqaiya & FRIES, Peter H. (eds) *On Subject and Theme – A Discourse Functional Perspective*. Amsterdam: John Benjamins Publ.Co., 1995.
- CRYSTAL D. *The English tone of voice*. [s.n.] Londres: St. Martin, 1975.
- CUNHA, Celso. *Língua portuguesa e realidade brasileira*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1972.
- DAHL, Ö. Topic-comment structure in a generative grammar with semantic base. In: DANEŠ, Frantisek. *Papers in functional sentence perspective*, The Hague: Mouton, 1974.5p.
- DANEŠ, Frantisek (ed.) *Papers on Functional Sentence Perspective*. The Hague: Mouton, 1974.
- DEZSÖ, L. & SZÉPE, G. Contribution to the topic-comment problem. In: Ö. Dahl (ed.) *Topic and comment, contextual boundness and focus*. Hamburg: Buske., 1974.28p.
- DEZSÖ, L. & SZÉPE, G. Two problems of topic-comment. In: DANEŠ, Frantisek (ed.). *Papers on Functional Sentence Perspective*. The Hague: Mouton, 1974b,5p.
- EGGINS, Susanne. *An Introduction to systemic Functional Linguistics*. London: Pinter, 1994.
- ENKVIST, N.E. A note towards the definition of text strategy. *Zeitschrift für Phonetik, Sprachwissenschaft und Kommunikationsforschung*, 40 (1), 1987. 8p.
- ENKVIST, N.E. *Linguistic Stylistics*. The Hague: Mouton. 1973.

- FIRBAS, J. (no prelo a). Carriers of communicative dynamism. *Prague Studies in English* 18.[s.d]
- FIRBAS, J. Exploring Vilém Mathesius' Use of the Term Theme (Part II). *Linguistica Pragensia*. 2/96,1996. 23p.
- FOX, B. A. & THOMPSON, S. A. A discourse explanation of the grammar of relative clauses in English conversation. *Language*, v. 66, n. 2, 1990. 19p.
- FOWLER, R. *Language in the news*. NY: Routledge, 1991.
- FRIES, P.H. *On the Status of Theme in English: Arguments from Discourse*. Forum Linguisticum 6 (1{38}).? 1981.
- FRIES, P. H. On Theme, Rheme and discourse goals. In: COULTHARD, Malcom (ed), *Advances in Written Text Analysis*. London: Routledge and Kegan Paul.1994. 20p.
- FRIES, P.H. A personal view on theme. In: GHADESSY, M. (ed) *Thematic development in English texts* Londres: Pinter, 1995. 18p.
- FRIES, Peter H. Post Nominal modifiers in the English noun phrase. In: COLLINS, Peter & LEE, David. *The Clause in English*. Amsterdam: John Benjamin Publishing Company, 1999.
- FRIES, Peter H. Toward a componential approach to text. In: GIBBONS, John, NICHOLAS, Howard & HALLIDAY, M.A.K. (eds), *Learning, Keeping and Using Language: Selected Papers from the Eighth World Congress of Applied Linguistics, Volume 2*. Amsterdam: John Benjamins, 1990.17p.
- FRIES, Peter H. Issues of Structure and Interpretation in the English Nominal Group. In: VILLIERS, Jessica de & ROBERT J. Stanton (eds.) *Communication in Linguistics Vol. I*. Toronto: Éditions du Gref, 2001.
- FRIES, Peter H. The flow of information in a written text. In: FRIES, CUMMINGS, LOCKWOOD, and SPRUIELL (eds.), *Relations and functions in language and discourse*. London: Continuum Press, 2002. 29p.
- FRIES, U. Theme and Rheme revisited. In R.J. Watts & U. Wedmann (eds.) *Modes of interpretation: Essays presented to Ernst Leisi on the occasion of his 65th birthday*. Tübingen, Germany: Narr, 1984. 15p.
- GLEASON, H.A. *Introduction to Descriptive Linguistics*. Manuscrito não publicado (3.ed.) s.d.
- GÓMES-GONZÁLES, María Ángeles, *The theme-topic interface – Evidence from English*. Amsterdam: John Benjamins, 2000.

GOUTSOS, Dionysis. *Modeling discourse Topic: Sequential relations and strategies in expository text*. NJ: Ablex, 1997.

_____. Texture in translation: Thematic aspects of English and Greek texts. In *Proceedings of the 6th International Symposium on the Description and/or Comparison of English and Greek, 15-17 April, 1992*. Thessaloniki, Greece: Aristotle University, 1992. 29p.

GOUVEIA, Carlos A.M. e L.Barbara. Marked or unmarked, that is not the question. The question is: Where's the theme? *Ilha do Desterro* 46, 2004. 22p.

HAJIČOVA, E. Topic/focus and related research. In: P.A. Luelsdoorff (ed.) *The Prague School of Structural and Functional Linguistics: A Short Introduction*. Amsterdam: John Benjamins, 1994. 30p.

HAKULINEN, A. Some notes on thematics, topic and typology. In: E. Conte, J. Petöfi & E. Sözer (eds.) *Text and discourse connectedness*. Amstaerdam: Benjamins, 1989. 10p.

HALLIDAY, M.A.K. *Notes on transitivity and theme in English*. *Journal of Linguistics* 3(1), 37–81, 3(2), 199–244, 4(2), 179–215, 1967/8.

HALLIDAY, M.A.K. Language structure and language function. In: LYONS, J. (ed.), *New horizons in linguistics*. Harmondsworth: Penguin, 1970. 25p.

HALLIDAY, M.A.K. *Language as Social Semiotic: the Social Interpretation of Language and Meaning*. Edward Arnold, London, 1978.

HALLIDAY, M.A.K. *Introduction to Functional Grammar*. Edward Arnold, London, 1985.

HALLIDAY, M.A.K. & HASAN, R. *Language, context, and text: Aspects of language in a social-semiotic perspective*. Geelong, Australia: Deakin University, 1985/1989.

HALLIDAY, M.A.K. Text as semantic choice in social contexts. In: T.A. van Dijk & J. Petöfi (eds.), *Grammars and descriptions*. Berlin: Walter de Gruyter, 1977. 49p.

HALLIDAY, M.A.K. Spoken and written modes of meaning. In: HOROWITZ, R., S.Jay Samuels, (eds). *Comprehending oral and written language*. NY: Academic Press, 1987. 27p.

HALLIDAY, M.A.K. *Spoken and Written Language*. Oxford University Press, Oxford, 1989b.

HALLIDAY, M.A.K. & MATHIESSEN, C.M.I.M. *An introduction to functional grammar*. Londres: Arnold, 2004.

HALLIDAY, M. A.K. *Language as social semiotic*. Londres: Edward Arnold, 1978.

HALLIDAY, M. A.K. *An introduction to functional grammar*. Edward Arnold, 1994.

- HALLIDAY, M.A.K. The place of 'functional sentence perspective' in the system of linguistic description. In: DANEŠ, F.(ed.) *Papers on Functional Sentence Perspective*. The Hague: Mouton, 1974.
- HALLIDAY, M. A. K. *Halliday: system and function in language*. Seleção e org. G. Kress. Oxford: Oxford University Press, 1976.
- HASAN, Ruqaiya & FRIES, Peter H. (eds) *On Subject and Theme – A Discourse Functional Perspective*. Amsterdam: John Benjamins Publ.Co., 1995.
- HORI, M. Subjectless and honorific in Japanese. In R. Hasan & P. Fries (eds.), *On subject and theme: A discourse functional perspective*. Amsterdam: Benjamins, 1995. 34p.
- HUDDLESTON, R.D. *Introduction to the grammar of English*. Cambridge: Cambridge University Press, 1884.
- HUDDLESTON, R.D. *Further remarks on Halliday's functional grammar: a reply to Matthiessen and Martin*. Occasional Papers in systemic Linguistics 5, 1991. 55p.
- KATO, M.A. A seqüência Adj+N em português e o princípio da harmonia transcategorial. *Letras & Letras* 4.1-2, 1998. 8p.
- KOKTOVÁ, E. Wh-extraction and the topic-focus articulation of the sentence. In: B.H.Partee e P.Sgall (eds) *Discourse and meaning: Papers in honor of Eva Hajičova*. Amsterdam: Benjamins, 1996. 16p.
- KRESS, G. Commentary: *Media discourse – extensions, mixes, and hybrids: Some comments on pressing issues*. *Text* 24.3, 2004. 3p.
- KUNO, Susumu. *The Position of Locatives in Existential Sentences*. *Linguistic Inquiry* 2, 1971. 45p.
- KURY, Adriano da Gama & OLIVEIRA, Ubaldo Luiz de. *Gramática Objetiva (1)*. São Paulo: Atlas, 1986.
- LAMBRECHT, K. *Information structure and sentence form*. Cambridge: Cambridge University, 1994.
- LAUTAMATTI, L. Observations on the development of the topic in simplified discourse. In: KOHONON & E. Enkvist (eds.) *Text linguistics cognitive learning and language teaching*, Turku, Finland: Finnish Association for Applied Linguistics, 1978.
- LEONG PING, Alvin. *The Inference-Boundary Model: Reinterpreting Theme and Rheme*. *Language Sciences* 22 (1): 1–26, 2000a.
- LEONG PING, Alvin. *Theme and Rheme: An Alternative Account*, 2004. 329p.

LEONG PING, Alvin. *Talking themes: the thematic structure of talk*. Discourse Studies 7.6, 2005. 31p.

MARTIN . J.R. Talking Themes: the thematic structure of talk, 1983. In: WHITTAKER, Rachel. *Theme, processes and the realization of meanings in academic articles*. In: GHADDESSY, Mohsen, *Thematic Development in English Texts*. NY: Pinter, 1995.

MARTIN, J. R. Functional components in a grammar: A review of deployable recognition criteria. *Nottingham Linguistic Circular*, 13, 1985b. 35p.

MARTIN, J.R. *English text: system and structure*. Philadelphia and Amsterdam: John Benjamins, 1992.

MATHESIUS, Vilém. *estina a obecný jazykozpyt*, Praga: Melantrich, 1947.

MATHESIUS, V. 1961. In: J.Vachek (ed.) *A functional analysis of present day English on a general linguistic basis*. Praga: The Hague: Mouton, 1975.

MATTHIESSEN, Christian. Theme as an enabling resource in ideational 'knowledge' construction. In: GHADDESSY, Mohsen *Thematic Development in English Texts*. NY: Pinter, 1995.

MONTE, Carolina. *Como o computador deve concordar o adjetivo com o substantivo*. <http://www.filologia.org.br/viiiicnlf/anais/caderno14-05.html>. Acesso em 15/10/2006.(black)

MOORE, Stephen H. Managing rhetoric in 'smart' journalism: Generic and semantic contours. *Text & Talk* 26.3, 2006. 30p.

NEGRÃO, E.V. *O português brasileiro: uma língua voltada para o discurso*. Tese de livre docência, USP, São Paulo, 1990.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora da UNESP, 2000.

ODA, Ivone Hiromi.

- PERINI, Mário A. *Para uma nova gramática do português*. SP: Editora Ática, 1986.
- PRINCE, E.F. Toward a taxonomy of given/new information. In: P.Cole (ed.), *Radical Pragmatics*. NY: Academic Press, 1981. 29p.
- PRINCE, E.F. The ZPG letter: Subjects, definiteness, and information-status. In: STHOMPSON, S. & MANN, W. (eds), *Discourse Description: Diverse analyses of a fundraising text*. Amsterdam and Philadelphia: Benjamins. 1992. 30p.
- QUIRK, R. et al. *A comprehensive grammar of the English language*. Londres: Longman, 1985.
- GREENBAUM, S. & R. Quirk. *A Student's Grammar of the English Language*, London: Longman, 1990.
- RADFORD, A. *Transformational Grammar: A First Course*. NY: Cambridge University Press, 1988.
- RAVELLI, L.J. A Dynamic Perspective: Implications for metafunctional interaction and an understanding of theme. In: VIRTANEN, T. *Discourse functions of adverbial placement in English: Clause-initial adverbials of time and place in narratives and procedural place descriptions*. Abo, Finland: Abo Academy Press, 1992.
- REYNOLDS, Mike. The blending of narrative and argument in the generic texture of newspaper editorials. *International Journal of Applied Linguistics* 10.1, 2000. p. 25-40.
- ROSE, David. Some variations in Theme across languages. *Functions of Language* 8.1, 2001.
- RUSH, Susan. The noun phrase in advertising English. *Journal of Pragmatics* 29, 1998. 16p.
- SGALL, P. Focus and Contextual Boundness. In: Ö. Dahl (ed.) *Topic and comment, contextual boundness and focus* (65-93). Hamburg: Buske., 1974.
- SGALL, P. On the nature of topic and focus. In: H.Ringbom (ed.) *Style and Text: Studies presented to Nils Erik Enkvist*. Stockholm: Apräkförlaget Skriptor AB., 1975. p.409-15.
- SILVA, Ademar da & DALLA PRIA, Albano. *A ordem variável do adjetivo em anúncios jornalísticos do séc XVIII: uma questão semântico discursiva*. *Alfa* 45 (71-73), 2001.
- TARALLO, F. *Tempos Lingüísticos – Itinerário histórico da língua portuguesa*. SP: Ática, 1994.
- THOMPSON, Geoff. *Introducing Functional Grammar*. London: Arnold, 1996.
- THOMPSON, Geoff *Interaction in Academic Writing: Learning to Argue with the Reader*. In: *Applied Linguistics* 22/1, 2001. p. 58-78

THOMPSON, Geoff. *Introducing Functional Grammar*. Londres: Arnold. 2004.

VANDE KOPPLE, W.J. Themes, thematic progression, and some implications for understanding discourse, *Written Communication* 8.3, 1991. p. 311-347.

VENTOLA, E. *Thematic development and translation*, in GHADESSY, M. (ed), *Thematic development in English Texts*. London & New York: Pinter, 1995. p.85-104.

WARD, Gregory & BIRNER, Betty. Discourse and Information Structure. In: SCHIFFRIN Deborah et al. (eds) *The handbook of Discourse Analysis*. Oxford: Blackwell Publishing, 2001.

WEIL, H. *De l'ordre des mots dans les langues anciennes comparées aux langues modernes*. Monograph, 1844.

WHITTAKER, Rachel. Theme, processes and the realization of meanings in academic articles. In: GHADESSY, Mohsen. *Thematic Development in English Texts*. NY: Pinter, 1995.

ANEXOS

TEXTO 1

O ATAQUE CARECA

Túlio Kahn

FSP

O episódio recente do assassinato do adestrador de cães Edson Neris da Silva em plena praça da República por um grupo de carecas, somado às agressões contra imigrantes marroquinos na Espanha e à eleição do Partido da Liberdade na Áustria, despertou novamente a atenção da sociedade para a questão dos "incidentes de ódio".

As discussões durante a semana passada foram travadas muito em torno de aspectos até certo ponto secundários, como as diferenças entre punks, skinheads e carecas, o que vestem e que músicas ouvem, que locais frequentam ou qual o perfil dos seus integrantes, deixando de lado a questão mais crucial: qual é afinal o perigo que a existência desses grupos representa para a sociedade brasileira?

Desde as ameaças, os tiros e as inscrições antinordestinas na Rádio Atual, em 1992, as ações desses grupos vêm sendo monitoradas pela imprensa e pelas autoridades, e ora uma, ora outra facção tem sido apresentada como responsável por pichações difamatórias, depredações, ameaças a lideranças de minorias, difusão de idéias racistas, homofóbicas, separatistas e anti-semitas por meio de panfletos, fanzines ou pela Internet. Também foram responsabilizadas pelo envolvimento em incidentes mais graves e raros, como o envio de bombas caseiras a instituições como a Anistia, estupros, agressões físicas e assassinatos.

A morte de Neris da Silva, atacado porque "parecia homossexual", foi, segundo um levantamento feito na imprensa desde 1992, o nono homicídio que pode ser atribuído aos grupos de extrema direita. Muitos outros "inimigos" foram surrados seguindo o mesmo padrão: ataques de muitos contra poucos indefesos, escolhidos aleatoriamente pelo simples fato de ser negros, nordestinos, gays, punks ou judeus.

Mas, mais que um perigo físico para as minorias - estatisticamente baixo num país onde ocorrem 37 mil homicídios dolosos por ano e um homossexual é assassinado a cada dois dias -, o perigo representado por esses grupos é de outra natureza, mais simbólica.

Em primeiro lugar, é preciso ser cauteloso com aqueles que se apresentam como herdeiros de doutrinas que no passado foram responsáveis pelo sofrimento e pela morte de milhões de pessoas. Mas, acima de tudo, esses grupos são perigosos porque defendem bandeiras e idéias que se encontram adormecidas na sociedade, ainda hoje, mesmo que em versões mais moderadas. Idéias que não se restringem a alguns poucos extremistas e são mais difundidas do que seria desejável.

Conheço bons cidadãos, que não se julgam racistas nem de extrema direita, tampouco andam de cabeças raspadas, que compartilham em algum grau noções do tipo "o Sudeste sustenta o resto do país", "nossas prisões estão cheias de negros e nordestinos", "os gays são os responsáveis pela epidemia da Aids"; que xingam os demais de "baianos" e afirmam que jamais votariam numa nordestina ou num negro para a prefeitura.

São cidadãos que não calçam coturnos, mas que rejeitariam uma instituição de aidéticos ou uma unidade da Febem perto de suas casas.

TEXTO 2**Anna Rachel Machado****Delta****Uma experiência de assessoria docente e de elaboração de material didático para o ensino de produção de textos na universidade.****Introdução**

Este artigo centra-se no relato e na análise de parte de uma experiência de assessoria docente voltada para a implementação de modificações no ensino de produção de textos na universidade, na qual elaboramos material didático pertinente para alunos universitários do primeiro ano das áreas pertencentes às Ciências Humanas, como uma das atividades previstas em um projeto mais amplo de intervenção didática, o *Projeto Cultura da Escrita: atividades de leitura e de produção de textos na universidade* (Rangel et alii., 1998).

Trata-se aqui, portanto, também de uma experiência de transposição didática, na qual dois assessores docentes, junto a nove professores universitários, partiram de um conjunto de conhecimentos científicos e práticos para a construção de uma seqüência didática (ou módulo didático, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais para Língua Portuguesa (cf. Bräkling et alii., 1998: 80) voltada para o ensino-aprendizagem de um gênero específico, o artigo de opinião. A transposição didática é por nós compreendida como o conjunto das transformações que um determinado corpo de conhecimentos científicos invariavelmente sofre, com o objetivo de ser ensinado, implicando, necessariamente, determinados deslocamentos, rupturas e transformações diversas nesse conjunto de conhecimentos, e não como uma mera aplicação de uma teoria de referência qualquer. No nosso caso específico, os conhecimentos científicos de que nos servimos provieram, basicamente, como se verá na próxima seção, do chamado interacionismo sócio-discursivo.

Nossa hipótese central, nesse trabalho, era a de que a elaboração do material didático deveria ter a participação efetiva dos professores da universidade, uma vez

que essa participação poderia lhes dar o estatuto de agentes responsáveis por todo o processo e lhes forneceria uma possibilidade efetiva de transformação/refinamento de seus saberes e de suas práticas didáticas.

Assim, mantínhamos a hipótese de que a

TEXTO 3

Crítica Especial do Filme "O CÓDIGO DA VINCI" por Vinicius Vieira - vvinicius@hotmail.com, acesso em 9/10/06

Começou a corrida anual dos blockbusters, e o primeiro exemplar é o esperadíssimo "O Código Da Vinci", que em um final de semana já provou que vai lutar entre os grandes. Só nos Estados Unidos foram 77 milhões de dólares, numero que aumenta para 224 milhões de bilheteria pelo mundo.

Mas mesmo com todo esse dinheiro, a adaptação do mega best-seller de Dan Brown vem fazendo um rastro de péssimas críticas, a começar pela especializada, que em Cannes, festival que abriu, já fez questão de deixar clara sua indignação pelo filme, e com razão, o filme simplesmente não funciona.

Para quem esteve abduzido por extra-terrestres nos últimos anos, o livro conta a história do professor de simbologia de Harvard Robert Langdon, que em uma viagem a França acaba dando de frente com o misterioso assassinato do curador do importante museu do Louvre, além de ser acusado pelo crime, o professor, junto com a especialista em criptografia da polícia parisiense Sophie Neveu, ainda dão de cara com um segredo que pode mudar a história do catolicismo e do mundo, ao mesmo tempo que são perseguidos pela própria lei e por um monge albino.

Tirar o mérito literário da obra é um pouco de petulância. Além de ser um livro ágil, com ótimos personagens, uma história que te prende, e um assunto que todo mundo se interessa, o livro tem um ritmo de filme do começo ao fim, e era só questão de tempo até ele ir para as telas, mas quando chegou... decepcionou.

A meu ver, o maior problema do filme ficou na sua pré-produção, mais exatamente na hora de escolher a equipe técnica, mais precisamente nos quesitos direção e roteiro.

Na cadeira de diretor aparece Ron Howard, ganhador do Oscar por "Uma Mente Brilhante", que por si só já é fraquinho, e voltando no tempo a qualidade só piora. Não que ele seja um cineasta ruim, mas sim um comum, que nunca tentou se expor,

escolhendo sempre o caminho mais ordinário, o famoso arroz com feijão, e para um projeto polêmico como “O Código Da Vinci” esperava-se algo mais inovador. Howard deixa o filme chato, arrastado e óbvio, desde o mais básico ângulo de câmera até o menor movimento de câmera, tudo é comum de mais, com direito àquelas cenas onde você é obrigado a ver por repetidas vezes algum personagem pensando ou fazendo cara de que está entendendo tudo enquanto outro explica alguma coisa. E tudo piora quando o assunto é a tensão e a ação, o diretor consegue fazer uma das perseguições de carro mais ridículas do cinema, além de perder a mão totalmente do filme do meio para seu fim.

Mas talvez o estrago não fosse tão grande se o “mestre” Akiva Goldsman não tivesse ficado a frente do roteiro. Responsável por pérolas de roteiros como “Batman Forever”, “Batman & Robin” e “Perdidos no Espaço”, ele escreveu o ótimo “Uma Mente Brilhante”, que some dentro da besteira que é seu currículo. Mas vamos ao que interessa, “O Código Da Vinci”, e esse, é mais fácil dizer que figurará na lista de roteiros dele longe do lado “Brilhante” dela.

Direção: Ron Howard

Estréia: 19 de Maio de 2006 (EUA e Brasil)

Gênero: Suspense

Distribuidora: Columbia Pictures

TEXTO 4
POBRE ELEITOR
MARIA D' ALVA GII. KINZO
Folha de São Paulo 30/09/06

Que o sistema político brasileiro funciona, atesta o fato de o país seguir andando a despeito das graves crises políticas e econômicas pelas quais passou ao longo destas duas décadas de experiência democrática. Mas, daí a afirmar que o sistema político funciona bem, vai uma longa distância.

Basta olhar para os resultados em desenvolvimento econômico e social que os sucessivos governos produziram para constatar que, de fato, mal saímos do lugar. E isso tendo passado por governos liderados por figuras políticas de perfis tão diversos como os de Collor e Lula, Itamar e FHC.

É certo que foram muitos os obstáculos. Além das dificuldades econômicas que cada um desses governos enfrentou, para não falar das opções equivocadas de uns ou mal-intencionadas de outros, há fatores de ordem político-institucional. Quer se goste ou não, é difícil negar os problemas institucionais que dificultam a eficácia governativa, ou seja, a capacidade de produzir e implementar políticas.

De fato, são próprios do regime federativo e da forma presidencialista de governo a dispersão do poder, o que por si só torna mais complexas as tarefas de um governo nacional, ainda mais quando é nessa esfera que, no Brasil, se concentra a maior parte das decisões sobre políticas públicas.

Se a isso agregamos um sistema pluripartidário exacerbado e partidos com baixa lealdade partidária, o processo decisório governamental se torna ainda mais complicado. O Legislativo - palco do embate entre governo e oposição - deixa de ser a principal arena de negociação sobre políticas públicas para ser substituído pelas antesalas dos mais diferentes órgãos governamentais, onde negociações heterodoxas têm lugar.

Pode-se argumentar que o problema não é a estrutura, mas de quem nela está - os políticos. É possível que sejam eles, ou uma boa parcela deles. Mas quem os escolhe somos nós. O que me leva a um segundo ponto: o processo eleitoral, do qual participaremos amanhã.

Pobres de nós, eleitores! "Está nas nossas mãos" decidirmos quem vai nos governar nos próximos quatro anos, como apregooou o TSE ao longo da campanha. Mas, como decidir, de forma a tentar acertar desta vez, com tão pouca informação circulando sobre as diferentes candidaturas?

Já é escassa a informação para as eleições majoritárias, mas, pelo menos, temos condições de formar uma idéia sobre os candidatos. Mas, e nas eleições para deputado federal e estadual? Mesmo os eleitores mais comprometidos com o dever cívico se sentem perdidos na tentativa de contribuir para melhorar a composição dos membros da Casa mais importante da democracia representativa - a Câmara dos Deputados.

Ainda que sejamos muito criteriosos na hora de votar, não teremos certeza se nossa decisão se efetivará.

Refiro-me ao sistema de representação proporcional de lista aberta com extensas circunscrições, em que o eleitor vota num candidato individual (ou partido, caso não tenha uma escolha), e são eleitos os mais votados de um determinado partido ou aliança, de acordo com o número de cadeiras obtidas, em função da votação total.

Tomemos um eleitor fictício - alguém que teve o esforço de cavar informação para definir seu candidato a deputado, um dos que preenchem os requisitos mínimos para o exercício de um cargo público. Ao votar nesse candidato, é possível que o eleitor contribua para a eleição de seu escolhido.

MARIA D'ALVA GIL KINZO, 55, doutora pela Universidade de Oxford e livre-docente pela USP, é professora do Departamento de Ciência Política da USP.

TEXTO 5**MODALIZAÇÃO: DA LÍNGUA AO DISCURSO****José Luiz FIORIN****ALFA Revista de Lingüística 44. - 2000 - Editora UNESP****Introdução**

Os caminhos da constituição de uma teoria das modalidades na Semiótica francesa

A Semiótica é uma teoria gerativa, porque (ela) concebe o processo de produção do texto como um percurso gerativo, que vai do mais simples e abstrato ao mais complexo e concreto, num processo de enriquecimento semântico. Isso significa que (ela) vê o texto como um conjunto de níveis de invariância crescente, cada um dos quais suscetível de uma representação metalingüística adequada. O percurso gerativo de sentido não tem um estatuto ontológico, ou seja, não se afirma que o falante, na produção do texto, passe de um patamar ao outro num processo de complexificação semântica. Constitui ele um simulacro metodológico, para explicar o processo de entendimento, em que o leitor precisa fazer abstrações, a partir da superfície do texto, para poder entendê-lo.

Por outro lado, a idéia do percurso gerativo de sentido parte da constatação de que é preciso explicar o fato de que o discurso é da ordem da estrutura e do acontecimento. Assim, é necessário detectar invariantes, mas também (é necessário) descrever a variabilidade histórica que reveste essas invariantes. O modelo não é genético, mas gerativo, ou seja, (ele) busca ser preditivo e explicativo.

O percurso gerativo é constituído de três patamares: as estruturas fundamentais, as estruturas narrativas e as estruturas discursivas. Vale lembrar que (nós) estamos no domínio do conteúdo. As estruturas discursivas serão manifestadas como texto, quando se unirem a um plano de expressão no nível da manifestação. Cada um dos níveis do percurso tem uma sintaxe e uma semântica.

Por razões históricas, o nível narrativo foi o mais bem explorado até hoje, o que não significa, porém, que os outros níveis não tenham tido desenvolvimento. Na primeira fase, a da constituição do percurso gerativo, a Semiótica aplica-se a estudar os simulacros da ação do homem no mundo presentes nas narrativas. Elabora (ela seja) assim uma teoria da *performance*. A narratividade é entendida como "uma transformação de estado, operada pelo fazer transformador de um sujeito que age sobre o mundo em busca de determinados valores investidos no objeto" (Barros, 1995, p.85). (ela) Analisa os conflitos entre sujeitos que buscam o mesmo objeto. Para (ela) desenvolver essa teoria da ação, (ela) transformou a noção proppiana de função na noção de enunciado narrativo (ibidem, p.82-5). O conceito de função em Propp diz respeito a unidades sintagmáticas constantes sob a multiforme superfície das narrativas. A sucessão dessas invariantes constitui o relato. Essa noção foi precisada com o conceito de enunciado narrativo. Há dois tipos de enunciados elementares, o de estado e o de fazer, que derivam da existência de duas relações-função: a junção (conjunção e disjunção) entre um sujeito e um objeto e a transformação, que é a mudança de uma relação de junção. Dessa noção de enunciado narrativo decorre o fato de que é possível prever organizações hierarquizadas de enunciados. Estes se organizam em programas narrativos (um enunciado de fazer regendo um enunciado de estado), em percursos narrativos (encadeamentos lógicos de programas narrativos em que um programa pressupõe outro) e em seqüências narrativas (em que se organizam os percursos narrativos). Com isso, constrói-se uma sintaxe narrativa hierarquicamente organizada e não uma simples sucessão de unidades sintagmáticas, como previa o modelo proppiano. Nessa sintaxe, vai-se do programa ao percurso e deste à seqüência, estabelecendo um modelo de previsibilidade da narrativa, que pode dar conta da especificidade de cada relato singular, dado que esses níveis são empregados recursivamente e que têm um desdobramento polêmico. De um lado, programas, percursos e seqüências podem ser repetidos indefinidamente, (eles) encaixando-se, (eles) sucedendo-se etc.; de outro, toda narrativa tem uma dimensão polêmica (cf. Barros, 1995, p.83): a um sujeito corresponde um anti-sujeito; a uma apropriação, um desapossamento. Isso quer dizer que um relato pode ser feito de dois pontos de vista: um roubo pode ser contado do ponto de vista do ladrão ou da vítima; a história da Gata

Borracheira pode ser relatada do ponto de vista da órfã submetida a duros trabalhos e da madrasta e suas filhas, do príncipe que procurava uma esposa e da moça que perdeu o sapatinho. Essa sintaxe vai do mais simples ao mais complexo.

TEXTO 6**Filme: Candy****Crítico: Humberto Pereira da Silva****Revista de cinema**

“Candy” mostra um mundo mais individualista

Sexo, drogas e rock and roll ditaram o caminho das gerações dos anos 60 e 80 em um contexto histórico e cultural bastante específico. Foram os anos da psicodelia, da guerra do Vietnã, do engajamento político, da busca por novas experiências transgressivas que chocassem a sociedade “careta”. Autores como Reich, Eric Fromm, Freud e Foucault estavam na moda e as incursões de uma juventude “sem destino” pelo caminho das drogas tinha muito de libertação. O cinema registrou os anseios e incertezas dessa geração em filmes que o tempo cristalizou: “Easy Rider” (“Sem Destino”), “Hair”, “Woodstock, Onde Tudo Começou”, “Apocalypse Now”, “Sid and Nancy”, entre outros.

Passada a euforia da geração “paz e amor”, que orientou seus caminhos pela liberação sexual e consumo de drogas numa oposição aos valores burgueses e individualistas, nos chega em seguida uma geração com uma visão de mundo mais individualista, mais refratária ao ideal hippie. Sexo e drogas passam a ocupar menos o papel de afronta aos comportamentos vigentes do que o lado B num mundo em que se é facilmente seduzido pelo ideal de ajuste social.

Se hoje o rock não tem mais o mesmo peso que antes para agregar a juventude, se o binômio sexo/drogas não tem mais o mesmo papel nos rumos da juventude, não é menos verdade que, pelo menos estes últimos, sejam página virada. É por isso que o diretor australiano Neil Armfield se aproveita do tema em seu “Candy” e exhibe as tensões e impasses de um casal toxicomaniaco dos dias de hoje.

Com um roteiro por demais previsível, “Candy” conta a história do casal de jovens australianos Candy e Dan. Ela, uma pintora promissora, e ele, um poeta

ocasional. Os dois, sustentados por um mentor egresso da geração woodstock, vivem o cotidiano do paraíso pelo mundo das drogas. Não trabalham, não têm laços fortes com padrões sociais e, quase que sem muita razão de ser, encontram amparo no vício. Para sustentá-los, no entanto, não podem contar apenas com o mentor. Por isso, de forma até certo ponto meio culpada e meio inocente, ambos acabam enveredando por um caminho mais perigoso. A falta de dinheiro os conduz à prostituição e a “pequenos” roubos e golpes. A situação se adensa até o ponto em que Candy tem um surto e se interna numa clínica.

Armfield é um diretor bem comportado, o roteiro, que ele assina em parceria com Luke Davies, segue direito os manuais de filmes sobre adolescentes “problemáticos”. Pode-se dizer, sem risco de leviandade, que “Candy” não choca nem passa a sensação de que veio para ficar. É um filme a se ver tranqüilamente e sair do cinema sem o sentimento de catarse. “Candy” é demasiado banal para se pensar em um retrato da geração atual. A Austrália, as relações familiares, a “moçada” nas baladas movidas a doses de heroína são apresentadas numa silhueta incompleta e vacilante. Faltam, de fato, personagens vivos nesse filme de Armfield.

Destaca-se ainda - num mundo em que o rock não dá as cartas para a maioria da juventude - a falta de eletro music, de tecno, de trance. Na trilha musical Armfield fez opção por eruditos distintos como Mozart e Arvo Part. Por isso, vale uma visada em “Candy” pela curiosa trilha musical.

Candy (Austrália, 2006, 116 min.)

Direção: Neil Armfield

Elenco: Heath Ledger, Abbie Cornish, David Argue, Paul Blackwell

Distribuição: Califórnia Filmes

Estréia: dezembro (a confirmar)

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)